UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

VALENTINA MEDRANO COLEY

As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-
americanos dos países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia

São Paulo

2019

VALENTINA MEDRANO COLEY

As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-
americanos dos países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia

(versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo como
requisito para obtenção do título de Doutora
em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Profª. Dra. Yvette Piha
Lehman

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVECCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catologação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo

Medrano, Coley, Valentina.

As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-americanos dos países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia /Valentina Medrano Coley; Orientadora Yvette Piha Lehman. - São Paulo 2019.

149 f.

Tese (Doutorado- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo.

1. Empreendedorismo Social 2. Construções identitárias do trabalho 3. História de vida

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Valentina Medrano Coley
Título: As construções identitárias de trabalho de
empreendedores sociais latino-americanos dos
países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Doutora em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Social

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me presentear com esta oportunidade única.

A minha mãe e irmã por serem a minha inspiração e exemplo de luta e perseverança.

A Felipe meu amor e melhor amigo

A professora Yvette por ser mais que uma orientadora, por ser uma maestra da vida.

Aos empreendedores sociais que com o maior carinho abriram suas histórias de vida para mim.

A minhas irmãs brasileiras Tamara, Ariane e Vanessa por fazer desta uma jornada mais leve.

Ao Cubo Social por ser meu projeto de vida, o motivo que me mobiliza e me faz uma melhor pessoa cada dia.

RESUMO

Medrano, Coley, V. (2019). *As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-americanos dos países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

O objetivo da pesquisa é compreender como ocorre o processo de construção identitária de trabalho em empreendedores sociais de quatro países latino-americanos: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia. E especificamente, descrever a trajetória de carreira dos empreendedores sociais participantes do estudo, analisar os pontos de inflexão que possibilitaram a identidade como empreendedores sociais e comparar as diferenças e semelhanças entre construções identitárias dos empreendedores sociais dos diferentes países. Propõe-se neste projeto um estudo qualitativo e descritivo por meio da análise da história de vida. As narrativas dos empreendedores sociais mostraram pontos de inflexão relacionadas com a construção da sua trajetória de trabalho dentro do empreendedorismo social, caracterizada pela influência de fatores familiares, econômicos, pelas dinâmicas de trabalho e crescimento do empreendimento social liderado e pelo contato com redes de apoio nacionais e internacionais. A partir da análise das similitudes destes pontos de inflexão dos participantes, foi realizada uma categorização das diferentes construções identitárias de trabalho dos empreendedores sociais; A primeira, construções identitárias de trabalho de restauração, a segunda construções identitárias de trabalho de projeto de vida e a terceira construções identitárias de trabalho legitimadora.

1. Palavras chaves: Empreendedorismo social, empreendedor social, construções identitárias do trabalho 3. história de vida.

ABSTRACT

Medrano, Coley, V. (2019). *The identity constructions of work of Latin American social entrepreneurs in the countries: Argentina, Brazil, Chile and Colombia*. Doctoral Thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo.

The research objective is to understand how it happens the process of identity construction works in social entrepreneurs from four Latin American countries: Argentina, Brazil, Chile and Colombia. Specifically, the research aims to describe the career path of the social entrepreneurs participating in the study, to analyze the inflection points that allowed the identity as social entrepreneurs and to compare the differences and similarities among the identity constructions of the social entrepreneurs from these different countries. It is proposed a qualitative and descriptive study through the analysis of the life's history. The narratives of social entrepreneurs showed inflection points related with the construction of their career path within social entrepreneurship, characterized by the influence of family and economic factors, by the dynamics of work and growth of the led social enterprise and by contact with national and international organizational support networks. By analyzing the participant's inflection points similarities, a categorization of the different identity constructions of work of the social entrepreneurs was carried out; The first category, identity constructions of restoration work, the second identity constructions of life project work and the third identity constructions of legitimating work.

Key words: Social entrepreneurship, social entrepreneur, identity constructions of work 3. life history.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a idade</i>	<i>64</i>
<i>Figura 2 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a escolaridade</i>	<i>65</i>
<i>Figura 3 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a classe social</i>	<i>66</i>
<i>Figura 4 –Etapas da análise de dados segundo Pamphilon (1999).....</i>	<i>72</i>

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1 – Seleção de empreendedores participantes da pesquisa</i>	63
<i>Tabela 2 – Fontes de informação da história de vida dos empreendedores participantes .</i>	68
<i>Tabela 3 – Sistematização das análises das histórias de vida de 8 empreendedores sociais latino-americanos</i>	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTI	Associação Chilena de Tecnologia da Informação
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEATS	Centro de empreendedorismo social e administração do terceiro setor da FEA-USP de São Paulo
CORFO	Corporação para a Promoção da Produção
CONICYT	Comissão Nacional para a Promoção da Pesquisa Científica e Tecnológica do Chile
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
SENA	O Serviço Nacional de Aprendizagem colombiano
SEBRAE	O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUMARIO

Capítulo 1 Antecedentes	14
Capítulo 2 Introdução	18
Capítulo 3 Revisão de Literatura	21
Empreendedorismo Social	21
Historicidade do conceito.	22
Principais perspectivas de análise na literatura.	24
Construções identitárias	35
Identidade.	36
A construção identitária do trabalho.	39
Capítulo 4 O contexto	47
Fatores facilitadores do empreendedorismo social	49
Fatores que obstaculizam o empreendedorismo social nestes países	52
Idade do empreendedor social destes países	54
Gênero do empreendedor social destes países	55
Nível de escolaridade do empreendedor social destes países	55
Motivo declarado de empreender socialmente	56
Área onde empreendem	57
Constituição do empreendimento social	57
Fonte de financiamento	59
Capítulo 5 Método	61
Participantes	62
Instrumentos, técnicas e procedimentos	67
Análise dos dados	70
Cuidados éticos	73
Capítulo 6 Resultados	75
Delfina	75
A história de vida da Delfina.	75
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Delfina.....	81

Jose	84
A história de vida do Jose.	84
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Jose.	88
Ari	91
A história de vida da Ari.	91
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Ari.	94
Carlos	98
A história de vida do Carlos.	98
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Carlos.	101
Hector	103
A história de vida do Hector.	103
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Hector.	105
Kaira	107
A história de vida da Kaira.	107
A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Kaira.	111
Viviana	113
História de vida da Viviana.	113
Análise da história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Viviana.	117
Camilo	119
Análise da história de vida do Camilo.	119
Análise da história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social de Camilo.	124
Capítulo 7 Análise e discussão	127
Análise dos pontos de inflexão das histórias de vida dos participantes	127

As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-americanos.....	136
A construção identitária de trabalho que restaura e reafirma.	136
Da construção identitária de trabalho que restaura à construção identitária de projeto de vida.....	138
Da construção identitária de projeto de vida à construção identitária legitimadora.	139
Capítulo 8 Conclusões.....	141
Referências	144

Capítulo 1

Antecedentes

A arte de pesquisar provém de uma escolha que não surge espontaneamente, é recorrente dos interesses e situações socialmente condicionadas e é fruto de determinada inserção do pesquisador na sociedade. Goldenberg (1997) tece que a realização de uma pesquisa envolve aspectos e condições por parte do pesquisador como são a aderência ao tema, o interesse subjetivo pelo objeto estudado e que este responda de forma coerente com as leituras e posicionamentos teóricos, políticos e existenciais do pesquisador.

Foram delineados nas conclusões de análise da pesquisa de mestrado desenvolvida nos anos de 2014 a 2016, intitulada “Aprendizagem organizacional em organizações empreendedoras sociais do Brasil e da Colômbia” a qual tinha como intuito conhecer o processo de aprendizagem organizacional em duas organizações empreendedoras sociais, sendo uma brasileira e uma colombiana.

Este mestrado inscrito na Psicologia Social e do trabalho da Universidade de São Paulo, analisou as dinâmicas de aprendizagem desde uma ordem organizacional, segundo os modelos de aprendizagem organizacional, as práticas de trabalho e o cotidiano dos atores. Como principais conclusões, foram encontradas primeiramente, o processo construção e desconstrução dos conhecimentos e como explicitar este na gestão, nas metas e testar suas estratégias tendo que assumir aprendizagens que a partir de um *continuum* entre permanência e mudança das características centrais, *continuum* necessário na dinâmica de geração de aprendizados individuais, grupais e organizacionais.

Em segundo lugar, a pesquisa permitiu constatar o papel das relações e trocas constantes entre as pessoas e como nestas se coloca a experiência de sucessos e erros como os motores da criação das novas estratégias e aprendizagens considerados nestas

organizações como valores que sustentam a cultura organizacional. Para os atores das organizações pesquisadas, a atividade vai além de fonte de sobrevivência, tem um sentido social que é a importância da transformação de si, dos outros e da sociedade.

Nesta linha, surge a terceira conclusão levantada, os sentidos de trabalho em sua articulação de uma prática de empreendedorismo, orientada a uma função social centrada no sujeito tendem através do espaço e da trajetória coloca a organização como espaço possibilitador e potencializador destes objetivos pessoais e sociais.

Nem o espaço físico, o que define o empreendedorismo social na realidade é seu papel de agenciador de ações sociais, não se configurando como instituição comum, pois se considera um meio facilitador para que o indivíduo neste espaço possa se organizar e se construir no tempo e no espaço em que se produzem essas trocas existem necessidades de diferente tipo a serem satisfeitas para tentar atingir os objetivos que norteiam a existência da organização, mas que não permanecem estáticos com o tempo senão que vão conseguindo diferentes níveis de complexidade ou mesmo variando no tempo, processo que possibilita a dinamicidade nestes objetivos Medrano (2015).

O encontro de sujeitos e com isso de subjetividades, cenário necessário para as construções subjetivas e coletivas possibilita o desenvolvimento de carreiras por meio da aposta nas condições vitais de si e das pessoas, com líderes personificados, que servem como modelo tentando utilizar a sua experiência de vida e superação de seus impasses como força criação de valores, propiciando a fundamentação social das instituições.

Neste ponto, o papel dos líderes (ainda que não existam na estrutura formal, mas sim identificada na prática real) é orientado pela história de vida, a força motora agregadora que transmite a confiança de vinculação com os aspectos pessoais e grupais confiáveis para o desenvolvimento de si e do grupo.

Como última conclusão do estudo, a figura destes sujeitos líderes nas organizações pesquisadas, ressaltou a importância da identidade do empreendedor social e sua construção de carreira como um elemento central na constituição destas organizações empreendedoras sociais.

Os possíveis caminhos e metas sociais colocadas por eles dá uma especificidade das diferentes formas de como o empreendedor social constrói sua trajetória baseada nas necessidades socioculturais dos países onde se escrevem e a história de vida que caracteriza este sujeito. Nas organizações pesquisadas no mestrado, constatou-se que estas construções identitárias do líder-fundador se traduzem em as metas de sucesso profissional e posteriormente em iniciativas, projeto e organizações com maior escala de impacto.

Por outro lado, além da aproximação da pesquisa de mestrado, outro forte antecedente que revela a pertinência deste doutorado está relacionado a experiência de trabalho da autora. No término do mestrado no ano de 2015, a organização de pesquisa virou o contexto de trabalho da pesquisadora, participando como diretora de operações da organização que hoje atinge em média 1000 famílias nas periferias de São Paulo por meio de 20 projetos que focam na transformação social por meio do esporte, da cultura e da qualificação profissional de crianças, jovens e adultos.

Trabalhar em uma organização que se classifica como uma iniciativa empreendedora social possibilitou a utilização de novas lentes de análise, passando de um olhar principalmente organizacional para uma análise focado nas relações, nos processos, nas construções de realidade baseadas em narrativas, nas dinâmicas dos relacionamentos no contexto e as expectativas existentes sobre estratégias de transformação social na Latino-américa.

No dia a dia, no processo de conhecer o espaço a cultura e principalmente a pessoa que lidera a iniciativa, um jovem de 28 anos, que se reconhece como empreendedor social, apesar de ter estudado jornalismo, nunca teve como propósito entrar no mercado de trabalho e sim teve como meta profissional a criação de um empreendimento social que visasse a melhora da comunidade onde ele cresceu.

Durante os dias de trabalho, a questão que tinha surgido como consideração final do mestrado, sobre a escolha de carreira destes sujeitos, os sentidos implícitos no trabalho e a construção da identidade de trabalho, começou a inquietar e a ganhar relevância, porque escolher ser um empreendedor social? Quais os motivos? Estará relacionada com a história de vida da pessoa ou é só um modismo do mercado? Qual a estratégia profissional por detrás desta escolha?

Em síntese, a experiência de trabalho continuou desvelando o questionamento e os que seriam os objetivos da atual pesquisa doutoral: Como ocorre o processo de construção identitária de trabalho em empreendedores sociais latino-americanos: Histórias de vida em Brasil, Colômbia, Argentina e Chile?

Objetivo geral: Compreender como ocorrem as construções identitárias de trabalho em oito empreendedores sociais dos países Argentina, Brasil, Chile e Colômbia.

Objetivos específicos:

- Descrever a trajetória de carreira dos empreendedores sociais participantes do estudo;
- Analisar os pontos de inflexão que possibilitaram o processo de construção de identidade de trabalho como empreendedores sociais;
- Comparar as diferenças e semelhanças entre construções identitárias dos diferentes empreendedores sociais.

Capítulo 2

Introdução

O capitalismo globalizado, o imediatismo, a flexibilidade, a precarização e instrumentalidade dos trabalhadores; são alguns dos contornos que estruturam atualmente o mundo do trabalho e ressaltam a sua característica paradoxal. Por um lado, como atividade produtiva que possibilita transformações de sentidos de vida, mas, também como eixo de situações e condições alienantes que poderiam afetar a possibilidade de ter qualidade de vida e bem-estar empobrecendo ao ser humano.

Singer (2004) assinala o processo desenfreado de crescimento voltado, basicamente, para o modelo econômico capitalista. Levantando a necessidade de toda pesquisa dentro das ciências sociais de compreender os contornos deste terreno histórico, ou seja, o mundo em que vivemos. Dentro destes contornos como é proposto pelo autor, é fundamental reconhecer o capitalismo como a forma de produção dominante, embora se considere que possa haver outros tipos de modelos e configurações de trabalho que buscam atuar em paralelo ao capitalismo Medrano (2015).

O trabalho como uma relação social influencia vários aspectos importantes entre eles, à formação e construção de identidade dos sujeitos, a organização do cotidiano, a construção de relações sociais e do status social. As pessoas passam grande parte do seu ciclo de vida em atividades relacionadas com o trabalho, por isso, se torna um aspecto estruturador dos papéis sociais (Luque Ramos, Tomás, & Cruces Montes, 2000).

De forma complementar como forma de organização social o trabalho, além de determinar ou influenciar o modelo de subjetividade preponderante, também dele necessita para sustentar-se, existindo uma forte relação entre trabalho e subjetividade, relação recíproca enquanto influências e determinações Medrano (2015).

Ao conscientizar sobre este momento histórico percebe-se uma invalidação dos grandes discursos ou “metarrelatos” que funcionavam como margens ordenadoras de todas as atividades humanas (Religião, Família patriarcal, Trabalho). Esta invalidação influenciada por fenômenos como a globalização, na compreensão mais ampla do termo como fenômeno histórico-social, a crise econômica vivenciada desde o ano 2008 com grandes repercussões na estrutura político-econômica dos países do primeiro mundo e indiretamente afetando os nossos países latino-americanos, e a implantação do individualismo como produto da sociedade de consumo - coloca ao ser humano necessidades de busca cada vez maiores do “ter” em detrimento do “ser”. Apesar desta realidade, acredita-se neste projeto doutoral que o trabalho como mecanismo de relação social e como forma organizativa possibilita acolher uma visão do homem enquanto construtor da cultura e de si por meio do trabalho, sendo constituído na relação com o contexto objetivo no qual está inserido de forma contínua.

Embora, exista a consciência da crise existente nos processos identitários que este contexto permeia, como o é colocado por Ribeiro (2014) que existe hoje em dia uma vinda das constantes reconfigurações no mundo do trabalho as quais acontecem de forma imediatista e fragmentada colocando a identidade de trabalho dentro de um *continuum* entre permanência e mudança.

Esta configuração atual do mundo do trabalho aparece como primeira justificativa da escolha do termo construções identitárias invés do termo clássico identidade por acreditar que se trata de um processo que precisa de uma contínua resignificação, que se constrói na dinâmica das relações no mundo contemporâneo.

Como é explicado por Ribeiro (2009) A identidade surgiu como uma categoria que definiria o lugar psicossocial das pessoas pela adaptação a uma estrutura sociolaboral hegemônica predefinida. Porém, as mudanças gradativas contemporâneas geradoras de

estruturas sociolaborais mais instáveis e flexíveis abrem a necessidade da análise da identidade como estrutura mais homogênea e produto de uma adaptação a uma ordem social pré-definida, para uma estrutura que se transformar, parcialmente, em construções identitárias, mais heterogêneas, complexas e flexíveis, tornando-se um processo de construção contínua.

Segundo o autor, uma possível maneira de analisar a identidade se dá através das propriedades da narratividade ou biograficidade, pela capacidade de cada pessoa em construir uma biografia ou narrar sua história de vida com um senso de identidade, ao mesmo tempo, produto e projeto, articulando passado, presente e futuro, num processo de construção e significação de si com sentido para si e para o outro.

Com base neste posicionamento metodológico exposto por Ribeiro (2009) os empreendedores sociais participantes serão abordados como sujeitos socialmente construídos, sendo as experiências cotidianas os lócus onde os significados são construídos e compartilhados. Esta orientação proposta pelo socioconstrucionismo é acolhida por este projeto ligando estes significados construídos pelos membros das organizações estudadas a contextos históricos e socialmente específicos.

E como frente à responsabilidade de ser parte do desenvolvimento social estes sujeitos, têm desenvolvido diversos movimentos e iniciativas que visam à transformação e emancipação social, como é o caso de organizações e projetos conhecidos como projetos sociais de empreendedorismo social e no caso específico da latino-américa, têm cumprido com um papel fundamental nos últimos 10 anos no melhoramento da qualidade de vida de grupos e comunidades específicas.

Capítulo 3

Revisão de Literatura

Este capítulo tem como organização a revisão bibliográfica do empreendedorismo social, analisando a historicidade do conceito e as principais perspectivas de análise utilizadas pelos principais autores e finalmente a proposta conceitual sobre empreendedorismo social escolhida nesta proposta doutoral, o empreendedorismo social a partir de uma abordagem socioconstrucionista.

Por outro lado, o conceito de construções identitárias de trabalho, para sua melhor exposição foi decidido começar pela abordagem conceitual da identidade, posteriormente a migração conceitual de teóricos socioconstrucionistas para o conceito construções identitárias de trabalho.

Empreendedorismo Social

A partir da dissertação do mestrado e a atualização da revisão literária nos anos posteriores, identificou-se duas abordagens do fenômeno, dentro de diferentes áreas de conhecimento principalmente da Administração e da Psicologia. Com base na pesquisa e o número de artigos, teses e livros achados, optou-se por classificar a literatura pela natureza da análise do objeto utilizada pelos autores consultados, sendo os mais frequentes, autores que centram no sujeito empreendedor social e autores que analisam o contexto onde o empreendedorismo social se desenvolve.

E finalmente proponha-se uma perspectiva de análise socioconstrucionista que integre estas duas vertentes de análise, tomando-as como complementares e centrando na relação entre elas, levantando que desta relação é de onde emerge as iniciativas do empreendedorismo social.

Com base nesta revisão, a continuação apresenta-se um percurso histórico do conceito, empreendedorismo social no mundo e posteriormente na América Latina, contexto onde se desenvolve a atual pesquisa. Em segundo lugar será descrita a perspectiva centrada no sujeito, abordando os principais autores classificados em esta linha. Em terceiro lugar, a perspectiva contextualista, e a organização de autores que realizaram estudos abordando tópicos do contexto em relação com o empreendedorismo social. E finalmente, a proposta de perspectiva de análise desta tese, uma perspectiva socioconstrucionista.

Historicidade do conceito. A gestão social, a economia solidária, a autogestão e o modelo societal são algumas das identificadas como formas paralelas ao capitalismo na atualidade. Na gestão social, encontra-se o Empreendedorismo Social, cuja importância está em se apresentar como uma nova dinâmica socioeconômica, caracterizado por sua natureza coletiva e objetivos de transformação social, levando a uma diferenciação com o modelo tradicional, o empreendedorismo empresarial, nascido dentro das margens do capitalismo, com características individualistas e de lucro econômico.

Com a finalidade de construir um percurso histórico que facilitasse ao leitor a compreensão do fenômeno, foram escolhidos autores e teses que versam sobre o fenômeno, caracterizadas por respeitar sua complexidade e manter uma visão crítica sobre o mesmo (Johnson, S (2000) Nicholls (2008) Dees (2003).

Durante as décadas de 1980 e 1990 Bill Drayton, o fundador da Ashoka, Empreendedores Sociais, a maior organização mundial sem fins lucrativos de empreendedorismo social, realiza a expansão da prática empreendedora social. Ashoka, é pioneira na teoria e prática do empreendedorismo social no mundo. Criada há 26 anos na Índia, e atualmente desenvolve projetos em mais de 60 países ao redor do globo.

Ao longo da história o conceito tem contado com múltiplas definições por parte de autores e institutos, com protagonismo de Ashoka, ajudando na evolução tanto das teorizações do conceito como a suas aplicabilidades em diferentes esferas sociais. Para este instituto o empreendedorismo social surge da constatação do crescimento das organizações do terceiro setor, da diminuição do investimento público na questão social e da participação crescente das empresas no campo social.

No final dos anos de 1990, o empreendedorismo social na América latina, emergiu da constatação dos cidadãos de um visível paradoxo entre globalização e pobreza, constatação que evidencia novos e velhos desafios para o desenvolvimento humano e a emancipação social além da necessidade de procurar outras visões sobre uma sociedade mais sustentável, humana e justa.

Bose (2004) assinala fatos e condições que facilitaram a emergência do empreendedorismo social como meio de transformação social, entre eles; o surgimento da pobreza perceptiva; o crescimento e intervenção do Terceiro Setor e a polêmica em torno da mudança da lógica de intervenção dessas organizações, que, nos anos de 1960 e 1970, tinham uma postura mais contestatória, e, após os anos de 1980, apresentam uma nova racionalidade, menos contestatória, e mais participativa e propositiva, fato que altera as relações entre Sociedade Civil e Estado.

É no epicentro desses acontecimentos que o empreendedorismo social começa a atuar como forma de inovação, dentro da gestão social, figurando como um humano, e em alguns casos ele se dá mais como manutenção do status quo e da desigualdade como é exposto por Oliveira (2004). Estas configurações, formas e conteúdos relacionados com o empreendedorismo social, evidenciam uma necessidade de ampliar a compreensão vigente, levando-a para marcos maiores de ordem psicossocial, cultural e econômica.

Principais perspectivas de análise na literatura. Nas pesquisas acadêmicas que focam sobre o tema, existem diferentes níveis de análise do fenômeno, autores como Rouere e Pádua (2001), de Melo Neto (2002), Oliveira (2004), Navarro, Climent & Palacio, (2011) e Godoi, Mendonça & dos Santos (2014) têm desenvolvido estudos que tem como principal interesse conhecer as características psicológicas e comportamentais que diferencia o empreendedor social dos outros empreendedores e cidadãos.

Por outro lado, acadêmicos como Vasconcelos & Lezana, (2012), Quintão (2004) Oliveira (2004) e Bose, (2004) objetivam conhecer as características contextuais onde estes sujeitos e seus projetos de vida[1] se inscrevem.

E finalmente como proposta desta tese, uma abordagem socioconstrucionista na qual se podem alocar autores como Souza-Silva & Schommer (2008) e Malvezzi (1997) que centram nas diversas relações psicossociais associadas com o empreendedorismo social.

Perspectiva centrada no sujeito “o empreendedor social”. Dentro desta perspectiva as características psicológicas e da personalidade do empreendedor são identificadas como eixos centrais de análise.

Como modelos teóricos encontrados dentro desta análise do sujeito empreendedor social, se encaixam os estudos sobre o papel do empreendedor que apontam nas diferenciações destes com outras pessoas por possuírem determinadas características advindas. Foram selecionados os estudos de: Navarro, Climent & Palácio (2011) autores que analisam os valores presentes nos empreendedores sociais, os estudos de Melo Neto (2002) sobre a atitude de inconformismo e crítica sobre determinada situação social e finalmente Rouere e Pádua (2001) que analisam o impacto dos empreendedores sociais frente às injustiças e desigualdades sociais e finalmente a categorização realizada por Oliveira (2004)

das definições de autores internacionais e nacionais (brasileiros) sobre o que é um empreendedor social.

Dentro desta perspectiva, se utilizam ferramentas tanto quantitativas (testes) quanto qualitativas (análise de narrativas) para identificar estas características da personalidade do empreendedor social, como já tinha sido feito ao longo das décadas de 1970 a 1990, quando os empreendedores empresariais passaram a ser investigados também no campo das ciências do comportamento. Psicólogos behavioristas desenvolveram inúmeras pesquisas acerca das características de personalidade que diferenciam os empreendedores do resto da sociedade, nesta oportunidade, não houve consenso sobre qual seria o perfil do empreendedor, encontraram distintos tipos e categorias de empreendedores, os quais atuam em áreas diversificadas que requerem atributos diferenciados Medrano (2015).

Reforçando o destaque dos valores para os empreendedores sociais, Navarro, Climent & Palácio (2011), a partir de entrevistas com especialistas na área, indicam que a escala de valores dos empreendedores sociais frente a outros é maior. Sustentam que o apego emocional nas relações de trabalho e a satisfação no trabalho também são maiores para os primeiros citados, apesar dos salários serem menores. Sendo o sentimento de pertença destes caracterizado como maior. Dessa maneira, segundo os autores, os empreendedores sociais tendem a ficar mais tempo nas organizações em que atuam, porque o trabalho se relaciona ao estilo de vida dos sujeitos, não representando apenas uma opção de carreira.

Nesta mesma linha, o sujeito empreendedor social se desenvolve neste contínuo dinâmico entre ser visionário e realista simultaneamente, tendo uma preocupação pela aplicação prática da sua visão. Para Melo Neto (2002) o empreendedor social assume uma atitude de inconformismo e crítica diante das injustiças sociais existentes em sua região e no mundo. Estes autores ressaltam o desejo de ajudar as pessoas, quer desenvolver a sociedade,

criar coletividades e implementar ações que garantam o auto sustento e a melhoria contínua do bem-estar da comunidade no sujeito empreendedor. Consideram que o empreendedor social é movido por ideias transformadoras e assume uma atitude que tem o objetivo implementar ações é coletivo e integradas que produzam bens e serviços para a comunidade local e global e tenham como o foco a busca de soluções para os problemas sociais e necessidades da comunidade. Estas ações segundo os autores, podem ser mensuradas pelo seu impacto e transformação social na medida em que visam a promoção do capital social, inclusão e emancipação social.

Segundo Rouere e Pádua (2001) os empreendedores sociais são caracterizados pela inovação e o protagonismo na área social, o impacto no desenvolvimento sustentável, na qualidade de vida e na mudança de paradigma de atuação em benefício de comunidades específicas. Os empreendedores sociais são aqueles que criam valores sociais por meio da inovação e da força de recursos financeiros, independente da sua origem, tendo como o desenvolvimento social, econômico e comunitário. Assim, o empreendedor social é conduzido por duas fortes correntes: primeiramente, o desejo social de desenvolver por meio de uma inovação uma organização empreendedora baseada na solução. Em segundo lugar, a sustentabilidade da organização e a diversificação dos seus serviços requerem capital, frequentemente incluindo a criação de lucro ou uma sociedade com organizações lucrativas.

Finalmente foi analisada dentro desta perspectiva que foca no sujeito empreendedor social, a categorização feita por Oliveira (2004) quem desenvolveu sua pesquisa envolvendo os principais institutos internacionais e autores nacionais que tem pesquisa sobre o tema.

Em primeiro lugar o autor aborda a definição do *School Social Entrepreneurship* (SSE) do Reino Unido o qual define o empreendedor social como "alguém que trabalha de uma maneira empresarial, mas para um público ou um benefício social, em lugar de ganhar

dinheiro. Empreendedores sociais podem trabalhar em negócios éticos, órgãos governamentais, públicos, voluntários e comunitários. Esta definição retoma a tradicional discussão sobre empreendedor empresarial e social, abordando o empreendedor social a partir das suas diferenças de atuação e foco.

Em segundo lugar, encontra-se a definição do *Canadian Center Social Entrepreneurship* (CCSE) no Canadá, este centro de estudos entende o empreendedor social como uma pessoa que pode vir de qualquer setor e conta com características visão, criatividade e determinação, características que são empregadas e focadas na inovação social. O CCSE ressalta a combinação entre pragmatismo, habilidades profissionais e perspicácia que os sujeitos podem chegar a desenvolver em prol de causas sociais.

Em terceiro lugar, O *Found Schwab* na Suíça define estes como agentes de intercâmbio da sociedade por meio da criação de ideias úteis para resolver problemas sociais, graças à combinação de práticas e conhecimentos sobre inovação. O empreendedor social deve ser criador de procedimentos e serviços seja por meio de parcerias ou formas de auto sustentabilidade dos projetos, utilização de enfoques baseados no mercado para resolver os problemas sociais ou identificação de novos mercados e oportunidades para financiar uma missão social.

Ante esta descrição do *Found Schawab*, Oliveira (2004) complementa que existem características comuns aos empreendedores sociais como são a capacidade de apontar ideias inovadoras e ver oportunidades onde outros só vêem problemáticas sociais, desenvolvendo critério e sabedoria ; estão acostumados a resolver problemas concretos, são visionários com sentido prático, cuja motivação é a melhoria de vida das pessoas, e trabalham 24 horas do dia para conseguir seu objetivo social.

Em quarto lugar, o autor menciona a definição do *The Institute Social Entrepreneurs* (ISE) nos Estados Unidos, os empreendedores sociais são executivos do setor sem fins lucrativos que prestam maior atenção às forças do mercado sem perder de vista sua missão social e são orientados pelo propósito de empreender programas que funcionem e estejam disponíveis às pessoas tornando-as menos dependentes do governo e da caridade.

Já na categorização das definições de autores nacionais, o autor seleciona a definição de Leite (2003) quem foca sobre a missão social, que é sempre central e explícita no comportamento das pessoas que se identificam dentro de modelo de trabalho. Oliveira também ressalta como foi feito em parágrafos anteriores o trabalho de Melo Neto (2002) e o posicionamento tecido pelos autores sobre o empreendedor social ser um agente de criação de um novo paradigma. Passando de ter como principal missão de vida o desenvolvimento de um negócio de lucro para um negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado a sua estratégia.

Outro autor selecionado por Oliveira é Rao (2002) o qual explica que empreendedores sociais, são pessoas que desejam colocar suas experiências organizacionais e empresariais em prol da melhoria na qualidade de vida de outras pessoas invés de ganhar dinheiro. Este autor considera que os empreendedores sociais podem ser formar em diferentes setores sociais, não necessariamente apresentando na sua história de vida pobreza ou desigualdade social, para o autor o que caracteriza ao sujeito empreendedor social é a sensibilidade social que este pode desenvolver.

Igual que apontamentos anteriores desta tese, o autor finalmente seleciona a definição de Pádua e Roure (2001) atores que contribuem a literatura empreendedores sociais e sua apropriação de processos inovadores com protagonismo na área social com abertura para o

desenvolvimento sustentável, qualidade de vida e mudança de paradigma de atuação em benefício de comunidades menos privilegiadas.

Em síntese, hoje dentro da comunidade acadêmica internacional e nacional, há interesse no desenvolvimento de pesquisas que visem responder questões tais como que é um empreendedor social? Quais são os elementos constitutivos do empreendedor social? Quais são as principais características que diferenciam o empreendedor social?

A motivação por analisar o fenômeno empreendedor social a partir do nível individual resgata aspectos subjetivos que facilitam a compreensão do papel de agentes de mudança na sociedade, aproveitando as condições sociais, melhorando os sistemas, inventando novas abordagens e criando soluções para os problemas sociais e implementá-las em grande escala. Porém, uma das principais críticas desta abordagem é levantada por Shamuganathan (2010) e está relacionada com o desenvolvimento de estudos fragmentados em aspectos diferentes: sobre a personalidade, abarcando as características psicológicas individuais que definem um empreendedor, a funcionalidade vinculada aos resultados racionais dentro da teoria econômica e o comportamental. O que leva a ter uma selva de definições e características que não agregam nem proponham olhares metodologicamente confiáveis.

Perspectiva contextualista. Esta perspectiva contextualista, surge a partir de estudos acadêmicos de Quintão (2004), Oliveira (2004), Bose, (2004) e Vasconcelos & Lezana (2012), enfatizam a relação entre as mudanças sociais, econômicas e culturais advindas de fenômenos como globalização e a atual crise financeira.

Nesta abordagem busca-se a criação e desenvolvimento de organizações que atendem necessidades ou interesses coletivos, e também abordando práticas contextos, ciclos de vida dos empreendimentos entre outros.

Vasconcelos & Lezana (2012) estudaram a integração de valores econômicos e sociais e o desenvolvimento das iniciativas empreendedoras sociais, analisadas como organismos vivos capazes de gerar desenvolvimento econômico, social, local e impacto na qualidade de vida de grupos inscritos nesta dinâmica. Segundo os autores frequentemente estas organizações apresentam posturas financeiras similares às empregadas na empresa tradicional, mas no caso desta iniciativa empreendedora social a geração destes ativos econômicos deverá ser por meio de atividades de inclusão e desenvolvimento social.

Uma das principais tendências de estudo dentro desta perspectiva contextualista se relaciona com a geração de valor social representado pela capacidade de inclusão e desenvolvimento social que a iniciativa comporta, apresentando parâmetros de sobre os resultados da ação em muitas oportunidades integrando diferentes atores e atividades intersetoriais (estado, mercado, terceiro setor) pelo qual deve se considerar uma intercorrência de aspectos de diversas naturezas no mesmo tempo e espaço Medrano (2015).

Quintão (2004) revela outra tendência de estudo dentro deste olhar, a condição de “ponte” do empreendedorismo social entre diversos setores e atores econômicos o que possibilita o reconhecimento dos desafios e oportunidades sociais e uma compreensão do empreendedorismo social como modelo de intervenção social, criação de formas alternativas de produção econômica e participação social e democrática, transgredindo os limites do assistencialismo e filantropia

Estas articulações e pontes de trabalho do empreendedorismo com terceiro setor e empresa tradicional, principalmente com programas de responsabilidade corporativa, desde a prática tem resultado um dos valores diferenciais para gerar transformações sociais de forma inovadora.

A partir da década de 1990, pesquisas centradas na colaboração intersetorial vêm sendo desenvolvidas, e sinalizam que embora as parcerias entre empresas, organizações sem fins lucrativos e empresas públicas existem há décadas, sua formação tem sido intensificada nas últimas três décadas. Dentre os aspectos associados a esta expansão estão a revisão dos papéis desempenhados pelo Estado, aliada à globalização econômica, o crescimento do número e das atividades desempenhadas pelas organizações da sociedade civil, e a disseminação dentro das organizações de práticas vinculadas à responsabilidade social empresarial e mensuração do impacto da empresa na sociedade.

Segundo Oliveira (2004), esta conciliação entre os diferentes setores facilita o surgimento de alianças estratégicas e ajuda na migração as relações de cooperação tradicionalmente filantrópicas para novas formas de trabalhar em conjunto com o fim de atingir objetivos e contribuir para uma melhor qualidade de vida dos cidadãos. Porém possibilita confusões e interpretações erradas, associadas com a não diferenciação entre empreendedorismo empresarial e empreendedorismo social e este último com terceiro setor.

Nesta análise das relações empreendedorismo social, terceiro setor e responsabilidade social corporativa é perceptível que tanto as empresas como as organizações do Terceiro Setor começaram a buscar novas formas de melhoria de sua gestão para conseguir atrair mais investimento para suas causas, sendo uma destas formas as parcerias intersetoriais.

Bose (2004) por outro lado, estuda o empreendedorismo a partir da multiplicidade relacionada com aspectos contextuais e econômicos, enraizadas no próprio sistema capitalista de produção, e a abertura de possibilidades individuais e a identificação do empreendedor como agente econômico. A autora tece que existe uma necessidade de contextualização das iniciativas empreendedoras sociais dentro do capitalismo, modelo econômico onde nasce e desenvolve até dias atuais. Não se poderia compreender o

empreendedorismo social divorciado da dinâmica capitalista, mas se faz necessário diferenciar o fenômeno com outras formas de atuação dentro do capitalismo. Sendo que isso se evidencia nas formas e modos como são utilizados os recursos e ferramentas econômicas, tendo como meta a geração de capital social, transformação de problemáticas e melhora da vida comunitária.

Dentro de um cenário paradoxal, em que o governo, eivado por falácias neoliberais, deixa um espaço enorme entre as necessidades dos cidadãos excluídos e a capacidade governamental de agir frente a estas demandas. É paralelamente surge é a intervenção de empresas privadas no campo público, gerando não só mudanças, como também controvérsias quanto ao enfrentamento das questões sociais.

Se observa também, segundo neste contexto, o crescimento das organizações sociais que pretendem dar respostas e resolução as questões sociais. Considerar diferenciações entre estes três campos de intervenção (Estado, Mercado e Terceiro setor) e prática social, é considerado relevante, especificamente no que se refere ao empreendedorismo social a necessidade de diferenciação radica na pretensão de profissionalização do empreendedor social, sendo o caso da iniciativa de instituições referenciais como Ashoka, instituto que através da seleção de empreendedores sociais, chamados por eles de *fellows* (companheiros em inglês), e realização de cursos e concursos, como o que têm o propósito de concretizar a missão da Ashoka, estimular a profissão de empreendedor social desde uma perspectiva empresarial e uma experiência profissional em gestão empresarial estratégica e inovação.

Justificando um modo diferente de trabalhar e intervir no campo social, onde é perceptível a transferência de uma lógica empresarial e de mercado para o campo social para resolução de problemas sociais, procurando superar a mesmice dos projetos sociais

tradicionais, tanto governamentais como filantrópicos e de caridade, que criam mais a manutenção do que a emancipação e o desenvolvimento social.

Também, há uma leitura do fenômeno como iniciativa interventiva que coloca que os benefícios do empreendedorismo social podem ser ampliados e aperfeiçoados, desde que o ecossistema seja favorável, sendo necessário ter em mente a importância da cultura, da infraestrutura e do ambiente político em que os empreendedores sociais operam.

Perspectiva socioconstruccionista. As duas perspectivas de estudo previamente analisadas (subjativa e contextualista) são olhares teóricos que possibilitam uma abordagem do empreendedorismo social, seja a partir do protagonismo do sujeito empreendedor social ou a partir da análise dos aspectos socioeconômicos que determinam os empreendimentos sociais.

O construcionismo social fundamenta-se, principalmente, nos trabalhos de Gergen (1985), autor da expressão construcionismo social para descrever que o conhecimento sobre a realidade é um processo socialmente construído na interação dialógica e por meio de uma política relacional, os saberes são históricos e reforçados pelas práticas sociais.

Com base nesta perspectiva, escolhe-se nesta tese doutoral entender o empreendedorismo social como um processo psicossocial, que não objetiva centrar somente na pessoa nem no contexto, mas a relação que existe entre os dois. Dentro desta visão relacional se possibilita a descrição de construção do sujeito que realiza a escolha de trabalho no empreendedorismo social, sujeito que se produz nas relações, como os outros, as dinâmicas e as condições histórico-sociais que se inscrevem no contexto no qual este visa gerar uma transformação social. Para orientar esta proposta foram analisados os estudos de

Souza-Silva & Schommer (2008) e Malvezzi (1997) autores que enfatizam no aspecto relacional e processual do empreendedorismo social.

Como é explicado por Ribeiro (2014) uma análise a partir de uma perspectiva socioconstrucionista dá abertura para um posicionamento ontológico relacional, onde se entende que a realidade é construída intersubjetivamente mediante narrativas e discursos socialmente compartilhados e práticas sociais com significados.

Este levantamento do autor permite entender a história do empreendedorismo social e como este emerge da relação de cidadãos mais informados e com uma maior sensibilidade e leitura social e condições contextuais que precisam ser resolvidas em prol da transformação social que permite um posicionamento do sujeito como ator social gerador de um projeto de vida intencional, (iniciativas, causas, projetos sociais) que permite narrativas subjetivas e com legitimidade social que se constroem a partir do fazer cotidiano.

Outra característica deste olhar é a noção das iniciativas empreendedoras sociais serem necessariamente contextualizadas em espaços determinados e cumprem uma intencionalidade para o benefício de uma coletividade. Por espaço entende -se o lugar praticado ou existencial, no qual acontece a experiência de relação entre pessoa e realidade e o que é produzido nesta relação, sem ser necessariamente uma estrutura física.

Souza-Silva & Schommer (2008) entendem o empreendedorismo social como um processo que se desenvolve dentro de comunidades de prática. Enfatizando que para o estudo teórico-conceitual deste é relevante identificar a dinâmica das relações entre diversos atores, envolvidos a partir de redes sociais, onde são geradas diversas estruturas organizacionais, fóruns, parcerias, alianças, conselhos, consórcios, ocorrendo uma relação de cooperação, confronto e interação. Neste universo são produzidos como resultados novos conhecimentos, ferramentas, tecnologias e inovações.

Nesta linha, Malvezzi (1997) destaca que o processo empreendedor depende da criação de condições por meio das relações com as outras pessoas as quais têm escolha para colaborar, concordar, ou legitimar o empreendimento, com base em seus valores e significados. O autor expõe que o empreendedor necessita da participação dos outros em seu empreendimento, dependendo dos conhecimentos compartilhados com os outros e eficácia da transformação que ele almeja depende da consideração daquilo que os outros pensam, valorizam e esperam.

Em conclusão, dentro do percurso histórico do desenvolvimento teórico do empreendedorismo social, tem existido dentro na comunidade acadêmica o interesse no desenvolvimento de pesquisas que visem responder questões tais como que é um empreendedor social? Quais são os elementos constitutivos da personalidade do empreendedor social? Quais os contextos onde estes emergem? Quais são as principais características que diferenciam o empreendedor social do empreendedor comercial? e no caso específico desta tese, como ocorrem as construções identitárias do empreendedor social latino-americano?

Construções identitárias

Na contemporaneidade tem surgido discussões na literatura sobre as reconfigurações contínuas nas sociedades e especificamente no mundo do trabalho. O trabalho como categoria social enquadra implicações nas relações sociais e na mesma constituição do sujeito e nas suas formas de agir na sociedade. Com base nestas transformações sociais os posicionamentos teóricos e a abordagem conceitual de processos humanos precisam ser retomados a partir de novos olhares, as quais foquem e integrem estas mudanças e flexibilidades.

No caso específico dos estudos da identidade esta necessidade de acompanhar conceitualmente as transformações ocorridas é levantado por Hall (2003) autor que explica que estas geram a fragmentação do sujeito promovendo o surgimento de novas identidades e mudando as dinâmicas de estudo do próprio conceito de identidade. Este autor traz à tona esta discussão sobre a “crise de identidade” a qual desenvolveu um deslocamento do sujeito, a perda de um “sentido de si” estável.

Com base nesta discussão analítica o seguinte capítulo tem como objetivo navegar no desenvolvimento histórico do conceito focando em 4 eixos principais de análise: Identidade, construções identitárias e construções identitárias de trabalho.

Identidade. Etimologicamente o termo identidade vem dos vocábulos *idem* e *identitas* (*significados de idêntico*) e *entitas* (*significado de entidade*), ou seja, a identidade classicamente representa a reprodução de modelos predefinidos da relação eu-outro. Os estudos que visam compreender a identidade convergem entre ciências como a Filosofia, Psicologia, sociologia e administração.

Como forma de delimitar o campo de interesse desta pesquisa, estudam-se os posicionamentos especificamente na Psicologia como é explicado por Bendassolli & Borges-Andrade (2012) autores que analisam em primeiro lugar, o trabalho de Erick Erikson quem sistematizou conceitualmente a identidade baseado na psicanálise, especificamente no conceito de identificação, o autor observa que a identidade faz referência, simultaneamente, a um sentimento de singularidade, a um esforço no sentido de se manter a continuidade da experiência vivida, e à participação do indivíduo nos ideais e nos modelos culturais do grupo e da cultura.

Segundo Bendassolli & Borges-Andrade (2012) na psicologia social, a identidade pode ser analisada a partir de duas perspectivas, a psicologia social individualista e a psicologia social sociológica. Na tradição anglo-saxã, o termo utilizado para referir-se à identidade é *self*, já na tradição europeia o termo frequentemente utilizado é identidade. Um importante apontamento dos autores tem a ver com que mais do que uma questão de terminologia, há nisto pressupostos que fazem a *self psychology*, na tradição anglo-saxã, dar preferência aos níveis pessoal e interpessoal de análise, enquanto que, na tradição sociológica da psicologia social, a identidade é estudada especialmente no nível das relações intergrupais.

O entendimento de que o *self* designa uma configuração organizada de percepções de si em contextos socioculturalmente mediados remete às teses do final do século dezenove, quando o William James define o *self* como a soma total de tudo o que o indivíduo pode chamar de seu. Este autor introduz na sua teoria o componente social e relacional na constituição do *self*, levantando de três aspectos fundamentais na identidade individual:

1. *Self material*: relacionado com aspecto físico e o conjunto de características que constituem a apresentação do sujeito no mundo.
2. *Self social*: trata-se do rol especificamente nos contextos mais rígidos e exigentes, nas relações profissionais, os deveres que regulam os comportamentos em relação aos hábitos e convenções sociais.
3. *Self espiritual*: o ser interior e o mais subjetivo do ser humano, faculdades psíquicas, sendo o olhar para o interior que permite objetivar o *self* descrito nos três pontos anteriores.

O *self* segundo William James é uma ficção, o seu imaginário descrito pelo pronome “Eu” e mais que ser uma condição e fator unificador das percepções, trata-se do resultado do complexo e elaborado processo de carácter social. Este posicionamento de James revela pela

primeira vez nas teorias psicológicas, a importância do contexto social e relacional na construção da identidade (self). Porém, o contexto histórico-social onde o autor inscreve sua tese, existiam roles estabelecidos nas instituições socialmente legitimadas (família, igreja, estado entre outras). Em comparação a relação sujeito- contexto caracteriza-se pela flexibilidade, imprevisibilidade e o contínuo enfraquecimento de ditas instituições que anteriormente determinavam os papéis dos sujeitos nas sociedades.

Mead (1934) na corrente interacionista da psicologia social, continua e aprofunda o trabalho do James ressaltando o papel dos componentes socioculturais na construção da identidade. O autor organiza sua teoria da identidade a partir de dois componentes: o *eu* e o *mim*, colocando que este último emerge das relações com os outros. Os outros segundo Mead, podem ser sujeitos concretos ou generalizações do sistema de valores da sociedade a qual o sujeito pertence e a incorporação dos papéis que o sujeito deve interpretar nela.

Enquanto que o *eu* se refere ao agente de ação no contexto específico, os dois componentes estão ligados pela reciprocidade, o *eu* atua seguindo as pautas e experiências acumuladas pelo *mim* e este último nutre-se das experiências do *eu*. De forma complementar Mead, expõe que estas experiências ocorrem de forma mediada, ou seja, adotando o ponto de vista dos outros ou do grupo ao qual pertence, com isso, o autor defende a primazia das interações e comunicação social na constituição do self.

De acordo com os posicionamentos destes autores clássicos, tem existido nos estudos sobre a identidade um eixo central de estudo da relação do sujeito com os componentes sociais, perdendo sentido a estruturação da identidade como um produto previamente formada no interior do sujeito. Segundo os autores, a formação da identidade depende das incorporações do sistema de valores e comportamentos socialmente aceites e pautados pelas instituições que organizavam a vida humana no século XX.

Porém, a realidade atual é fragmentada e instável, estas instituições não são mais aceites e processos como a globalização, o uso da tecnologia em grande escala e novos modelos de trabalho que acompanham estas mudanças na organização humana, revelam novos desafios para o estudo da construção da identidade.

Ante este panorama, Dubar (1997) convida a explorá-la como um processo de construção que se move entre diversos *continuums* e sucessivas socializações. de forma complementar Uvaldo (2011) coloca que a identidade era um projeto de estado realizado pela adaptação a uma ordem social predefinida, agora ela se torna um projeto de ação determinado pela construção num mundo em contínua transformação, no qual não há modelos hegemônicos com produtos finais (estados) a serem alcançados, restando à pessoa centrar seus esforços identitários na construção de um percurso a partir de indicações de possíveis processos e caminhos, como sínteses temporárias, não definitivas (produtora de mudança) e, por isso, trazendo mais insegurança ontológica.

A construção identitária do trabalho. O termo construção na proposta socioconstrucionista trata-se do processo de formação, organização e criação de algo, proporcionando-lhe estrutura e sendo simultaneamente ação, processo e resultado de construir Ribeiro (2014). Já o termo identitário, é um adjetivo de uso frequente na área das ciências sociais e morfologicamente é um termo formado a partir do morfema "*ident*" do substantivo "identidade ", que diz respeito a identidade de pessoa ou grupo e identifica.

O termo construção identitária emerge como forma de análise da identidade dentro de uma perspectiva socioconstrucionista, como alternativa aos modelos do pós- positivismo estruturados baixo uma ontologia de busca de verdades objetivas da realidade e propondo um

resgate da gênese social proposta por William James e George Mead na chamada corrente, interacionismo simbólico.

Define-se nesta tese doutoral que a construção identitária seria o processo de construir e reconstruir do sujeito de si mesmo em relação com o contexto e através dele por meio de narrativas estruturadas a partir do espaço que se ocupa, as relações com os outros (sujeitos e instituições) e o tempo que permitem a contínua ressignificação do sujeito para si e para os outros (Dubar, 1997;Ribeiro, 2014).

Dubar (1997) assinala que as construções identitárias emergem das sucessivas socializações e articulações de dois processos: o processo biográfico que engendra a identidade para si, sendo uma dimensão psicológica que emerge da identidade outorgada pela tradição social e a identidade visada pelo projeto de vida pessoal. O segundo processo que o autor assinala é o processo relacional que forja a identidade para o outro, sendo uma dimensão social que emerge da identidade atribuída pelo outro e a identidade atribuída pela pessoa.

A partir destes processos a construção da identidade possibilita a dinamicidade do conceito, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro. O sujeito protagonista nas construções identitárias é um sujeito pós-moderno que pode se encontrar fragmentado, com uma multiplicidade e diversidade de narrativas de si, o qual luta por sustentar coerências dentro de um contexto com múltiplas alternativas.

Hall (2006) expõe três concepções sobre o sujeito e o processo de construção da identidade: O do sujeito iluminista, o do sujeito sociológico e o do sujeito pós-moderno.

A primeira, a do sujeito iluminista, baseava-se na visão de indivíduo centrado e unificado cujo “centro” consistia em um núcleo interior, que emergia quando o sujeito nascia

e com ele se desenvolvia, ainda que essencialmente permanecesse o mesmo. Nesta concepção a identidade era estável e mantida como uma estrutura imutável atrás da história de vida do sujeito.

Na segunda concepção o sujeito sociológico, formava sua identidade na relação com outras pessoas que mediavam a cultura dos mundos que esse sujeito habitava. O sujeito sociológico projetava a si próprio nessas identidades culturais ao mesmo tempo em que internaliza seus significados e valores. Com a existência de instituições socialmente legitimadas que operavam a ordem da sociedade e para o sujeito o processo identitário era marcado pela segurança e continuidade.

E Finalmente, o sujeito pós-moderno inscrito em estruturas e instituições sociais transitórias, instáveis e em mudança contínua as quais possibilitam que o sujeito desenvolva identidades diferentes em diferentes momentos, não unificadas ao redor de um “eu” coerente. Tal fenômeno desencadeia o colapso da concepção de sujeito uno e justifica o fenômeno das identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias.

A construção identitária baseada na relação psicossocial não mediada pelas referências hegemônicas e seguras, colocam o sujeito pós-moderno em uma tensão dialética entre criar coerência ou não entre as várias narrativas de si, em um esforço por formar continuidades e transformar essas experiências vividas em construção de si mesmo como agente social e a possibilidade de gerar um projeto de vida de trabalho.

Neste ponto da discussão, o eixo central da discussão será a abordagem das construções identitárias do trabalho como veículo da análise das construções de identidade do empreendedor social latino-americano compreendendo que, nos estudos sobre identidade a pesar da diversidade epistemológica e teórica mantem um elemento como transversal, a dualidade entre o pessoal e o social. Santos (2005) expõe que esta dualidade deve ser

conservada possibilitando a identidade como um conceito mediador, sendo esta a metanarrativa das teorias da identidade.

Nesta análise histórica sobre a identidade revelam diversas dimensões das relações psicossociais que contribuem no processo de construções identitárias conforme aponta Ribeiro (2014). É de principal interesse para esta tese analisar aquelas construções que tem base na sistematização do trabalho, produto e produzidas no mundo do trabalho.

A identidade de trabalho, segundo Machado (2003) permite estruturar e integrar as várias identidades que podem emergir no mundo de trabalho (identidades profissionais, ocupacional, organizacional e de carreira). Segundo o autor falar de identidade de trabalho combina estas identidades, sendo uma supra categoria que configura um autoconceito baseado na experiência de trabalho.

Ribeiro (2014) complementa este pensamento do autor enfatizando que estas construções nascem das atividades realizadas pelo sujeito no contexto de trabalho e pelas relações sociais. Estas relações transcendem vários contextos e estruturas sociais se estão profundamente relacionadas com as escolhas do sujeito, metas e sentidos sobre o trabalho.

O autor ressalta a distinção ontológica entre identidade “no” trabalho e identidade “de” trabalho. No primeiro caso a utilização da preposição “no” delimita a um lugar de expressão que separa o eu e outro ao relacionar o construto identidade colocando-o uma construção pessoal em um contexto específico.

Já no caso da identidade “de” trabalho a utilização da preposição “de” implica uma não-delimitação entre o eu e o outro, colocando-se o trabalho como uma qualidade da identidade, não seu lugar de expressão. Dentro desta escolha ontológica, a identidade de trabalho se concebe como uma construção que é inerente à atividade de trabalho e não pode

ser separada da mesma e conservando a dissociabilidade entre eu e outro, próprio da perspectiva socioconstrucionista.

Esta conceição de construções identitárias de trabalho, no mundo atual do trabalho onde as condições são completamente mutantes e as regras dependem de demandas situacionais, colocam relevância na escolha de compreender que as pessoas se constroem pelo seu trabalho e simultaneamente constroem o trabalho, os espaços, as relações e finalmente as dinâmicas do mundo do trabalho.

Com base nisto, acadêmicos que estudam o mundo do trabalho na América Latina têm abordado o tema com o objetivo de sistematizar e criar perspectivas de análise das construções identitárias de trabalho possibilitando um maior entendimento sobre o tema. Trabalhos desenvolvidos por autores Brasileiros como: Ribeiro (2009, 2012) e Ribeiro & Uvaldo (2011), apresentam uma identificação das diferentes sistematizações sobre as construções identitárias contemporâneas no trabalho e tipos de termos utilizados na literatura centrando nas perspectivas epistemológicas tomadas pelos autores.

Ribeiro & Uvaldo (2011) colocam a categoria identidade como o lugar psicossocial das pessoas pela adaptação a uma estrutura com características predefinidas as quais são vulneráveis às constantes e gradativas mudanças do mundo moderno. Estes autores colocam que a identidade é um processo de construção contínua para além de um processo unicamente de adaptação. O trabalho desenvolvido pelos autores analisa 4 categorias associadas a este processo de construção identitária: nostalgia, fechamento, instrumentalidade e possibilidade, a partir cinco pensadores: Alain Touraine, Claude Dubar, Manuel Castells, Robert Castel e Stuart Hall.

Como principais aportes destes estudos, os autores revelam a crise de uma identidade no trabalho relacionada pela flexibilidade e as desestruturações nos processos e dinâmicas do

trabalho contemporâneo. Em uma publicação mais recente, Ribeiro (Ribeiro M. A., *Las Construcciones Identitarias en el Trabajo en la Contemporaneidad: Retrato de un Grupo de Trabajadores de São Paulo*, 2012) por meio de uma pesquisa qualitativa com entrevista em profundidade, realiza um estudo onde buscou identificar as diferentes construções identitárias no trabalho contemporâneo em um grupo de trabalhadores em São Paulo- Brasil, maiores de 35 anos e selecionados intencionalmente para participar da pesquisa. Colocando em análise as categorias previamente identificadas na literatura e desvelando que algumas destas têm propriedade antagônica como é o caso da busca de estabilidade (nostalgia) e a valorização da flexibilidade (possibilidade).

Nesta pesquisa, o autor desvelou limitações da sistematização, constatando que a classificação de identidade instrumental não era permanente e aparecia mais com uma situação transitória, na vez que, podem existir tipos mistos que fogem da sistematização proposta.

Ainda na América-latina um artigo desenvolvido pelo autor Chileno Soto (2011) acompanha a linha de pensamento dos autores brasileiros acima citados. A partir de um estudo qualitativo sobre as trajetórias de carreira móveis e as diferentes formas de construções identitárias. Este autor analisa as construções identitárias a partir do sentido e as lógicas de significação que são dominantes nas empresas atuais no Chile, analisando as narrativas de 9 profissionais.

O autor coloca que existem sentidos compartilhados na construção da identidade, orientação da carreira e vínculos gerados pela equipe de trabalho que marcam a continuidade no nível subjetivo e constituem os pilares da construção da carreira em contextos organizacionais. Estes pilares se estruturam a partir das experiências de trabalho no curto prazo e na flexibilidade do mercado de trabalho.

Dentro de um patamar similar, outro estudo chileno feito por Sisto & Fardella (2008) aborda a identidade como um processo que é revelado no relato, sendo mais que uma estrutura permanente no tempo e que se localiza nas práticas sociais mediante as quais acontecem a construção da identidade, respondendo à heterogeneidade do mercado de trabalho como o processo que permite ao sujeito se posicionar e reconhecer seu lugar.

Os autores explicam como as narrativas identitárias são ações sociais pelo qual o sujeito se posiciona e faz uso das narrativas dominantes para construir continuamente a versão de si. Por meio desta pesquisa os autores realizaram 32 entrevistas com adultos jovens os quais fazem parte de uma chamada por eles “emergência de novas formas de identidade” entre estas a identidade do empreendedor, livres leitores e autores da sua própria trajetória de carreira.

Na revisão das pesquisas internacionais identificou-se o estudo realizado por Dubar (1997) sobre os assalariados de grandes empresas privadas em fase de modernização intensa e jovens sem diploma em fase de inserção, como também as pesquisas sobre as relações dos desempregados. A partir destes estudos foram delimitadas quatro formas identitárias:

- As identidades de empresa, que dizem respeito aos relatos combinando mobilização e trabalho, desejos de promoção interna ("subir") e fé na cooperação (prioridade dada aos saberes de organização);
- As identidades de rede caracterizam relatos mistos de individualismo, antecipações de mobilidade externa ("social"), e fé nas virtudes da autonomia e do diploma (prioridade dada aos saberes teóricos, gerais);

- As identidades de categorias, subjacentes aos relatos valorizando a especialização, projetando-se nas "profissões" julgadas desvalorizadas ("bloqueadas"), e marcadas por conflitos (prioridade dada aos saberes técnicos).
- As identidades fora do trabalho emergem de relatos e do trabalho instrumental, da valorização da estabilidade questionada ("ameaça de exclusão") e de afirmações de dependências dolorosas (prioridades dadas aos saberes práticos).

Os autores levantam a crítica sobre o mercado de trabalho privilegiar certos campos do trabalho, do emprego e da formação. Estas formas identitárias são formas de identidades profissionais centradas nas relações entre o mundo da formação e o mundo do trabalho ou do emprego. Trata-se, também, de identidades sociais, inscritas num dado sistema social, posição social, riqueza, status que dependem do nível de formação, da situação de emprego e das posições no mundo do trabalho.

Estes estudos sobre as construções de identidade de trabalho apresentados nesta seção revelam como nas sociedades contemporâneas contornam a maneira como as pessoas narram sua vida e se posicionam no mundo por meio das nas práticas sociais veículos de construção da identidade que respondem ante as demandas do mercado de trabalho como o processo que permite ao sujeito se posicionar e reconhecer seu espaço.

Capítulo 4

O contexto

A análise do contexto desta pesquisa foi realizado com base nos seguintes critérios: fatores facilitadores do empreendimento social, fatores obstaculizadores do empreendimento social, a idade média do empreendedor social, o gênero, o nível educativo, o motivo declarado de empreender socialmente, constituição legal do empreendimento e fontes de financiamento para o empreendimento social. Foram selecionados estes fatores por apresentar coerência com os dados pesquisados no nível sociodemográfico dos oito participantes de presente tese doutoral.

As informações correspondentes a cada país foram tomadas das pesquisas a seguir.

A pesquisa realizada pela Recon¹ no ano de 2018 contou com a participação de 500 empreendedores sociais colombianos dentro de um universo de 2.000 iniciativas de empreendedorismo social, identificadas desde uma perspectiva territorial e inclusiva. A pesquisa abordou as características do empreendimento social como também as características de personalidade do empreendedor social Colombiano.

A pesquisa liderada por Muñoz et al (2016) da Universidade del Desarrollo e Corfo, intitulada “Estrutura e Dinâmica de Empreendedorismo Social no Chile” revelou em profundidade a estrutura e diversidade do empreendedorismo social e o potencial para combater as desigualdades sociais e econômicas utilizando uma amostra de 340 empreendedores sociais.

¹ Uma organização sem fins de lucro colombiana que identifica, visibiliza, apoia e fortalece iniciativas de empreendedorismo e inovação social para o desenvolvimento, impacto e transformação social.

A pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (Association, 2018) para América Latino e Caribe, colocou seus principais esforços em desvendar as complexas relações entre empreendedorismo e desenvolvimento. A grande contribuição do GEM não só para a academia, mas para muitos outros grupos de interesses no mundo todo, tem sido a criação de bancos de dados harmonizados sobre empreendedorismo nos vários países onde o projeto está presente. Desta forma, o GEM concentra-se em três objetivos fundamentais: 1) Medir as diferenças nos níveis de atividade empreendedora entre os países. 2) Desvelar os fatores determinantes dos níveis nacionais de atividade empreendedora. 3) Identificação de políticas nacionais que podem melhorar os níveis de atividade empreendedora. Neste caso, foram analisados os dados que correspondem a Argentina, Brasil, Chile e Argentina no GEM considerando os níveis de empreendedorismo de forma global.

E finalmente foram analisadas quatro publicações do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID): 1) Condições sistêmicas e institucionalidade para o empreendedorismo e a inovação: agenda de integração dos ecossistemas nos países da Aliança do Pacífico (2016); 2) A promoção do empreendedorismo dinâmico nos países do Cone Sul da América Latina: análise de experiências e lições políticas (Rivas, 2014); 3) Dinâmica empresarial e empreendimentos dinâmicos: Contribuem para o emprego e a produtividade?: O caso argentino (Kantis & Federico, 2014) e 4) Inovação e empreendedorismo: Um modelo baseado no desenvolvimento do empreendedor (Vicens & Grullón, 2014).

A continuação, são apresentados os principais dados e informações vindas destas pesquisas, analisados e organizados com base nos critérios previamente nomeados:

Fatores facilitadores do empreendedorismo social

Nesta seção aparecem os fatores que tem facilitado nos últimos anos o crescimento do ecossistema empreendedor nos países selecionados para esta discussão. Para oferecer cenários mais positivos, durante 2016 o governo nacional da Argentina apresentou a lei de empreendedores que propõe reduzir a burocracia permitindo que novas empresas se registrem on-line em um único dia e reconhecendo empreendimentos que utilizem tecnologias exponenciais, novos modelos de negócios baseados mais em conhecimento do que em capital físico, economia digital, modelos colaborativos, desintermediação, globalização virtual.

Essa lei é um guarda-chuva que incluirá a Lei de Benefício e Interesse Coletivo (BICs), que reconhecerá e protegerá legalmente as empresas que buscam resolver problemas sociais ou ambientais e que atualmente não possuem um marco regulatório que os proteja. Com esse acréscimo, a Argentina será o primeiro país da América Latina a reconhecer de forma especial o empreendimento social, juntamente com o Reino Unido, a Itália, a Espanha e vinte estados dos Estados Unidos.

Outra iniciativa governamental para estimular o empreendedorismo no país é o programa *Argentina Emrende*, implementado para contribuir com treinamento, acesso a financiamento, acesso à informação, melhorias na infraestrutura física e serviços, acesso ao mercado de transferência de ciência e tecnologia, promoção de redes e comunidades de empreendedores todas as ações são destinadas a empreendedores de alto potencial, bem como microempreendedores e empreendedores sociais. Estas iniciativas governamentais possibilitam o acesso mais que a recursos econômicos a recursos de qualificação profissional para empreendedores de diferentes segmentos.

No Chile por outro lado, a criação da Política Nacional de Empreendedorismo voltada para empreendedores compõem muitos beneficiários. Esses programas beneficiam 40.000 empreendedores por ano, através de mais de 20.000 projetos, 850 deles com apoio financeiro direto. De forma complementar, o fortalecimento de instituições que apoiam o empreendedorismo e a inovação, como é o caso da Corporação para a Promoção da Produção (CORFO) e a Comissão Nacional para a Promoção da Pesquisa Científica e Tecnológica do Chile (CONICYT) representam um referencial importante para os empreendedores Chilenos.

CORFO é uma organização pública de direito privado que reporta ao Ministério da Economia, Desenvolvimento e Turismo, o que a configura como a principal instituição chilena encarregada de promover e financiar o investimento e a competitividade no país. Em 2016, tinha um orçamento de 366 milhões de dólares.

CONICYT, por outro lado, tem como principal objetivo promover a formação do capital humano e fortalecer a base científica e tecnológica do país. O orçamento total (2016) era de US \$ 447 milhões. Suas atividades são financiadas por dois fundos: a) Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FONDECYT) que visa mais a pesquisa e a formação de recursos humanos avançados e b) Promoção do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Fora da esfera pública, o Chile conta com agentes como Endeavor e Fundación Chile, organizações privadas sem fins lucrativos que tem como objetivo acelerar organizações nacionais e regionais junto com grandes empresas patrocinadoras. Também oferecem espaços de *coworking* que são espaços colaborativos de trabalho para empreendedores, universidades e outros atores do ecossistema. Alguns exemplos desses espaços são IF (Ideas Factory), CasaCo, Kowork e WorkingHouse, para citar alguns.

Outro elo muito importante no sistema são as universidades chilenas. Os programas universitários embora se concentram principalmente na oferta de programas de pós-graduação em inovação têm um papel de liderança entre as incubadoras. De fato, mais da metade das incubadoras promovidas pela CORFO até 2015 são instituições universitárias. O setor privado também participa do ecossistema através da união de empresários como a Associação Chilena de Tecnologia da Informação A.G. (ACTI).

Por outro lado, no Brasil diversas instituições prestam serviços de apoio ao empreendedor. O SEBRAE aparece como a entidade mais reconhecida entre os empreendedores junto com o SENAC e o SENAI o qual demonstra a relevância do sistema, já que estes órgãos têm o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de novos negócios, oferecendo ajuda na análise de viabilidade de mercado, na elaboração do plano de negócios, no desenvolvimento de propostas para obtenção de recursos, entre outras atividades.

Outros programas que focam no desenvolvimento do empreendedorismo são: o programa empreendedorismo do instituto brasileiro de qualidade e produtividade (IBQP) o qual lidera o programa de pesquisa no Brasil do GEM e é responsável pela avaliação anual da atividade empreendedora. Organizações sem fins de lucro como Artemisia, pioneira na disseminação e no fomento de negócios sociais pela qualificação e a geração de parceiras estratégicas que consolidam o ecossistema no Brasil. E centros acadêmicos como o CEATS (Centro de empreendedorismo social e administração do terceiro setor da FEA-USP de São Paulo) que apresenta uma centralidade a gestão do terceiro setor promovendo cursos, e em 2002 lançou um MBA intitulado: Gestão e Empreendedorismo Social.

Para o desenvolvimento das atividades empreendedoras na Colômbia Em 2009, foi criado o Sistema Nacional de Inovação e Colciencias uma entidade pública cujas funções são conceber políticas, estratégias e programas de empreendedorismo e inovação a nível nacional

e coordenar as instituições que fazem parte do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Seu orçamento para 2016 é de cerca de US \$ 120 milhões.

Outro ator relevante é o Banco de Desenvolvimento da Colômbia (Bancoldex). O Bancoldex é uma agência público-privada que funciona como um Banco de Desenvolvimento de segunda linha, oferecendo instrumentos para aumentar a competitividade, a produtividade, o crescimento e o desenvolvimento de empresas. Em 2017, os desembolsos feitos pelo Bancoldex totalizaram US \$ 800 milhões.

Em 2012, no âmbito do Bancoldex, foi criada a iNPulsa Colômbia, uma agência do programa promoção pública do empreendedorismo de alto impacto e crescimento extraordinário. Através de seus programas e iniciativas, eles fornecem instrumentos financeiros de médio e longo prazo para empresas em rápido crescimento. O fundo iNNpulsa é administrado por Bancoldex.

O Serviço Nacional de Aprendizagem (SENA) é outro dos atores institucionais relevantes para apoiar a inovação, especialmente através do seu Sistema de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (SENNOVA), sua rede de tecnoparques e suas iniciativas de treinamento e treinamento de trabalhadores. O SENA depende do Ministério do trabalho e seus recursos provêm de uma alocação específica de imposto de renda e uma porcentagem das contribuições do empregador e empregados. Conta com um orçamento anual de cerca de US \$ 70 milhões.

Fatores que obstaculizam o empreendedorismo social nestes países

Na Argentina segundo as pesquisas anuais realizadas pelo GEM são destacadas no país grandes fraquezas estruturais para promover a atividade empreendedora; entre elas a volatilidade da economia, a deficiente distribuição do ingresso, a fraqueza institucional e

política que condicionam o contexto e somando o crescente fenômeno inflacionário. Nesta linha os pesquisadores, persistem que ainda existem lacunas na inclusão social e laboral na Argentina. O desemprego entre os jovens registrou uma tendência de queda lenta, de 21% para 14% entre 2004 e 2014, mas ainda superando a média de América Latina e o Caribe (10%).

No relatório do GEM se identificou uma diminuição na Taxa de Atividade Empreendedora no Estágio Inicial e em todos os seus componentes especificamente ao mostrar um descenso nas "atitudes empreendedoras" como a percepção de boas oportunidades para iniciar um novo negócio. De acordo com o estudo do GEM, a Argentina gerou nestes 17 anos muitos empreendedores, mas apresenta dificuldades na qualidade desses empreendimentos, na taxa de sobrevivência de seus projetos, bem como na percepção de oportunidades para empreender que a população tem.

Este contexto influenciou a vidas curtas de um número significativo de empreendimentos, segundo o GEM, já que a perda de confiança e o baixo fluxo de investimentos impedem o crescimento e consolidação da atividade empreendedora. Isso foi refletido também no número de participantes da pesquisa que declararam medo do fracasso no momento da empreender.

A Colômbia por outro lado apresenta valores de confiança no país médio-baixo estando entre os piores três países da região, longe do marco de referência regional e internacional. O que gera segundo o GEM, dificuldades para o empreendedor na construção de laços de confiança com empresários ou investidores, e com isto o processo empreendedor e a inovação não são favorecidos e sem a disponibilidade de financiamento. Enquanto o governo assumiu um papel ativo, ainda há trabalho a ser feito para superar essas deficiências sistêmicas. Em uma linha de discussão similar o BID identifica como uma das principais

fraquezas no ecossistema empreendedor chileno a baixa tolerância ao risco que predomina na sociedade e a baixa presença de empreendedores ambiciosos, ou seja, aqueles que consideram crescer significativamente. Em comparativa com a Colômbia o empreendedor chileno é tímido com respeito dos objetivos de crescimento enquanto o colombiano carece de confiança e credibilidade. E finalmente no Brasil apesar de existir organizações como o SEBRAI e o SENAC que fomentam o empreendimento, existe uma falta de conhecimento ou de informações sobre a disponibilidade desses serviços. Segundo os estudos do GEM nos últimos anos o empreendedor e ainda mais o empreendedor social desconhecem as oportunidades sobre capital semente, incubadoras governamentais com auxílio em qualificação profissional e possui pouco acesso a convocatórias de cooperação internacional.

Falta de confiança no empreendedor, falta de conhecimento sobre fontes de investimento e qualificação profissional e a fraqueza do estado para apoiar o ecossistema aparecem como as principais obstaculizadores do empreendedorismo nestes países.

Idade do empreendedor social destes países

Em 2017 segundo o GEM, a Argentina apresenta o maior número de empreendedores sociais entre 25 e 44 anos da região Latino América e o Caribe. Na Colômbia, os empreendedores sociais são uma população de jovens adultos, 57,6% estão em uma faixa etária entre 25 e 34 anos. No Chile a idade média dos empreendedores está maioritariamente no grupo dos 25- 39 anos, sendo 64% homens e 36% mulheres. E finalmente no Brasil encontra-se na faixa dos 25 aos 34 anos (30,3%), seguida pelos pela faixa de 35 a 44 anos (22,9%). Chama atenção que segundo as diferentes pesquisas, os empreendedores sociais da Argentina, Brasil, Chile e Colômbia são jovens adultos localizados na sua maioria na faixa dos 25 aos 34 anos.

Gênero do empreendedor social destes países

Na Argentina os empreendimentos sociais fundados representavam 55% de homens e 45% de mulheres. No Brasil os resultados do GEM em 2016 mostram uma leve supremacia feminina entre os empreendedores com 51,5%, enquanto a participação masculina foi de 48,5%. Na Colômbia 50,6% são homens e 49,4% mulheres e finalmente no Chile os empreendimentos sociais fundados por mulheres chegam a apenas 36% em comparativa com um 64% de fundados por homens. Se identifica então, que dentre os países os homens lideram os empreendimentos enquanto o grupo de mulheres se aproxima com exceção do Chile que ainda apresenta uma brecha bastante notória.

Nível de escolaridade do empreendedor social destes países

O Chile é um dos países da América Latina com a mais alta classificação da força de trabalho (28%) embora, 35% dos empreendimentos sociais tenham dificuldades significativas ao acessar recurso humanos com altos níveis de treinamento. Os empreendedores sociais chilenos contam com qualificação profissional, 27% são profissionais, 43,7% fizeram pós-graduação lato senso (Licenciatura, especialização, MBA), 9,2% uma formação técnica e um 8,6% se encontram em um nível educacional de doutorado.

A pesquisa de Recon mostra que no caso da Colômbia, 71% dos empreendedores sociais são profissionais, 13,1% possuem pós-graduação (especialização e mestrado) e 12,4% são técnicos. No Brasil, verifica-se que 22,9% dos empreendedores brasileiros possuem um nível de escolaridade de pós-graduação lato senso, 14,4% são profissionais, 20,5% estudaram até a secundária. Encontra-se então um grupo de empreendedores qualificados com pós-graduações em áreas diversas com tendências a serem em áreas relacionadas com o empreendedorismo ou com o desenvolvimento de capacidades gerenciais.

Motivo declarado de empreender socialmente

Enquanto ao motivo para empreender na Colômbia, a situação histórica do conflito em muitas regiões do país e a falta de oportunidades são motores do surgimento do empreendedorismo social. Os participantes da pesquisa realizada pelo Instituto Recon, reconhecem que nas regiões vulneráveis o surgimento de empresas sociais se torna uma alternativa para substituir devido à ausência do Estado e coerente com isto, 100% dessas iniciativas trabalham com populações vulneráveis, proporcionando oportunidades econômicas e sociais. Os empreendedores chilenos na mesma linha, reconhecem que a ideia de empreender socialmente é motivada pela intenção de resolver uma problemática social (57%) , seguida por um 31% que declararam que tinham ambos objetivos resolver uma problemática sociais e também operacionalizar uma ideia de negócio e finalmente a menor parte dos participantes, reconhecem que foi o ter uma ideia de negócio com potencial impacto social (11%) .

Na Argentina segundo o GEM os empreendedores argentinos, 36% dos empreendedores na fase inicial de seus empreendedores iniciam empresas por necessidades, superando a média regional (26%). No Brasil o motivo de empreender socialmente é uma dupla intencionalidade, para atender um problema social e obter recursos financeiros, sendo um estado ideal manifestado ao trabalhar com o empreendimento social fundado e conseguir viver financeiramente dele. O motivo para empreender socialmente está relacionado com uma leitura e compreensão de uma problemática social que mobiliza o empreendedor social para começar um projeto, mesmo em condições contextuais que geram incertezas.

Área onde empreendem

As principais áreas onde os empreendedores sociais brasileiros escolhem atuar são: Educação 38%, 23% dos negócios são tecnologias verdes, 12% atuam na área de Cidadania, 10% em Saúde, 9% em Finanças Sociais, e 8% em Cidades. No Chile a área principal de forma similar ao Brasil é a Educação (43%), seguido por empreendedorismo (auto-emprego) (28%), apoio ao espírito empresarial (23%), saúde (22%) e de pobreza (20%). Na mesma linha na Argentina a educação lidera as áreas selecionadas para empreender socialmente com um 36%, seguido por cultura 28%, e saúde (22%). Na Colômbia diferencialmente do grupo de países, 26,4% dos empreendimentos existentes foram dirigidos para atividades relacionados com o pós conflito, 35% dos projetos buscam gerar emprego, 16,8% trabalham em indústrias culturais (arte, cultura e esportes), 13,4% em cultura de paz e direitos humanos, 12,2% em educação, 10,6% meio ambiente, 4% em tecnologia e comunicações e 7,8% em outros setores como turismo, saúde, nutrição, entre outros.

Segundo os dados as problemáticas sociais relacionadas com a educação representam uma significativa preocupação para os empreendedores sociais a diferença da Colômbia onde a primeira área de atuação dos empreendedores sociais é no desenvolvimento de projetos que gerem qualidade de vida na população vítima do conflito armado colombiano.

Constituição do empreendimento social

A Argentina 44% dos empreendedores sociais participantes da pesquisa e que fundaram empreendimentos fundados entre os anos de 2014 a 2018 declaram que e foram constituídos legalmente como empresas privadas, 34,7% como organizações sem fins de lucro (ONGs) e 20,9% não estão legalizadas sob uma figura legal. O empreendedorismo é um processo de criação e crescimento que segundo o estudo, estimula à maturidade no

empreendedor, aprofundando a confiança e as capacidades estratégicas para manter vivo o empreendimento social. Este processo leva ao redor de 3 anos para o empreendimento se estruturar em um modelo de gestão eficiente e o empreendedor se posiciona como líder e gestor.

No Brasil em 2017, 70% dos empreendedores sociais constituiu o empreendimento como negócio social. No Chile a estrutura de constituição legal majoritariamente utilizada pelos empreendedores sociais é negócio social com um 44,4%, organizações sem fins de lucro, localizadas no terceiro setor 34,7% e um 20,9% dos participantes do estudo da Corfo e a Universidad del Desarrollo que afirma não estar constituído legalmente ainda.

Na Colômbia A partir da pesquisa realizada pelo RECON para identificar o status de empreendedorismo social no país, definiu-se que apenas 38,8% desses negócios tem personalidade jurídica e que 61,2% atua informalmente, indicando que a maioria das empresas não estão agindo formalmente. Entre as razões apontadas pelos empreendedores por não ter uma constituição legal estão: a complexidade dos documentos e procedimentos legais, bem como os altos custos das Câmaras de Comércio e obrigações tributárias. Por esta razão, o empreendedorismo.

Segundo as pesquisas o motivo para empreender socialmente é a identificação de uma problemática social e querer ser agente ativo na transformação social desta especificamente. Condições de informalidade legal são identificadas na Colômbia e no Chile o que gera um ponto de alerta pelas limitações no acesso a recursos financeiros e constituição de laços de confiança.

Fonte de financiamento

Dos empreendedores pesquisados o 89% há recebido investimento de fontes diversas, mas que segundo o estudo continuam sendo concentradas em capital próprio (25,4%), amigos e familiares (17,8). Por outro lado, um 10,7% coloca que são financiados por prêmios e reconhecimentos de organizações nacionais e internacionais e 8,1% receberam capital semente de entidades governamentais.

Estes dados sobre prêmios e reconhecimentos e o acesso a capital semente constata a relevância dos prêmios de reconhecimento como fonte de financiamento utilizada. De forma complementar os empreendedores sociais chilenos declararam que a chegada de este financiamento vem nos primeiros 6 meses de fundação do projeto (46%) depois dos 6 até o primeiro ano (22%), entre o mês 12 aos 24 meses (14%), entre o mês 24 até o mês 36 (8%) e 36 ou mais meses (10%).

As fontes de ingresso econômico além dos investimentos são: A venda de produtos e serviços 61,9%, convocatórias públicas 16,0%, contribuições, patrocínios e doações corporativas 8,8% e finalmente doações individuais 7,5%. Os empreendedores sociais afirmam que o ponto de equilíbrio financeiro vem da junção de vários destas fontes. 72% declara que conta com 1 a 3 fontes, 19% de 4 a 6 fontes e 8% declara contar com mais de 5 fontes de ingresso econômico. Na Colômbia 61,2% dos empreendedores sociais atuam informalmente e neste status assumem a partir de seu próprio capital o desenvolvimento de suas iniciativas ou por doações de pessoas físicas. O fato de não ter personalidade jurídica, gera limitações ao acesso a créditos e chamadas públicas. Este fato torna-se uma limitação para obter ajuda ou doações no âmbito da cooperação internacional. No Brasil 35% dos negócios de impacto social ainda não têm faturamento; 31% afirma que a principal fonte de

financiamento vem pela venda de produtos e serviços e 25% por projetos de cooperação internacional.

Capítulo 5

Método

Este estudo teve como principal objetivo descrever a trajetória de carreira dos empreendedores sociais participantes do estudo, analisar os pontos de inflexão que possibilitaram a identidade como empreendedores sociais e comparar as diferenças e semelhanças entre construções identitárias dos empreendedores sociais dos diferentes países.

Esta pesquisa configurou um estudo desde uma tipologia descritiva (Hernández, Fernandez & Batista, 2006) já que tenta mostrar de forma detalhada, os processos narrativos relacionadas construções identitárias dos sujeitos participantes.

Por outro lado, quando ao momento de investigação, foi definido como um estudo longitudinal (Hernández, Fernandez & Batista, 2006) já que a informação foi obtida em vários momentos por 4 anos de estudos.

No começo de 2017 se realizou uma coleta das narrativas dos empreendedores por meio de fontes secundarias (redes sociais, livros, vídeos, matérias em jornais e blogs, documentários). Posteriormente, ano de 2019 foram realizadas entrevistas virtuais e presenciais onde os sujeitos após explicar o objetivo da pesquisa relatavam sua história de vida.

O posicionamento analítico escolhido foi pesquisa qualitativa, que pretendeu entender os fenômenos de estudo desde uma postura que atende o caráter construtivo e interpretativo do conhecimento. Esta posição faz uma ênfase à singularidade da construção do conhecimento científico, que o compreende como um processo dinâmicos, que reconhece que as hipóteses do pesquisador estão associadas a um modelo teórico, que mantem uma constante tensão com os momentos empíricos de construção do objetivo de pesquisa (Gonzalez, 2006).

Participantes

O estudo teve mudanças na consideração dos participantes, no primeiro momento tinha-se pensado fazer uma delimitação sobre a área do empreendedorismo social onde atuavam (esporte, cultura, qualificação profissional). Mas houve mudanças nesta consideração ao refletir sobre o objeto de estudo e ao considerar que a diversidade de segmentos trazer ia histórias de vidas mais genuínas e com maior riqueza. Neste posicionamento os empreendedores sociais participantes serão abordados como sujeitos socialmente construídos, sendo as experiências cotidianas o *locus* onde os significados são construídos e compartilhados ao tempo em que são ligados a contextos históricos e socialmente específicos.

Foi realizado uma seletiva dos sujeitos participantes a partir da proximidade que estes empreendedores tinham da pesquisadora. Os selecionados apresentam uma trajetória como empreendedores sociais de mais de 2 anos de atuação, conformam o grupo 4 mulheres e 4 homens, dois representantes por país. Todos eles, se identificam como empreendedores sociais nas suas redes pessoais (LinkedIn, Facebook, Instagram e Twitter) e na entrevista realizada e contam com grande reconhecimento pelo trabalho e trajetória por instituições líderes no mundo explicada no capítulo intitulado contexto.

O número de participantes corresponde a um aspecto comum entre as pesquisas envolvendo narrativas é o fato de contemplarem reduzido número de participantes em relação aos estudos que empregam outros métodos de pesquisa qualitativos (Chase, 2005). Considerando-se que uma única história de vida pode revelar comportamentos e técnicas, valores e ideologia, aspectos importantes de sua sociedade e de seu grupo (Queiroz, 1988).

Finalmente, se agrupam na *Tabela 1* algumas características utilizadas para a seleção dos participantes. Com base no cumprimento das condições pactuadas com cada um dos participantes, os nomes de pessoas e organizações que aparecem ao longo do texto são fictícios.

Tabela 1 – Seleção de empreendedores participantes da pesquisa

País	Nome	Idade	Sobre o empreendedorismo social
Colômbia	Viviana	34	ONG fundada em 2014 para o apoio a mulheres vítimas de violência psicológica, física e financeira. Desenvolve junto com seu time programas de desenvolvimento de capacidades técnicas para aproximadamente 2000 mulheres, entre elas trabalhadoras sexuais em 5 anos de trabalho.
	Camilo	32	ONG fundada em 2011, democratização de iluminação de lares e publica em comunidades de extrema pobreza em 54 países do mundo em 9 anos de trabalho.
Chile	Kaira	28	Negócio social fundado em 2013, que busca democratizar a ciência por meio do uso de aplicativos que utilizam os sensores incorporados em smartphones e os convertem em equipamentos móveis para a experimentação científica. Já atenderam +100 mil estudantes, mais de 20 mil professores em 20 países em 7 anos de trabalho.
	Hector	35	Fundador de um negócio social em 2013, um Hub de inovação que foca no modelo FM+3 (Foco, Modelo: habilidades, redes e visibilidade) para desenvolver capacidades em liderança e posicionamento dos empreendedores sociais chilenos já atenderam mais de 40 mil pessoas.
Brasil	Ari	28	Fundadora de Ong em 2016 que foca no intercâmbio cultural de jovens das periferias e escolas públicas em São Paulo- Brasil. 150 alunos passaram pelo programa de preparação, e 42 foram viajar fora do Brasil.
	Carlos	31	Fundador de Ong em 2014 que trabalho com programas de esporte, cultura, qualificação profissional em 10 estados brasileiros e uma equipe de 65 pessoas que cuidam do trabalho de um impacto registrado de mais 25 mil famílias
Argentina	Delfina	30	Fundadora de Ong 2014 que foca na capacitação de equipes de governo sobre métodos inovadores de administração pública atualmente trabalham com uma equipe de 60 pessoas atendem 220 municípios argentinos.
	Jose	31	Fundador Negócio social em 2015 que trabalha com a democratização das compras ao granel em comunidades carentes hoje o empreendimento tem presença no Chile e na Colômbia, atendendo aproximadamente 120.000 pessoas em 1500 quitandas e um corpo de 55 funcionários.

Após o levantamento de dados sociodemográficos por meio de um questionário fechado, foi mapeado um perfil grupal com base nas categorias: idade, ingressos, nível de escolaridade, classe social e gênero.

Começando pela característica **idade** os participantes se encontram distribuídos entre os 28 anos e os 36 anos, tal e como se representa na *Figura 1*.

Figura 1 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a idade

Os participantes se encontram no grupo que segundo o é o mais frequente nos países selecionados para esta pesquisa. E é um fator que incide na melhoria das condições de vida dos países latino-americanos. Com mais de 163 milhões de pessoas entre estas idades apenas metade deles empregados, América Latina enfrenta o desafio de criar oportunidades de trabalho para essa faixa etária, no setor formal. A taxa de desemprego juvenil na América Latina ainda é de dois às vezes maior do que a taxa mundial geral e três vezes maior do que a dos adultos da região. Além disso, as recessões econômicas são mais propensas a afetar jovens, dada a sua maior propensão ao emprego temporário.

Segundo estudos realizados pelo BID nos últimos 10 anos na América Latina é extremamente diversificado e é caracterizado por coexistência de empreendedores de alto crescimento e empreendedores de subsistência. Neste marco, os empreendedores de subsistência cobrem uma série de trabalhadores por conta própria, com baixa qualificação focados na geração de renda para subsistir no dia a dia. Os empreendedores de alto

crescimento, se caracterizam por uma alta qualificação profissional e que tem conseguido um alto crescimento como aqueles com mais de 10 funcionários e com um crescimento médio de ingressos financeiros superiores para 20% nos últimos três anos.

Como desdobramento, foi analisado que os ingressos atuais dos empreendedores sociais participantes estão entre os 1.000 e 1800 USD, o que significa uma renda alta nos países onde moram, Colômbia, Brasil, Chile, Argentina com base no salário mínimo de estes países.

Também o nível de escolaridade na metade (quatro) dos participantes corresponde a mestrado, em 3 especialização ou MBA e 1 deles apresentava, até o dia da análise, graduação universitária (*Figura 2*).

Figura 2 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a escolaridade

Estes resultados são coerentes com as pesquisas apresentadas no capítulo 4, o contexto, onde se mostra que os empreendedores dos países selecionados são qualificados. Em comparativa os empreendedores participantes do estudo estão no grupo de

empreendedores qualificados com pós-graduações em áreas diversas com tendências a serem em áreas relacionadas com o empreendedorismo ou com o desenvolvimento de capacidades gerenciais

Nesta linha, ao se perguntar por meio do questionário semiestruturado sobre em qual classe social se localizavam os empreendedores responderam:

Figura 3 – Distribuição dos empreendedores participantes segundo a classe social

Quatro dos 8 empreendedores sociais participantes se identifica dentro de uma classe média alta, 3 dentro de uma classe média e 2 dentro de uma classe meia alta. Estes resultados são associados ao nível de maturidade dos empreendedorismos fundados, os quais contam com pelo menos 1 tipo de financiamento e também pelo fato de alguns empreendedores desempenhar atividades complementares como professores universitários, palestrantes e consultores corporativos.

Finalmente se decidiu selecionar um homem e uma mulher por país por se considerar que não era objeto da pesquisa analisar as diferenças entre gêneros no empreendedorismo social e após analisar que no ecossistema latino-americano, especificamente nos países participantes de este estudo, mulheres e homens se encontram cada vez mais próximos um

do outro, países como Brasil lideram o grupo com 51,5% de empreendimentos liderados por mulheres em pesquisas realizadas nos últimos 2 anos pelo GEM.

Instrumentos, técnicas e procedimentos

O primeiro instrumento utilizado foi um questionário sociodemográfico contendo informações sobre idade, ingressos financeiros, nível de escolaridade, classe social e gênero. Este instrumento foi utilizado com a finalidade de compreender melhor o perfil dos(as) participantes e algumas condições sobre seu empreendedorismo. Foi enviado e preenchido de forma virtual pela plataforma forms-office 365².

Posteriormente ao questionário sociodemográfico, foi utilizada a técnica história de vida, definida por Denzin, (1989) como um método biográfico caracterizado pela coleta e o uso sistemático de documentos de vida, os quais descrevem momentos e pontos de inflexão na vida dos indivíduos. Esses documentos incluem autobiografias, biografias, diários, cartas, histórias de vida, histórias orais e pessoais. O objeto de pesquisa do método biográfico são as experiências de vida de uma pessoa. Ele se baseia tanto no conhecimento subjetivo, que se desenvolve por experiências pessoais ou de terceiros, buscando formar um entendimento e interpretação de determinado fenômeno, como no conhecimento intersubjetivo, que nasce de experiências compartilhadas e do conhecimento obtido dessas experiências comuns com outras pessoas.

Com base no apontamento realizado pelo Denzin (1989), foram realizadas coletas sobre a vida dos participantes com fontes primárias como entrevistas e conversas sobre os pontos de inflexão identificados após a análise realizada as fontes secundárias (Entrevistas online, documentários, artigos e livros). As quais foram identificadas por meio de uma busca

² <https://forms.office.com/>

em Google utilizando o nome real do participante e de seu empreendimento social. As fontes de informação selecionadas são contadas na *Tabela 2*:

Tabela 2 – Fontes de informação da história de vida dos empreendedores participantes

Sujeito	Entrevistas Youtube	Documentários	Artigos Jornais	Blog	Livros
Viviana	2	0	1	0	0
Camilo	3	0	3	1	0
Kaira	3	0	3	1	0
Hector	2	0	2	1	1
Ari	1	0	1	1	0
Carlos	4	1	3	1	1
Delfina	3	0	4	1	0
Jose	4	0	4	1	0

Na junção das fontes primárias e secundárias se configuram a partir de uma série de eventos, as histórias dos participantes com elementos que unem a vida em comunidade, podendo esclarecer aspectos dos sujeitos, das suas relações e de seu ambiente. Isso ocorre como é colocado Atkinson, (2002) porque as histórias trazem sentido e ordem às experiências e contribuem com um olhar que é, ao mesmo tempo, subjetivo, por se tratar de um relato passível de interpretação por parte de quem conta e de quem ouve, mas também objetivo, na medida em que é firmado em situações reais que se concretizam na linguagem utilizada na narrativa).

Em quanto as fontes primárias o processo de levantamento das informações esteve caracterizado pela realização de duas entrevistas, presenciais e/ou virtuais pelas limitações geográficas com alguns participantes, entre os anos de 2018 e 2019. Estas entrevistas tiveram uma hora e meia aproximada de duração.

Para obter os relatos, a pesquisadora explicou os objetivos do estudo aos empreendedores sociais, convidando-os a participar do estudo conforme é recomendado por

(Spindola; Santos, 2003), permitindo ao participante falar livremente sobre sua vida enquanto a pesquisadora cuidava de ter uma escuta atenta aos detalhes do relato e uma observação focada nos gestos, tonalidade da voz, pausas e hesitações.

Durante ambos encontros a interferência por parte da pesquisadora foi mínima, permitindo que o entrevistado determinar o que era relevante ou não contar (Queiroz, 1988). Em algumas entrevistas os relatos não contaram com uma cronologia explícita e esquecimentos sobre lugares e pessoas. Ante isto se continuou o caminho que orientam Gomes e Santana (2010) sobre que, a subjetividade é inerente a todas as fontes históricas, aos fatos lembrados ou esquecidos, estes são os próprios constituintes da história, portanto não há fonte oral falsa. Como a força da história oral está na subjetividade.

Considerando a revisão teórica realizada, na primeira entrevista solicitou-se aos participantes da pesquisa, que discorressem livremente sobre suas trajetórias de vida, destacando experiências importantes para construir seu papel como empreendedores sociais. Na solicitou que falassem livremente sobre os últimos acontecimentos da sua vida e no empreendimento social liderado.

As entrevistas foram gravadas em áudio quando foram presenciais e áudio e vídeo no caso das entrevistas virtuais por meio da plataforma Zoom, com a permissão por parte dos participantes. Após a primeira entrevista, os relatos foram imediata e fielmente, transcritos.

A seguir, as histórias de vida foram analisadas, gerando novas perguntas que foram despejadas por conversas telefônicas em todos os casos com a finalidade de que estas respostas auxiliassem a compreensão de aspectos propostos pelo estudo, além de questões preconcebidas em um roteiro de entrevista, criadas em consonância com os objetivos da pesquisa como é colocado por Closs e Antonello, (2011).

Após a transcrição das entrevistas e realizar a primeira revisão do texto, foram revisados novamente alguns elementos das fontes secundárias, especificamente as entrevistas dos empreendedores sociais encontradas no canal youtube e depoimentos sobre sua trajetória em jornais em português, espanhol e inglês.

Após finalizar as transcrições das histórias de vida, sem as questões e comentários do pesquisador, foram enviadas para os entrevistados, a fim de que eles pudessem revisá-las e verificar se queriam fazer alguma modificação.

Por outro lado, se tomou o cuidado com os detalhes que emergia após cada análise, a pesquisadora utilizou um diário de campo, onde foram registrados detalhes significativos como frases chaves dos empreendedores, temas que predominavam, o clima da entrevista, a voz, a entonação, os gestos expressados nos momentos de entrevistas com a pesquisadora e nas entrevistas encontradas na web.

Análise dos dados

Primeiramente, para o processamento dos dados vindos do questionário sociodemográfico foi utilizado a mesma estrutura que a plataforma Microsoft permite após o registro dos dados. Por serem poucos participantes se considerou a plataforma suficiente.

E em segundo lugar retomando a linha de discussão da seção anterior, caracterizada pela apresentação de argumentos que enfatizam como foi construída a história de vida dos participantes, por meio de fontes primárias e secundárias estas últimas associadas ao sujeito e seu empreendimento social. Porém, convém destacar que, especificamente para realizar uma pesquisa que utiliza essas fontes para a coleta de dados, não basta simplesmente gravar tudo que for dito pelos sujeitos com base nas respostas a perguntas feitas pelo pesquisador

como é colocado por Alberti, (2005) o autor enfatiza alguns cuidados que devem ser tomados na sua aplicação empírica.

Dentre esses cuidados, destaca-se que História de vida vai além da simples observação de relatos de eventos narrados, deve-se levar em consideração que uma história tem sempre um background a ser verificado (Bathmaker & Harnett, 2010). Por isso, esses autores dão destaque para três elementos na constituição da história de vida de um sujeito – a historicidade, a espacialidade e a sociabilidade.

No decorrer do exercício de escuta da história de vida narrada oralmente, o pesquisador é considerado o guia ou diretor desse percurso (Atkinson, 2002), ao mesmo tempo em que também atua como intérprete, segundo apontou Pamphilon (1999). Ou seja, diante de um cenário em que existe um sujeito que narra e outro que ouve e interpreta, não se deve desconsiderar a natureza relacional entre esse narrador e esse intérprete, pois “história de vida é o resultado da relação entre uma pessoa específica e de um pesquisador específico” Pamphilon (1999).

Com base nisto o processo de análise das histórias de vidas dos participantes desta pesquisa seguiram os direcionamentos de Barbara Pamphilon, que destaca, por meio do seu modelo intitulado “Zoom” o que deve ser o objeto de atenção do pesquisador na medida em que analisa uma história de vida, que mesmo sendo transmitida de forma oral, ao ser transcrita adquire a materialidade do texto escrito.

A autora de informa implícita descreve um procedimento metodológico, constituído por três etapas de análise:

Figura 4 –Etapas da análise de dados segundo Pamphilon (1999)

Panpillon (1999) salienta que se deve realizar um macro zoom sobre a HV a fim de, primeiramente se identificar o discurso dominante no sujeito “cada narrativa de história de vida dará uma visão da perspectiva de uma pessoa da prática social”. Também salienta que é necessário um olhar amplo sobre o que foi dito, enfatizando que se reconheça a forma narrativa empregada por aquele (a) que narra; por exemplo, se é épica ou romanceada ou, então, metafórica ou poética, como complementou posteriormente Atkinson (2002, p. 125). Pamphilon também destaca que se leve em consideração o *cohort effect*, que são algumas características ambientais que variam em virtude de aspectos como criação. Por exemplo, o fato de o(a) narrador(a) ter tido uma infância pobre, ou por ter nascido em um lar religioso, ou de ter participado de algum evento ou momento específico, como vivenciar um período de guerra.

Continuando com a realização meso-zoom, processo que contempla o processo narrativo, este pode ser, segundo Rosenthal (1993), propriamente uma narração ou então uma descrição, bem como um discurso argumentativo ou uma teorização os principais temas da

narração, nos quais o sujeito se aprofunda e detalha mais e nas frases chaves dentro da narrativa.

E finalmente é sugerido analisar os aspectos do micro-zoom, a dinâmica entre a pesquisadora e o sujeito no momento das entrevistas, quais reações comportamentais e emocionais de emergiram em ambos e também, as possíveis pausas ou hesitações no decorrer do processo. Sobre esse último aspecto, Ferreira et al. (2000) apontaram que podem ocorrer momentos de falha de memória. Isso, por vezes, embora não se possa tomar como uma verdade absoluta, podem ser tentativas de se manter um controle sobre o passado; o que, em determinados casos, é uma busca por distanciamento psicológico da realidade vivenciada.

Esta rota de análise identificada em Pampillon (1999) foi o ponto de referência para a análise das entrevistas, conversas e relatos identificados nos vídeos e textos escritos com depoimentos dos participantes. E considerando-se também que, como colocado por Dubar (1998) a analisar as histórias de vida, da perspectiva subjetiva “como uma história pessoal cujo relato atualiza visões de si e do mundo” constitui parte do processo identitário. Sob essa análise o empreendimento social modifica tanto o trabalhador como a sua identidade.

Cuidados éticos

Esta pesquisa como atividade inserida num campo social cuidou de pontos associados à relação da pesquisadora e os sujeitos pesquisados. Principalmente pelo fato da pesquisa contar com um embasamento na Psicologia Social e do Trabalho, se tiveram cuidados sobre o tipo de informação e as construções a partir dos diferentes encontros com os participantes,

Como pesquisa de doutorado, levou em conta aspectos relacionados as leis e regulações da atividade científica. Atentando aos conceitos da resolução Nº 466, de dezembro

de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e especificamente os seguintes cuidados com os participantes:

- Comunicação da possibilidade de participação livre e espontânea na pesquisa.
- Agradecimentos por fazer parte da pesquisa e descrição sobre os objetivos da pesquisa e o marco de formação em que se enquadra antes de realizar a entrevista.
- Explicação da garantia de anonimato do participante, que inclui o nome do participante, o nome do empreendimento social fundado e liderado e nomes de pessoas e empresas nomeadas durante os relatos.
- Explicação da gratuidade da participação e da não existência de remuneração econômica por fazer parte da pesquisa.
- Comunicação da possível gravação em áudio e vídeo das entrevistas e explicação sobre o tratamento dos dados.
- Explicação sobre o acesso aos áudios e vídeos. Foi comunicado que só o pesquisador teria acesso aos áudios gerados (caso concordasse) e igualmente com as transcrições da entrevista.
- Explicação de como seriam apresentados as informações e resultados desta pesquisa respeitando a garantia de anonimato do participante, que inclui o nome do participante, o nome do empreendimento social fundado e liderado e nomes de pessoas e empresas nomeadas durante os relatos.
- Sempre ao finalizar o encontro se deixava em aberto a possibilidade de obter retorno sobre todo o processo e dos resultados da pesquisa. Está planejado realizar os retornos com os participantes após a apresentação da defesa desta pesquisa.

Capítulo 6

Resultados

Neste capítulo estão consolidadas as histórias de vida dos oito empreendedores sociais participantes e os principais resultados da análise dos pontos de inflexão de cada empreendedor social. A organização das histórias de vida respeitou a estrutura do relato original dos sujeitos e foram organizadas no texto pela ordem alfabética dos países aos quais representam; Argentina, Brasil, Chile e Colômbia.

Delfina

A história de vida da Delfina. 30 anos, nascida em Pergamino, uma cidade da Argentina localizada na província de Buenos Aires que conta com uma população de aproximadamente 85.487 habitantes. É a terceira filha de uma família constituída por 4 irmãos de um casal católico. Cresce dentro de uma família muito carinhosa e aprende no lar a importância sobre a ajuda ao próximo pelo exemplo do pai que continuamente realizava atividades de filantropia na cidade. Seus outros três irmãos também participavam destas atividades e hoje trabalham como empreendedores sociais também.

Na escola sempre foi uma aluna sobressaliente e os pais a estimulavam a participar de atividades escolares e artísticas como aulas de inglês e violão principalmente durante a adolescência. Viaja a Buenos Aires para começar sua graduação em ciências políticas porque tinha a sensação que queria fazer algo grande pelo mundo e viu nesta carreira a melhor oportunidade.

Um momento importante dentro da faculdade foi numa classe quando um professor falou sobre como funcionava a administração dos municípios na Argentina e ela sentiu que o

tema era muito chato, relata que nesse momento até pensou que dentro das possibilidades das ciências políticas nunca trabalharia com temas associados à administração municipal.

No final da graduação, por indicação de uma colega da faculdade participa de um evento com o ministério de agricultura, onde foram expostos os resultados positivos vindos da metodologia utilizada nos últimos anos pela equipe diretiva. Neste momento se questiona sobre as administrações municipais que tinha conhecido na faculdade e abraça a ideia de que detrás de cada desafio social associado com as cidades sempre tem um time do governo com a possibilidade de mudar realidades em grande escala e por isso esse caminho que antes tinha parecido chato se tornava interessante, na medida em que, mostrava um desafio, a criação de formas diferentes da administração às conhecidas até o momento na Argentina. De forma complementar, descobre que graças a esta metodologia que orienta o trabalho colaborativo no setor agrícola argentino fazia das dinâmicas de trabalho inovadoras ao integrar diferentes comitês de discussão e de partilha de conhecimento.

Conhecer sobre um modelo de administração que funcionava, a impulsiona a começar seu mestrado em ciências políticas para pesquisar com maior profundidade sobre os diferentes modelos de administração pública existentes na Argentina e como seria a adaptação do modelo do ministério de agricultura em outros contextos.

Durante os dois anos do mestrado sistematizou diferentes modelos, criou uma metodologia alternativa de administração municipal baseado no modelo de administração do ministério de agricultura, e se integrou numa rede de contatos importantes para os próximos passos na sua carreira profissional. Um destes contatos era um funcionário do ministério de agricultura que depois de voltar de realizar uma pós em Harvard, apresenta para Delfina várias possibilidades para agilizar a implementação da metodologia. Uma delas era, o

trabalho entre pares e reuniões mensais de grupos de empresas agrícolas como prova piloto da metodologia.

Após conhecer como funcionava na prática e principalmente as limitações e desafios de trabalhar com equipes governamentais, decide participar de uma organização que incubia projetos sociais em Buenos Aires. A experiência tornou-se muito decepcionante porque as pessoas da organização não manifestavam o interesse esperado pela Delfina no crescimento do projeto social e decide abandonar o processo.

Decidiu então, que o caminho seria melhor em solitário pelo menos nesta primeira fase de nascimento. Para dedicar seu tempo de forma integral ao empreendimento fez uma agenda de reuniões com conhecidos que durante o mestrado tinham mostrado interesse com a metodologia criada, com a pretensão de solicitar a cada pessoa um valor que significaria uma parte do salário por 6 meses para se manter financeiramente. De cinco reuniões agendadas, as cinco pessoas falaram que sim o que permite que possa alugar uma casa que funcionava como casa e escritório de trabalho.

Desde o primeiro dia que se muda na nova casa, coloca um cartaz na porta com o nome do empreendimento social. Por seis meses manteve a rotina de acordar cedo de manhã, preparava seu café, troca roupa e descer ao andar onde ficava o escritório, por seis meses esteve sozinha. Nesta época experienciou crises de ansiedade que Delfina relaciona com a incerteza que apresentava o projeto, o estar sozinha liderando “Um barco sem tripulação”.

Sob esta crise, decide buscar ajuda no amigo do ministério de agricultura quem atendendo o pedido de ajuda, consegue para ela uma reunião com o chefe de governo de Buenos Aires que naquele então também era candidato à presidência da Argentina.

O chefe de Governo recebe a Delfina e sua metodologia de forma muito positiva, provocando-a sobre como seria uma implementação a grande escala, perguntando se ela

estava preparada para trabalhar com os 2200 municípios existentes da Argentina. Ele assegura neste encontro que se ganhar as eleições presidenciais veria a metodologia como um caminho muito atrativo para melhorar a administração dos municípios.

Delfina sai do encontro motivada e desafiada a reestruturar os planos de trabalho dos próximos meses com o objetivo de acelerar o crescimento, constituir legalmente o empreendimento social como ONG e estar preparada assim, quando o chefe de governo ganhara as eleições presidenciais.

Nos próximos meses se dedica a analisar as possibilidades do chefe de governo ganhar as eleições, acompanha cada passo das campanhas e quando chega na conclusão que esta pessoa tinha grandes chances de ganhar, decide pedir um empréstimo num banco para contratar mais duas pessoas no desafio de acelerar a maturidade da metodologia.

Acontece então, como previsto, que o chefe de governo ganha as eleições e vira presidente da república argentina. Mas o retorno por parte da equipe encargada de dar continuidade à parceria com o empreendimento social da Delfina demora mais de 6 meses. Foi um momento angustiante para ela, tinha que pagar salários, tinha custos da operação das provas pilotos principalmente porque estes eram realizados em diferentes municípios. E a resposta prometida se fazia esperar.

Com o retorno e posicionamento positivo do governo argentino, ela percebe embora foi uma jogada muito ariscada pelo fato de não contar com nenhuma garantia por parte do presidente e sua equipe, quando o momento de apresentar uma proposta de trabalho já tinha um plano de atuação consistente e claro, resultados mapeados dos pilotos e uma equipe própria que responderia as diferentes demandas. No começo a parceria foi pactuada por dois anos e para trabalhar com 150 municípios o que leva a contratar mais seis pessoas para apoiar

a operação do projeto e começa uma fase de crescimento e posicionamento do empreendedorismo social.

O grande desafio na operação da metodologia durante estes anos, foi a cultura de trabalho do setor público, muitas vezes mais tradicional que profissional. E ela junto com sua equipe lutavam por uma virada ao profissional e isso implicou uma mudança de cultura que não foi fácil.

Após finalizar este período de trabalho com os 150 municípios, começa uma jornada maior, está vez abraçariam o acompanhamento de 220 municípios a mais, o que implicava a contratação de mais dez pessoas que se integrassem nas diferentes demandas dos municípios.

No primeiro ano todo avançava positivamente com os 370 municípios, mas internamente a equipe enfrentava problemas de comunicação e de gestão, que levaram a Delfina a se conscientizar e refletir sobre seu papel como líder de um empreendimento de 18 pessoas, todas vinculadas como funcionários integrais.

Por outro lado, era selecionada pela rede internacional de empreendedorismo social Ashoka como empreendedora social referente na Argentina. Está seletiva foi um momento fundamental que reconheceu o trabalho da organização e a colocou dentro de uma rede de investidores e parceiros colaborativos.

As parcerias e a partilha do conhecimento dentro da rede funcionaram como motor de crescimento muito importante para o empreendimento. Meses depois foi reconhecida pelos Global Shapers, a rede internacional criada pelo Fórum Econômico Mundial (WEF) como membro representante da Argentina.

Estes reconhecimentos fortalecem seu papel como empreendedora social no país, a levam a participar de eventos onde contava sua história e a história do seu empreendimento. Também conseguiu ganhar duas convocações de cooperação internacional que permitiram

a compra de equipamento de alta gama e a contratação de um time de mais 24 pessoas localizadas permanentemente nos municípios com o objetivo de oferecer uma atenção personalizada às equipes municipais.

As redes Ashoka e Global Shapers a conectaram com parceiros internacionais que a ajudaram na produção do conhecimento de maneira vertiginosa e sistematizada e em desenvolver tecnologia para compartilhar o conhecimento em tempo real com os diferentes governos.

Este avanço na maturidade da metodologia para um plano digital, a levou a receber um convite por parte do casal Obama e sua fundação para participar da Cúpula Mundial de Jovens Líderes da Sociedade Civil. Neste evento teve a oportunidade de representar seu país sendo a única argentina presente e apresentar os principais resultados dos primeiros 5 anos de trabalho com seu empreendimento social.

Delfina e seu empreendimento contam com um amplo reconhecimento no latino américa pelos prêmios, as redes e os resultados obtidos com os governos municipais. Conta hoje uma equipe de 60 pessoas trabalhando em todo o território argentino, atendem 220 municípios e estão focados na criação da gestão estratégica para o empreendimento social.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Delfina. Após análise dos relatos vindos das entrevistas virtuais e os vídeos de entrevistas achadas da mídia sobre Delfina, se identifica uma narrativa oficial que articula a percepção pessoal dela sobre a administração pública, a compreensão sobre empreendimento social e como na junção de práticas sociais associadas a estes campos de trabalho se localiza a possibilidade de transformação social em grande escala. Coloca sua prática como empreendedora como dependente das dinâmicas da administração pública dos municípios argentinos e em repetidas oportunidades assume nos relatos a importância do estado no desenvolvimento do empreendimento social e na carreira singular do empreendedor.

Na narrativa da Delfina se identifica uma influência do pai, principalmente na formação de valores e de sensibilidade pelas problemáticas sociais devido aos trabalhos filantrópicos que o pai desenvolvia na cidade natal quando a Delfina era adolescente.

A empreendedora reconhece esta influência paterna e declara que também é evidente nos irmãos, que hoje trabalham como empreendedores sociais em diferentes causas. Estes valores vindos do pai também se identificam na visão sobre a educação do empreendedor social: “A educação é o caminho que possibilita o empoderamento cívico e social, o empreendedor social que não se esforça em construir e alimentar o pensamento crítico que a formação acadêmica outorga, corre o risco de fazer um trabalho social ilusório e assistencialista, eu aprendi com meu pai que para atender a problemática social primeiro temos que compreendê-la”.

Por outro lado, o contexto acadêmico para Delfina possibilitou identificar a problemática-chave do seu papel como empreendedora social, as dinâmicas de administração dos municípios argentinos: “Foi numa aula muito chata que percebi que a administração dos

municípios argentinos era um caos, não tinham parâmetros claros e existiam fortes desigualdades entre as administrações o que facilitava processo de corrupção e negligência”.

Nas palavras de Augé (1994) a dimensão espacial onde acontece a relação psicossocial permite uma diferenciação entre lugar como realidade e estrutura espacial simbólica e historicamente determinada e espaço lugar praticado ou existencial que é produzido na relação entre a pessoa e a realidade. A estrutura espacial historicamente determinada, a faculdade e especificamente a sala de aula possibilita a Delfina neste momento transcender a uma estrutura espacial que carregada de questionamentos sobre como funcionava o mundo permitiram esta interpretação da problemática e um mobilização à busca de soluções sociais.

Nesta linha de raciocínio, o processo de mobilização veio articulada pelos fatores ambientais associados ao contexto acadêmico que geraram produções da empreendedora como se aprofundar por meio de uma pós em desenvolvimento social para encontrar modelos de administração municipal alternativos aos conhecidos durante a graduação.

Estes pontos de inflexão criam um projeto de vida de trabalho, que conduzem a Delfina a tomar decisões importantes como buscar ser incubada para facilitar o nascimento empreendimento e posteriormente abandonar o processo por perceber uma falta de alinhamento, alugar uma casa-escritório, pedir colaboração a conhecidos para se manter financeiramente enquanto estruturava o projeto e principalmente continuar com a vontade de realização do projeto nos momentos de depressão e crise pela incerteza sobre o futuro.

As dinâmicas de desafios relacionados com o empreendedorismo social fundado colocam a Delfina na necessidade de criar estratégias identitárias para se relacionar com o mundo, como líder e principalmente com a problemática social atendida, caracterizada por ser diferenciada em cada município, onde cada administração tinha problemas e uma cultura

de trabalho específica. “O mais complexo durante estes anos de trabalho, é a cultura de trabalho do setor público, muitas vezes mais tradicional que profissional. Nosso trabalho deve levar em consideração este aspecto cultural e somos desafiados a respeita-o ao tempo que buscamos dar uma virada ao profissional”.

Por outro lado, são compreendidas estratégias identitárias associadas ao fato de ser uma empreendedora social reconhecida na Argentina a colocam numa tensão dialética como mencionado por Kraus (1998) na medida em que Delfina busca por um lado manter sua identidade como empreendedora focada nas demandas do dia a dia relacionadas com o empreendimento e pelo outro é desafiada pelos reconhecimento internacionais que nos relatos foi um tema evitado e possivelmente desconfortante “Os prêmios internacionais são bons porque trazem um valor financeiro que ajuda ao projeto e dão credibilidade ao trabalho, mas todos esses prêmios a pesar de ser outorgados a meu nome, são do time, não meus”.

A forma narrativa épica utilizada por Delfina é rica em detalhes sobre a vida acadêmica, desafios, fracassos, aprendizados e principalmente sobre sua liderança do empreendimento social fundado, sempre se posicionamento com uma líder, que lidera pelo exemplo e que acredita na coletividade. “Sempre que olho para o passado me invade um profundo sentimento de gratidão pelas pessoas que acreditaram em mim, isso é muito magico, são os insumos fundamentais para empreender, os amigos”. Expressando esta frase em um tono suave e pausado diferente de sua tonalidade predominante, estruturada e forte.

A noção de coletividade foi uma palavra chave utiliza em vários momentos da entrevista e que também se percebeu nas entrevistas e documentais achados na internet sobre Delfina. As conversas entre a empreendedora e a pesquisadora foram fluidas e fáceis de levar, da empreendedora falou livremente de forma eloquente e descritiva sobre sua família,

empreendimento e chamou a atenção a forma como relatou os momentos críticos experienciados com detalhes e sempre considerando estes parte da jornada do empreendedor.

Jose

A história de vida do Jose. 31 anos, nascido na cidade de Buenos Aires a maior cidade da Argentina com uma população de cerca de 13 milhões de pessoas. É o segundo filho de um casal que separou quando ele tinha 16 anos.

No começo da faculdade em engenharia industrial decide sair da casa da mãe e juntar-se a um par de colegas para morar numa casa alugada no interior da cidade. Nesta casa, cada amigo tinha uma responsabilidade, a responsabilidade do Jose era comprar a comida e os produtos de limpeza além de cozinhar.

Como tinham pouco recursos financeiro, compravam em pequenos formatos na quitanda do bairro o necessário para o dia a dia. Ao final de mês os custos associados com a alimentação e produtos de limpeza era muito mais alto do planejado, o que levou ao Jose a fazer uma pesquisa onde comparava os valores gastos pela mãe em casa e os valores gastos por eles na casa. No final chega na conclusão de que quando se compra em pequenos formatos ($\frac{1}{4}$ de óleo, meio quilo de arroz etc.) as compras saem mais custosas.

Desta pesquisa informal compreende que as famílias mais carentes acabam pagando aproximadamente 40% a mais em comparação de quando se compra em formatos grandes habito de compra frequente nas famílias de classe média e ricas. “E muito caro ser pobre, pagam 40% mais que as famílias ricas, hoje nós chamamos isto a taxa da pobreza. Isto impacta o 85% das famílias latino-americanas” afirma numa das entrevistas.

No final da graduação decide participar de uma ONG como voluntario e cada quinzena se dedicava a construir casas para pessoas em comunidades de extrema pobreza em

diferentes cidades de Buenos Aires. Nesta experiência conheceu o trabalho comunitário, famílias em zona de vulnerabilidade e começa a questionar sobre o que aprendia na faculdade sobre economia e o que se vivia nos acampamentos de trabalho junto com as comunidades.

Os finais de semana construído casas junto com as famílias e o fato de estar na fase final da graduação o motivaram a encarar o desafio de criar uma solução para a problemática vivida por ele mesmo na compra de alimentos e produtos de limpeza e que sabia era parte do dia a dia das famílias pobres do Chile.

Junto com um amigo da faculdade começam a aprofundar nos processos de compra e venda de produtos em diferentes bairros que conheciam graças ao trabalho voluntário desenvolvido e juntos criam um modelo de trabalho que aos olhos deles, revolucionaria as compras ao a granel ou compra fracionada revitalizando os hábitos de compra em famílias que na maioria das vezes não tinham possibilidades de comprar em grandes volumes, com preços justos e de qualidade.

Quando começaram a entender sobre mercearias locais, e a mapear os principais atores envolvidos nos processos, surge a primeira oportunidade de parceria com uma quitanda, eles comprariam os produtos em grandes volumes os levariam até os bairros e os colocariam em máquinas dispensadoras para que as pessoas comprassem as quantidades que quisessem e os levassem em garrafas ou panelas próprias e assim reduzir o desperdício de embalagens.

Os dois amigos criaram três máquinas dispensadoras, uma para o arroz, uma para lentilha e outra para detergente em pó, baixo o acordo que, a dona da quitanda pagaria pelas máquinas após testar a sua efetividade. A instalação das máquinas e a vinda dos primeiros usuários foi um momento de muita empolgação para o Jose, ao ver a possível solução sendo implementada com as pessoas que precisavam dela. Porém este primeiro protótipo tinha

múltiplos erros no design, o que levou a furtos da mercadoria, uma custosa manutenção mensal, e a perda do primeiro cliente que no final pediu agressivamente retirar as maquinarias da quitanda.

Neste momento, pensa em desistir do projeto principalmente pelo fato de perceber que tinham uma ideia romantizada sobre a solução, pensavam que mudariam rapidamente a vida das famílias e que estas receberiam o projeto com gratidão e lealdade. Mas faltou uma previsão sobre os riscos e os erros, sendo um desgaste emocional que opacou o relacionamento entre o Jose e seu amigo e socio.

Nesta época, paralelamente ao teste das máquinas na quitanda se apresenta em várias convocatórias nacionais na busca de investimento sem ter sucesso por 8 meses consecutivos. Porém da participação destas convocatórias, que implicava na maioria das vezes apresentar o projeto ante uma banca avaliadora de empreendedores especialistas, obtiveram sugestões que ajudariam na melhoria do protótipo de máquina dispensadora que apresentava erros.

Uma destas sugestões, era fazer encontros com as famílias para conhecer as expectativas que estas tinham, onde teriam a oportunidade de indagar e conhecer como eles imaginavam o processo de compra, sobre as máquinas e os preços dos produtos. Realizaram cinco encontros durante um mês, onde os dois sócios se dedicavam a mostrar possíveis cenários para os participantes e estas abertamente opinavam e questionavam sobre o funcionamento.

A partir das informações coletadas surgiram quatro melhorias estruturais no empreendimento: A primeira foi que conseguiram implementar melhorias no design do modelo de máquina dispensadora, a segunda criaram políticas e regras de relacionamento com os donos das quitandas, a terceira estabeleceram parcerias com grandes produtores de

alimentos o que levou a uma maior diminuição de custos e a quarta melhoria estava associada a criação de uma rede de confiança nos bairros com as famílias e com os donos das quitandas.

Com as aprendizagens com a comunidade, se apresentam em um concurso internacional sobre inovação social e ganham obtendo recurso financeiro para fazer o primeiro protótipo melhorado das máquinas dispensadoras e aparecem numa matéria do BBC World como os inovadores sociais ganhadores do ano.

Devido a esta matéria um grupo de estudantes alemães conhecem o projeto e contatam a Jose, quem neste momento na história do empreendimento já era o diretor executivo. No e-mail, os estudantes perguntavam sobre a possibilidade de implementar o projeto e se poderiam enviar o especialista na instalação de máquinas, já que tinham interesse em adquirir 10 máquinas dispensadoras de detergente ecológico para colocá-las nos dormitórios estudantis. Após meses de negociação Jose viaja para a Alemanha para contar sobre a experiência e implementar as máquinas. O contato e implementação das maquinarias do grupo de estudantes validou para o Jose e seu socio a importância do modelo em diferentes contextos já que incluso na Alemanha fazia sentido por motivos de cuidado ambiental.

Esta experiencia como eles imaginavam traz credibilidade para o projeto, já que os aproxima a investidores que injetam capital para expandir a presença do empreendimento no Chile e na Colômbia, atendendo aproximadamente 120.000 pessoas em 1500 quitandas nestes países e contar com um corpo de 55 funcionários distribuídos nestes países.

Em estas expansões internacionais o Jose é o responsável pela formação das equipes estratégicas e operacionais. Como resultado na expansão e alto potencial de crescimento são reconhecidos na revista Fast Company como umas das 40 empresas mais inovadoras do mundo e junto com isto se outorga para o empreendimento um prêmio financeiro como reconhecimento pela empresa privada patrocinadora.

O inovador do modelo que supre uma necessidade para a base da pirâmide, as redes e convocações ganhadas abrem possibilidades para Jose como empreendedor social reconhecido o que o leva a visitar mais de 25 países realizando palestras e relatando a experiência do empreendimento social fundado e ingressou na rede Ashoka como representante argentino desta rede internacional, recebendo um reconhecimento financeiro por parte desta organização por 3 anos consecutivos.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Jose. Na narrativa do Jose se percebeu um discurso dominante associado à inclusão social por meio da venda de alimentos ao granel e de forma sustentável. Falou em profundidade sobre os processos de comercialização os atores envolvidos, como funciona na prática e quais são os principais desafios associados à comercialização e em várias oportunidades focalizou completamente sua atenção nestes aspectos.

A forma narrativa identificada nos relatos do empreendedor nos diferentes encontros e no material encontrado na web, se caracteriza pelo uso de metáforas para explicar detalhes da sua trajetória como empreendedor e como funciona o empreendedorismo social. “empreender é como ter filhos, não existem manuais, todo mundo faz de seu jeito, o melhor que se pode fazer é dar teu 100% para que todo de certo, só que no final não dá certo (risos) mas você aprende”. “São como portas que se abrem e se fecham (falando sobre os reconhecimentos) alguns realmente são divisores de água na vida do empreendedor, outros reconhecimentos realmente são só fumaça”.

Algumas características ambientais, principalmente aquelas presentes durante a época que decide ir morar na casa, dentro da comunidade com amigos marcaram de forma significativa a escolha pelo tipo de empreendedorismo social que fundou “ Eu era o responsável por fazer as compras em casa, tínhamos pouco dinheiro assim que, diariamente

comprava fraccionado, no final de mês fazia as contas e comecei a perceber que era caro demais, estávamos pagando quase o dobro do preço pela comida”.

Neste trecho se percebe que dentro do papel social de consumidor, começa um processo de compreensão de como funcionam as compras ao granel e nesta dinâmica que as famílias pobres acabam pagando a chamada “taxa à pobreza” como é definido pelo próprio empreendedor e trata-se do valor a mais que uma família pobre paga ao comprar produtos ao granel versus a quem compra em tamanhos grandes.

Esta crítica que emerge sobre os processos comerciais leva a o Jose a se juntar com colegas da faculdade que compartiam a mesma percepção da problemática e a vontade de criar um projeto nesta linha de trabalho. Com isto nasce a ideia de empreender socialmente. Neste relato sobre o nascimento da ideia empreendedora o José cria um processo discursivo argumentativo, se baseia bastante em estadísticas sobre produtos alimentícios, se percebeu um bom grau de profundidade e detalhe em dados, eventos e estratégias de compra e venda que se interpreta, ele utiliza para argumentar a importância do seu empreendimento.

Posteriormente, se percebe que quando a ideia é levada à ação, múltiplos erros acontecem e pensam em desistir do projeto por desencontros com o socio. “nos faltou entender que é também um processo de desaprendizagem, estas famílias levavam a vida toda comprando de uma forma e quando mostramos uma máquina com um monte de erros simplesmente complicamos tudo... por outro lado, os furtos doeram muito, foram fatos que não imaginávamos”.

Dentro desta crise, se reconhece pela primeira vez como empreendedor social no relato: “nesse momento saímos da bolha sobre a ilusão de empreender e sobre o papo de mudar o mundo, para mudar o mundo o primeiro que tem que passar por essa mudança é você”.

Evidencia-se que no começo existia um posicionamento ilusório sobre a ação de empreender e com a crises no começo do projeto junto com o conflito entre os socio, demandaram uma reestruturação deste posicionamento que possibilitaria a tomada de decisões para conseguir posicionar o projeto na sociedade.

Uma destas decisões é claramente explicitada, quando relata sobre seguir a sugestão vindas das bancas avaliadoras realizando a pesquisa feita com famílias e donos de quitandas nos bairros. Após pensar em desistir do projeto, esta aproximação com a comunidade traz novos significados para o Jose e permite reestruturar positivamente as dinâmicas de trabalho do empreendimento social.

Estas reestruturações e abertura a escutar diferentes pontos de vista tem sido fundamental no sucesso do projeto. Na atualidade Jose é um empreendedor social reconhecido pela inovação social embutida no projeto o que tem possibilitado a criação de uma trajetória profissional como palestraste que o tem levado a visitar mais de 25 países.

No encontro presencial houveram algumas pausas, que são analisadas como espaços onde se analisa o sujeito não se sentia confortável de falar, já que ficava em silencio e começava frases rápidas com poucos detalhes, principalmente ao contar sobre sua família e infância.

Algumas frases-chave da narração foram: “queremos revolução as compras ao granel no mundo”

Ari

A história de vida da Ari. 28 anos, nascida em Guararema, município brasileiro do estado de São Paulo, localizado na Região Metropolitana de São Paulo e Alto Tietê que conta com uma área de 270,8 km² e uma população de 28.344 habitantes. Teve uma infância humilde e feliz. Sempre morou de aluguel com os pais e o irmão mais novo. Na época, a mãe trabalhava como manicure e o pai era funcionário de almoxarifado de uma empresa.

Ari estudou em escola pública e na época ficava empolgada com a ideia falar inglês fluentemente, mas não lembra de nenhum professor ou até mesmo agências de viagem terem ido lá na instituição falar sobre intercâmbio, estudos no exterior ou indicar livros de inglês.

Ao finalizar a escola decide buscar emprego para ganhar o dinheiro necessário para entrar na faculdade. Encontra nas vendas de uma loja de shopping. Começa a graduação em jornalismo e no segundo ano do curso já fazia estágio como reporter em jornais e diários locais de Mogi das Cruzes.

Nesta mesma época uma amiga de infância de Guararema estava prestes a embarcar para a Califórnia, nos Estados Unidos, para um intercâmbio de babá. A viagem da amiga a inspirou a passar mais tempo estudando inglês e depois tentar viajar na mesma modalidade de baba.

No final da faculdade se apresenta ao processo na agência de intercâmbios, passando na entrevista com uma família da Virginia. Um par de meses depois embarca para o exterior à escola de treinamento em Nova York.

Mora nos Estados Unidos por um ano e meio, tempo no qual se ocupava de cuidar de três crianças, gêmeos de 7 e uma menina de 10 anos. Junto com o trabalho de babá começa

uma especialização em Marketing e nos tempos livres viaja para conhecer outros estados dos E.E.U.U.

Na volta para o Brasil, Ari percebe que as oportunidades que teve no exterior tinham transformado a forma como enxergava o mundo, percebeu que passou a ser uma pessoa mais consciente, empática, humana.

Com um inglês fluente começa a trabalhar dando aulas particulares para coordenadores e diretores de uma organização social. Meses depois o fundador da Organização chama a Ari para liderar um programa social para adolescentes que consistia em ensinar inglês e programação de linguagens de computação.

No desenvolvimento do projeto, ela cria uma metodologia para ensino de inglês baseada nas preferências musicais e de entretenimento como seriados e filmes dos adolescentes. O programa se estende mais um ano pelos bons resultados de aprendizagem por parte dos beneficiários. Ari sentia satisfação como professora de inglês identificando-se no processo com os alunos e ressaltando a importância do inglês na vida profissional.

Nesta época descobre que está grávida as condições econômicas na organização social não eram favoráveis, pelo qual o fundador decide não continuar com o projeto liderado pela Ari. Sem uma entrada econômica fixa, Ari vivencia um momento muito difícil onde chegou a questionar se o trabalho em projetos sociais tinha sido o caminho correto, ela era jornalista também então começou a buscar trabalhos pontuais de pesquisa e criação de matérias informativas para jornais locais.

Durante a gravidez se afastou dos projetos sociais e dos alunos com quem tinha durante o projeto um relacionamento próximo. Se sentindo desorientada, busca orientação por parte de uma ex-chefe da organização social e amiga dela, quem de uma forma direta a incentiva a continuar com as aulas de inglês particulares argumentando que todo o que

conhecia sobre ela e o que a fazia feliz estava relacionado com inglês e incentivar as pessoas a conhecerem outras culturas.

Decide continuar com as aulas de inglês por meio de aplicativos e sites que conectavam pessoas que queriam aprender inglês com professores como ela. Vira mãe de um menino e junto com o namorado decidem ir morariam juntos para dividir as tarefas e cuidado da criança.

Quando o filho faz um ano recebe o pedido na mesma organização social onde tinha trabalhado, para fazer uma metodologia de ensino de inglês que seria utilizada numa nova sede no Rio de Janeiro. Aceitando o pedido de estruturar a metodologia, decide que gostaria participar de um processo similar de ensino de inglês, mas desta vez não dependeria de uma organização e que criaria um programa para ensinar inglês para jovens de forma gratuita nos tempos livres.

Nesta época a ex-chefe e amiga tinha saído da organização social e fundado uma própria organização que tinha como objetivo estruturar a estratégia de crescimento de organizações sociais e sabendo disto, pede para amiga uma assessoria para estruturar o projeto social. No processo de assessoria Ari decide que não só seria um programa de ensino de inglês, seria um programa de preparação para intercâmbios internacionais. Nos encontros de assessoria descobre que o sonho que buscava “vender” para os jovens não era só aprender outra língua era se possibilitar para sair e conhecer o mundo.

Com base nisto funda uma organização social que até hoje tem o objetivo de incentivar e preparar jovens vindos de periferias e de escolas públicas para intercâmbio no exterior. Por meio de aulas de educação financeira, acompanhamento psicológico, trabalho com pais, aulas de inglês e acompanhamento durante o intercâmbio, buscam atingir este propósito do intercâmbio.

No primeiro ano de atuação e graças a seu trabalho por estabelecer parcerias com escolas de intercambio, consegue mandar 7 jovens do extremo leste de São Paulo para Austrália, Canadá e Nova Zelândia para um mês de estudos de inglês com tudo pago.

No segundo ano recebe um importante patrocínio por uma organização social internacional que permite ampliar o grupo para 30 alunos e criar uma equipe de 5 pessoas que lideravam as etapas de preparação do jovem, enquanto Ari se dedicava a parte mais comercial do projeto como estabelecer parcerias e buscar patrocínios.

Nos dias atuais no terceiro ano do projeto, 150 alunos passaram pelo programa de preparação, e 42 foram viajar fora do Brasil de forma gratuita. Ari continua no cargo de presidente explorando a criação de uma linha de produtos associados a viagens que possam ser comercializados e com o dinheiro das vendas gerar sustentabilidade financeira para a organização.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Ari. O discurso dominante em Ari vem associado aos aspectos mais positivos do intercâmbio cultural e como possibilitar este acesso para jovens de escolas públicas, moradores das periferias do Brasil mudaria de forma positiva a percepção que o jovem tem sobre si e sobre o mundo. “Nosso grito de batalha da organização é o mundo me pertence, o jovem vindo da periferia tem problemas de autoestima e se sente excluído de espaços como a paulista por exemplo, agora imagina o que acontece quando se fala de ir estudar na Europa?”.

Durante os encontros argumentou que falar uma língua nova, conhecer novas culturas muda a forma como as pessoas percebem o mundo. Percebeu-se muita emotividade em todo o exercício narrativo. “Eu vivi, me inspirei e voltei para transformar outras pessoas. Outras pessoas de baixa renda podem fazer o mesmo. Foi isso que pensei quando criei a organização

social. A experiência internacional vai muito além de aprender inglês. Quem já teve a oportunidade de fazer intercâmbio, sabe que a viagem ao exterior é muito maior que isso. O impacto social que a gente pode gerar nas comunidades, dando a elas capacitação e orientação para que vivam outra cultura é gigantesco.”

Os intercâmbios em jovens brasileiros segundo o levantamento realizado pela Belta Brazilian Educational,³ mostraram que em 2018, o setor de intercâmbio cresceu em torno de 23%. Além, da procura por cursos de idiomas graduação em uma universidade internacional também é um projeto muito presente entre os jovens brasileiros. Por outro lado, a maior demanda vem dos cursos de idioma, entre os estudantes que já realizaram um intercâmbio, 39,2% estudaram uma segunda língua no exterior, principalmente inglês e espanhol. Entre os destinos mais procurados, praticamente um a cada quatro estudantes viajaram para o Canadá (23%). O país é acompanhado pelos Estados Unidos (21,6%), Reino Unido (10,2%), Nova Zelândia (6,9%) e Irlanda (6,5%). No total, 39 destinos apareceram como opções dos brasileiros.

Enquanto a investimento financeiro, a experiência demanda um investimento em média de USD 9.989 por mês no exterior para cobrir os custos associados a matrícula do curso, passagens aéreas, alimentação e hospedagem, segundo a pesquisa.

Em comparativa o salário mínimo no estado de São Paulo no ano de 2019 está aproximadamente em USD 282,367 para um grupo social conformado por trabalhadores domésticos, serventes, motoboys e auxiliares de escritórios. Ofícios que Ari e sua organização por meio de levantamentos sociodemográficos tem identificado como os ofícios

³ A Belta – Brazilian Educational & Language Travel Association é uma rede que reúne as principais instituições brasileiras que trabalham com intercâmbio para a ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional no exterior.

dos pais dos alunos que estudam em escola pública e moram nas zonas periféricas de São Paulo. Com base nisto, se evidencia que existe uma incapacidade de acesso aos programas tradicionais de intercambio para alunos de baixa renda.

A mesma Ari compartilha esta realidade, vinda de uma família pobre, foi a única pessoa da família por 3 gerações seguidas, que viajou fora do Brasil. Estas condições familiares foram narradas com muito orgulho e emocionalidade (seus olhos se encheram de lagrimas e teve uma pausa longa ao lembrar este fato). “Na minha família, nunca ninguém foi pra fora do país, seja para passear ou estudar. Então pra mim, isso era coisa só para pessoas muito ricas. Nunca fui encorajada, desafiada em casa a pensar sobre intercambio”.

A forma narrativa quando descreve a experiencia de intercambio que teve nos Estados Unidos, se caracteriza por ser romantizada: “Meu Aquilo era muito mágico e só de me lembrar da sensação que tive ao ver aquela cidade pela primeira vez eu sinto um arrepio. Aquilo ali já me transformou completamente. Eu estava tendo acesso ao mundo, coisa que ninguém da minha família nunca teve! Minha mãe, meu pai, não sabem até hoje o que é estar imersa a uma outra cultura e um outro idioma, o que eu ainda quero poder proporcionar a eles.”

Por outro lado, a forma narrativa muda quando tentava argumentar porque o projeto era relevante para a sociedade, neste momento surgiam dados estadísticos sobre intercâmbios, a falta de oportunidades e a falta de informação sobre intercâmbios para alunos das periferias ou escolas públicas. “Esta situação é a que motiva a pular da cama todos os dias” relatou.

O projeto de vida de trabalho como empreendedora começa com a leitura sobre as características ambientais que impossibilitam fazer intercambio a jovens como a Ari, vindos de periferias e estudantes de escolas públicas. Acontecendo o intercambio a empreendedora

elabora um novo posicionamento sobre a problemática “Si eu consegui outros como eu podem” a experiencia reparou a visão que tinha até a época que intercambio internacional era só para pessoas ricas, achou um caminho que possibilitou com um baixo investimento viajar para os Estados Unidos.

Quando começa a atuar como professora de inglês, e sentir satisfação com este ofício, criando metodologias contextualizadas nas necessidades dos jovens da periferia e obtendo resultados sobressalientes no processo de aprendizagem do inglês, valida a importância do intercambio na vida profissional, mensagem que segundo ela é socializado constantemente como os alunos da organização.

Com a fundação do empreendimento social emerge um processo demanda de se posicionar ante a crise, buscar aliados estratégicos e recurso financeiro para operacionalizar o projeto.

Os temas que foram narrados mais em profundidade foi a metodologia de trabalho para preparar o jovem para o intercambio e sobre o momento atual caracterizado pela busca de equilíbrio financeiro para manter as operações do empreendimento.

Este momento atual estimulou um posicionamento como líder associado a características mais executivas e comerciais, Ari teve que pensar estratégias de garantir a saúde financeira da ONG por meio de venda de uma linha de produtos associadas a experiencias e viagens.

Ari utiliza varias frases de forma constante como são: “O intercambio é um divisor de águas” “O mundo pertence a todos” “Impactamos vidas por meio do intercâmbio cultural” “Possibilitamos o acesso para jovens da periferia”.

Carlos

A história de vida do Carlos. 31 anos, nascido em Guarulhos – São Paulo um município da Região metropolitana de São Paulo com uma área de 318.01 e uma população de 1,325 milhões de pessoas. Viveu a infância dentro de uma favela em Guarulhos. A idade de 5 anos o pai é preso por porte de armas e assalto a banco.

A mãe foi o contraponto da história, que o inspirou a sonhar e acreditar que o passado e a história no pai não poderiam determinar o futuro dele. Na infância e adolescência foi difícil sofreu de desnutrição pela fome que passava quando sua mãe ficava sem emprego. Outro ponto marcante desta época eram as visitas ao pai no presídio, onde muitas vezes teve que testemunhar a mãe sendo nua para a revista de segurança.

Após sete anos preso o pai volta a casa com Carlos e a mãe dele, sob uma promessa de mudança de vida. O pai começa uma nova etapa como vendedor de doces nos trens de São Paulo ao tempo que virava um membro ativo na igreja evangélica da comunidade como voluntário em projetos de ajuda a dependentes químicos e ex-presidiários.

Neste período Carlos pratica o futebol de forma constante chegando a frequentar times menores de equipes profissionais de futebol como o Corinthians. Por outro lado, começa a faculdade de jornalismo numa faculdade privada em Mogi das Cruzes. Como trabalho de conclusão, decide escrever um livro que contava a trajetória profissional de personalidades Brasileiras reconhecidas pelas conquistas como empresários e empreendedores. Neste exercício jornalístico conhece outras realidades sociais e começa a pensar no necessário que era aproximar esses dois mundos “A faria lima com a favela” como ele mesmo disse.

Outro ganho desta experiência é que vários dos entrevistados, gostam dele como pessoa e por serem pessoas com poder de decisão em grandes empresas, aconselharam ao Carlos a levar esse sonho pessoal de transformação social até um sonho coletivo. Com base na nesta orientação decide que fundaria uma Ong que atuaria na integração das coisas que o protegeram das drogas e do crime, o esporte, a cultura e a qualificação profissional.

Durante o primeiro da Ong, impulsionado pela falta de recurso financeiro para a operação dos projetos, que neste momento funcionava com voluntários, amigos da comunidade que doavam seu conhecimento e 2 horas semanais para realizar oficinas de futsal, skate e pintura. E inspirado na boa experiência com o primeiro livro decide escrever um segundo livro e com as vendas deste ter um “colchão financeiro para manter a organização”.

Escreve seu segundo livro e quando este é publicado de forma independente junta um grupo de 50 voluntários, a maioria da igreja onde o pai já estava como pastor e começam a vender os livros nas ruas e de casa em casa dentro da comunidade por 9,90 reais.

O livro contava a história de 7 jovens empreendedores sociais em todo o território brasileiro e sobre seus projetos sociais. Com o dinheiro juntado pelas vendas consegue pagar salários simbólicos para os amigos e abrir uma nova área de ressocialização de ex-presidiários em homenagem à mudança de vida do pai.

Graças a rede de empresários que acompanhavam seu trabalho é apresentado a uma herdeira de um banco brasileiro que ao conhecer a história do Carlos e o projeto, decide fazer uma doação que garantia o salário das 5 pessoas que acompanhavam de forma permanente o projeto.

Paralelamente, começa a integrar a rede Global Shapers graças a que, a empresária que doou para a manutenção da ONG fazia parte do conselho desta organização no Brasil.

Nesse mesmo ano aparece na lista da revista Forbes como uns dos 30 brasileiros menores de 30 anos que mudara o mundo.

A visibilidade obtida pela matéria na Forbes possibilita que comece a dar palestras para empresas contando sua história de superação da pobreza e sobre os desafios associados ao empreendimento social. Com o passo do tempo as palestras foram aumentando levando a Carlos a palestrar em vários estados brasileiros e fora do Brasil em países como: Uruguai, Inglaterra e Estados Unidos onde teve a oportunidade de palestrar na Universidade de Harvard.

Por outro lado, a equipe operativa da organização social cresce para atender a expansão a outras localidades como Ribeirão Preto, Rio de Janeiro e Maceió. Os projetos são mantidos por meio de um modelo híbrido de captação de recursos por meio de lei de incentivo, patrocínios da empresa privada, doação de pessoas físicas como também pela venda de produtos com a marca da organização social.

Um dos momentos mais interessantes narrados por Carlos é quando ganha uma bolsa por parte de um empresário para estudar liderança em Harvard. A oportunidade demandava se afastar do projeto por 2 meses, deixando a equipe atuar sem sua supervisão direta. Foi um momento de dor ao perceber que tinha problemas com desapegar da rotina e de delegar decisões importante para os diretores da época. O afastamento ajudou para compreender que a equipe estava o suficientemente madura para ganhar autonomia e o papel que até o momento tinha na organização, predominantemente focado na operação dos projetos virasse para um olhar mais estratégico.

Na época da última entrevista, continuava trabalhando em novos projetos para posicionar a organização social em outros estados brasileiros. Dentro de suas prioridades estava achar patrocínio e parcerias que ajudassem a manter a operação em 10 estados

brasileiros e uma equipe de 65 pessoas que cuidam do trabalho de um impacto registrado de mais 25 mil famílias segundo a pesquisa de impacto social realizada da organização em 2018.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Carlos. O discurso dominante no Carlos está associado à autonomia, a motivação intrínseca, e a faculdade de decisão de mudança que vem de cada pessoa. Ao começar a narração ele comenta que frase que mudou a sua vida sempre dita pela mãe foi: “Não importa de onde você vem e sim para onde você vai” e que entendeu desde muito novo que esta frase é aplicável a todas as pessoas, e esse é o mensagem que ele leva nos projetos sociais e palestras que lidera ao redor do mundo.

O relato de Carlos é motivador, com uma tonalidade forte e bem articulada, habilidades associadas à sua formação como jornalista e ao constante exercício de falar em público há mais de 07 anos.

A forma narrativa empregada é profundamente poética, se colocando em muitas oportunidades como personagem dentro da sua mesma história, recriando vozes de pessoas chaves na sua vida e colocando o seu papel como empreendedor social em um espectro heroico entonando frases como: “Eu não trago esperança, eu sou a esperança”.

O empreendedor enfatiza características ambientais sobre sua criação, o fato de morar em um barraco em Guarulhos, de ter o pai preso por muitos anos, a mãe trabalhar como diarista e outras realidades que vão se articulando com outros episódios da sua vida, por exemplo: “perdi grandes amigos pela droga e o crime, vários estão mortos outros presos, sei que o que me salvo foi além da minha mãe ter uma paixão na vida, as vezes foi o esporte, outras o quer ser jornalista e contar minha história ao mundo. Decidi que estas seriam minhas armas contra o tráfico”.

Este trecho evidência como as características ambientais, negativas na maioria das vezes foram determinantes na escolha de como seria a estruturação da sua organização social, o que seria ensinado e por que pessoas. De um corpo de 23 professores associados hoje como prestadores de serviço 14 são amigos da comunidade do Carlos.

Por outro lado, se percebe uma alta percepção positiva sobre si mesmo, se mostra uma pessoa extremadamente segura de si, consciente do reconhecimento e da rede de amigos o a qual conta hoje: Na segunda entrevista quando se pediu que explicasse como entendia a frase, frequentemente mencionada “aproximar a favela da faria lima ele respondeu: “Aproximar a favela da faria lima significa o Edu poder ser amigo do Jorge Paulo Lehman, poder convidar para Jantar na sua casa na favela”.

Esta frase desvela que a rede de amigos empresários é reconhecida e valorizada pelo Carlos, na sua narrativa se evidencia o orgulho que sente por construir estes relacionamentos de confiança com pessoas com poder de decisão em grande escala. Ele aprendeu a administrar estes relacionamentos, se sentir parte destes grupos elitizados e aproveitar as oportunidades vindas deles.

Carlos é um empreendedor social se construiu a partir da sua biografia, os fatores familiares, a forte influência da sua mãe, a volta à casa do pai e outros fatores ambientais caracterizados pela morte e prisão de amigos moldaram a escolha pelo empreendimento social e a forma como este seria operado.

Quase 7 anos após a fundação da organização social continua trabalhando com programas de esporte, cultura e ressocialização de ex-presidiários e a inclusão ao mercado de trabalho deste público.

Enquanto ao empreendimento social se identifica na sua narrativa que o papel como líder tem mudado com os anos, no começo era um líder motivador que engaja pessoas de

forma voluntária, depois passa a ser um líder que cuida dos detalhes da operação e da qualidade no atendimento até o momento que faz uma escolha de desapego e começar a delegar a maior parte da operação.

e atualmente se caracteriza por ser um líder muito mais agressivo que cobra resultados e metas de desempenho como método de administração das diferentes sedes que a organização tem hoje. “Todos na organização temos metas, inclusive eu, isto facilita a compreensão do trabalho de cada pessoa e que podemos apresentar resultados concretos para nossos parceiros”.

Hector

A história de vida do Hector. 35 anos, nascido em Talca uma comuna da província de Talca, localizada na Região de Maule, Chile. Possui uma área de 231,5 km² e uma população de 201.797 habitantes. Hector nunca conheceu sua mãe que abandonou o lar devido ao alcoolismo precoce de seu pai e passa ao cuidado de sua avó paterna e com a morte da avó chega a morar em 10 casas diferentes de tias e primos.

Nesta época de deslocação constante, uma assistente social que o governo tinha destinado para acompanhar dele pelo abandono dois pais e as frequentes mudanças de casas de moradia, se torna uma figura importante na vida do Hector passando a ser um referência de vida já que o estimulava a continuar os estudos e o informava sobre bolsas de estudos para que ele pudesse continuar uma carreira universitária. Devido à profunda admiração pela assistente social o Hector decide estudar a mesma profissão, assistência social.

Ao final da sua graduação seu pai se reabilita do álcool e começa uma nova família convidando ao Hector a conhecer e parte desta nova vida. Neste processo de transformação

de vida o pai cria um projeto social que ensinava boxe para crianças da comunidade onde morava já que o pai relacionava sua vontade de se reabilitar do álcool pela prática do boxe.

Tempo depois o Hector fica interessado no projeto e se integra na iniciativa social incorporar conhecimentos aprendidos na faculdade de trabalho social tomando conta de uma parte do trabalho com os jovens. As operações do projeto social eram informais e oferecidas de forma gratuita na casa do pai do Hector, nestes tempos a admiração pelo pai aumenta e decide que continuará trabalhando na área social.

Após dos anos de funcionamento, o projeto social apresenta problemas para se manter financeiramente. O Hector começava a pensar na criação de um projeto que permitisse conciliar o trabalho social e uma estabilidade financeira já que na época tinha planos de casamento com sua enamorada de toda uma vida e atual esposa.

Seguindo com este propósito, se junta com um amigo ambientalista e criam uma rede de cuidado ecológico para jovens de Temuco e Talca constituída como ONG, que só começa a funcionar quando encontraram um aliado, uma pessoa filantrópica que tinha afinidade com o tema da ecologia e disposição de apoiar financeiramente o projeto.

O projeto consista em levar os jovens para limpar praias, plantar árvores e aprender noções de ecologia. Posteriormente, criaram programas que integravam voluntariado empresarial e começaram a oferecer seminários e jornadas de limpeza de espaços públicos para empresas como parte da responsabilidade social corporativa.

Este empreendimento social possibilitou que Hector começasse a trabalhar como professor universitário, liderando disciplinas sobre desenvolvimento socioambiental e inovação social.

Nos primeiros 5 anos de atuação, Hector foi reconhecido como membro da rede Ashoka como representante da organização no Chile. Junto com o reconhecimento, ele recebeu uma renda por três anos por parte desta organização.

Tempo depois, o braço social de uma empresa do setor de alimentos ofereceu a Hector patrocínio para o desenvolvimento de uma inovação social que tinha por objetivo atuar sob um modelo colaborativo que se permite a criação de comunidades de empreendedores em todo Chile.

Com a operação deste projeto dentro da rede de cuidado ecológico o empreendimento se posiciona com sedes em todo o país e levando a metodologia de trabalho para universidades por meio de cursos de curta duração. De forma complementar, os reconhecimentos e resultados permite que Hector consolidar seu papel como presidente da rede y como consultor para áreas de responsabilidade social corporativa para a criação de projetos sociais e programas de mensuração deles.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social do Hector. O discurso dominante em Hector esteve relacionado à sua missão como empreendedor social e a importância de compreender que o papel social do empreendedor gira entorno aos problemas e anomalias sociais. Com uma tonalidade emotiva, narra que seu papel durante toda sua trajetória profissional está em trabalhar com as pessoas que ninguém olha.

Com base nisto dentro de seus relatos, se percebeu uma visão heroica do empreendedor social, como aquele que soluciona o que nem o estado nem o mercado consegue solucionar. A forma narrativa empregada foi, estruturada, com fatos históricos sobre o empreendedorismo social, suas formas y desenvolvimentos principalmente no latino américa.

Quando relata momentos sobre a escolha de carreira de forma poética diz: “Eu não escolhi o empreendedorismo social o empreendedorismo social me escolheu. Eu trabalho para dançar com a menina feia que ninguém quer dançar, simplesmente porque minhas feridas me colocam em um espaço de consagração com o fato de transformar o mundo”.

No começo da primeira entrevista detalha em profundidade as características familiares que o construíram como ser humano. Reconhece a influência do pai, quem a apesar de abandona-o quando criança e ter um relacionamento ausente por vários anos, consegue sair do alcoolismo, voltar à vida do Hector e restaurar o vínculo entre eles, principalmente com a fundação do projeto social que ensinava boxe.

Este empreendimento de corte mais assistencial cumpria com uma necessidade enxergada na comunidade, era a percepção sobre solução que o pai tinha para sair dos problemas que no caso especial dele o ajudou a sair do alcoolismo e finalmente foi a maneira com que Hector restaura seu vínculo com seu pai: “ Nos dias que cuidávamos e ensinávamos boxe para as crianças foram os melhores dias que compartilhei com meu pai, me enchia de orgulho ver como tinha saído do inferno do álcool e estava aí ensinando aos mais vulneráveis que o esporte protegia de todo isto”.

Na História de Hector se identifica que outra figura importante foi a assistente social cuidou do caso dele por anos. É perceptível nos relatos que o papel de acompanhamento que ela desenvolvia com Hector, influenciou a escolha de carreira dele: "Se eu analisar hoje, eu adoraria ser antropólogo, publicista ou economista, mas assistente social era a profissão que mais eu via presente na minha adolescência.”

A criação ambientalista teve como fator motivador a falta de condições financeiras para se casar, porém pode demonstrar também como seu papel social como empreendedor transcende a ser só um caminho de restauração do vínculo paterno, passando assim para um

projeto de vida. Lembrando que ele era trabalhador social com a possibilidade de escolha de buscar um emprego na área e continuar outros caminhos profissionais.

Com o posicionamento da rede de cuidado socioambiental com parcerias e resultados de impacto em vários municípios de Chile, possibilita que Hector atue como professor universitário, ministrando disciplinas associadas com suas experiencias e lições aprendidas no empreendimento social fundado.

Por outro lado, demonstra que além de se-reconhecer como empreendedor social é muito orgulhoso por participar das principais organizações que reconhecem empreendimentos sociais no mundo, com é o caso de Ashoka. Não apresenta conflito com ser premiado e reconhecido em redes sociais do mundo. “Os prêmios são um reconhecimento ao trabalho, a todas as lutas, ser empreendedor social não é fácil e contar com o apoio destas organizações é fantástico”.

Observa-se o como ele percebe os reconhecimentos associados ao seu trabalho como empreendedor social, ser consultor para empresas que buscam nele assessorias sobre a construção, implementação e mensuração de projetos sociais ou palestras onde tem a oportunidade de falar sobre os principais desafios no desenvolvimento social e onde tem a oportunidade de conta abertamente sobre sua história e experiencia.

Kaira

A história de vida da Kaira. 28 anos, nascida em Arica uma cidade portuária da região de Parinacota no Chile que possui uma área de 4.799 km² e uma população de 229.689 habitantes. Kaira é a filha caçula de um casal de emigrantes índios.

De criança foi orientada pelos pais a valorizar o estudo e a aprendizagem das ciências e matemáticas como prioridade. Na escola teve problemas com o Bullying pela cor da sua

pela, pelo fato de seus pais falarem pouco espanhol e por ser vegetariana. Estes momentos a ensinaram a ser resiliente e aprender das histórias de migração do seus pais os quais trabalharam na área de alimentação e ensinavam em casa pelo exemplo, ressaltando na Kaira e no irmão a importância de valores como compromisso, honestidade e força mental.

Ainda na escola teve um referencial muito importante na sua vida, a professora de química, que a inspirou a ver as coisas diferentes e como a ciência poderia ser divertida mostrando para ela a história dos maiores científicos de mundo e como os processos científicos que se estudam nos livros podem ser parte da vida das pessoas de forma simples e divertida.

Ao finalizar a escola o programa de orientação profissional aconselhou para ela estudar bioquímica pelo alto desempenho que tinha em matérias como química, física e matemática.

No começo da graduação decide ir morar sozinha numa república que ficava perto da cidade universitária para aproveitar o tempo de deslocamento estudando. Nos primeiros anos da graduação percebe como as deficiências no funcionamento dos laboratórios e a falta de equipamentos desmotivavam aos alunos. Decide falar com o responsável do departamento de Bioquímica sobre este problema e se confronta com um sem número de razões do porquê esta realidade a maior parte delas, associadas a falta de orçamento e alto custo dos equipamentos.

Neste momento junto com colegas começam a investigar um pouco mais, visitando escolas onde a situação da educação científica era muito mais pobre que na faculdade onde eles estudavam. Nas pesquisas encontrar que de forma alarmante 88% das escolas da América Latina não têm laboratório. Entre mais conheciam escolas, mais percebiam que o problema era real é a falta de motivação também se estendia aos professores. “Comecei a estudar

bioquímica pensando que eu iria fazer uma descoberta científica fundamental para o mundo. Platonicamente eu sempre quis mudar o mundo, mas nunca imaginei que seria a partir dessa problemática.” Durante toda a formação trabalhou com pesquisa científica sobre o assunto.

Continua os estudos em bioquímica por meio do mestrado na mesma faculdade, onde dividia seu tempo entre aulas e pesquisa científica. No primeiro ano do mestrado, chamou nossa atenção dela um concurso que a escola de negócios publicitava, convidando alunos e cientistas a participar de desafios para resolver problemáticas sociais. Neste ponto decide retomar a inquietação que tinha sobre os laboratórios, equipamentos e dinâmicas de ensino aprendizagem integrando todos estes questionamentos em uma proposta de projeto a ser feito.

Após concursar e sair no primeiro ciclo do concurso, acontecem dois pontos críticos para na vida de Kaira: O primeiro conhece a seu atual socio, um colombiano que estudava engenharia da computação e mostrou interesse no projeto exposto por Kaira e viu articulação com o projeto que ele apresentou sobre uso alternativo de aplicativos mobile para processo de ensino aprendizagem. E em segundo lugar, a experiencia criou a possibilidade de se colocar no radar para investidores e parceiros que posteriormente seriam o ponto de partida na busca de recursos financeiros para o empreendimento.

Graças a estes dois pontos críticos nasce o empreendimento que consistia num laboratório de ciência *mobile*, de bolso que busca democratizar a ciência na utilização de aplicativos que por meio dos sensores incorporados em smartphones, permitiria que crianças que não possuem um laboratório em seu local de estudo, tenham acesso à experimentação científica.

Já com um socio que a partir das ciências da computação complementava os conhecimentos da Kaira sobre ciência, decidem continuar com a pesquisa sobre projetos similares no mundo e a busca de patrocínios para o projeto.

O primeiro ano do empreendimento foi caracterizado pela realização de tentativas e fracassos com o produto, principalmente porque o protótipo criado se bem cumpria com as expectativas de utilizar os sensores dos smartphones para realizar experimentos científicos simples, não chegava a gostar para as crianças e adolescentes os quais realizavam os testes.

Outro desafio nesta fase, foi a falta de investimento, Kaira se dedicava além das responsabilidades internas associadas ao desenvolvimento do produto, à busca de patrocínios e investimentos, exercício que só trouxe bons resultados após o primeiro ano, por meio do patrocínio de um fundo chileno que outorga para eles 20 mil dólares para melhorar o aplicativo.

Com o recurso, formam um time interdisciplinar com a contratação de cinco profissionais além dos sócios entre os quais havia engenheiros, químicos e administradores, pessoas que entrariam para compartilhar o desafio de deixar o aplicativo criado até o momento, mais didático com linguagem coloquial que gostasse aos adolescentes e professores.

Posteriormente fecham uma grande parceria com o governo chileno, para a implementação da metodologia de ensino de física e química que integrava o uso dos aplicativos em 1500 escolas. Esta parceria levou a que a Cartier Initiative Awards, selecionará a Kaira como a mulher empreendedora no ano. A premiação feita todos os anos em uma cerimônia realizada na França organizada por Cartier e o Fórum das Mulheres pela Economia e Sociedade premiam a seis mulheres do mundo por resultados associados com saber combinar valor econômico com impacto social.

Como empresa social o laboratório mobile, vende após o quinto ano de atuação no Chile sua metodologia para mais de 20 países atendendo mais de 100 mil estudantes, 20 mil professores.

Com o alto crescimento Kaira decide se mudar junto com sua equipe conformada até o momento da última conversa (2019) por 10 pessoas, para o Silicon Valley na Califórnia por ser o contexto mais favorável para continuar posicionamento o negócio social e administrar as operações nos diferentes países.

A história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Kaira. O discurso dominante na entrevista presencial e nos vídeos analisados da Kaira se caracteriza por uma alta valorização à democratização da ciência e a educação, a empreendedora o identifica como meio de superação social e para conseguir a equidade de gênero na ciência.

“Profundamente acredito que a partir de meu empreendimento podemos democratizar a ciência e mudar a forma como se ensina hoje” “Meu papel como empreendedora e cientista é levar educação para crianças e jovens que não contam com estes acessos e principalmente mudar os paradigmas sobre a ciência que as meninas conhecem”.

Um ponto importante de inflexão na sua trajetória como empreendedora social está associado com a identificação da problemática com os laboratórios de ciências ainda na escola e a posterior visita a escolas para entender como funcionavam as aulas de ciências como física e química. Este momento trouxe frustrações na empreendedora que a mobilizaram a seguir pesquisando possíveis soluções para resolver esta problemática. A forma narrativa sobre estes momentos de descoberta da problemática é bastante descritiva e detalhada.

A tomada de decisão de participar no concurso na faculdade de negócio, se entende como uma primeira mobilização para levar para um plano real a ideia empreendedora, já que por um lado, possibilita que conheça uma pessoa que tinha a outra parte do modelo que ela tinha pensado e que virou seu socio no negócio social. E pelo outro conecta o

empreendimento social com uma rede importante de investidores que tempo depois impulsionam o crescimento do empreendimento.

O empreendimento social passa a ser um processo de significação de si e seu posicionamento no mundo quando já junto com o socio decidem empreender e constituir um negócio social que criasse os aplicativos para o ensino de ciências para crianças e adolescentes, precisa aprender competências executivas com o objetivo de levar seu projeto fora do Chile, e começar a vender a metodologia no mundo todo.

Algumas características familiares como a valorização da educação, o amor pela ciência e pelo compromisso são identificados nos relatos e sucessos que fazem parte do seu papel como empreendedora social. Em diferentes relatos deixa explícito o importante que foi o exemplo de seus pais imigrantes para ela entender a importância do trabalho constante e de qualidade.

Aparecem nos relatos outras figuras importantes no âmbito acadêmico como são a professora de química que ensina para ela outra perspectiva sobre ciência, os colegas que tiveram um olhar crítico sobre o que acontece nas escolas com a falta de equipamentos nos laboratórios e o encontro com o socio do empreendimento que também era um estudante de mestrado em ciências da computação.

Outras características da infância foram nomeadas tanto na entrevista presencial como em outras entrevistas analisadas na web, como exemplo, o bullying sofrido pela cor da pele, pelos hábitos vegetarianos e as dificuldades de ser empreendedora em um segmento liderado por homens.

Sobre os prêmios e reconhecimentos, ela utiliza uma forma narrativa irônica sobre o significado dos prêmios, principalmente quando narra a experiência de ser selecionada como a Mulher mais empreendedora no mundo em 2015, “Me senti ridícula”, nesta parte começa

a rir fortemente e complementa “Porque não acredito que exista esse título de mulher mais empreendedora do mundo, porque todas as mulheres que empreenderem e geral todos os que empreendem, passam por esse mundo de fantasilândia emocional, essa mesma montanha russa, é muito difícil conseguir que acreditem em você principalmente no começo de tudo... é tão difícil para todos, que todos deveriam ser os mais empreendedores do mundo”.

Foram identificadas frases-chave nos relatos da Kaira como: “levar conhecimentos sobre física, química e matemática para as escolas públicas” “empreender é uma jornada de ensaio erro.”

Viviana

História de vida da Viviana. 32 anos. Nascida em Bogotá, é a capital e maior cidade da Colômbia com uma população de 8,081 milhões de habitantes. É a filha mais velha de três irmãos de uma mãe solteira que a abandona e por isto é criada pela avó e vários tios. Mãe chefe de família de 4 filhos.

Durante sua infância e adolescência sofre vários abusos sexuais na casa da avó por membros de família. Devido a isto, decide sair de casa dormindo nos parques e vendendo chicletes nos semáforos da cidade.

Nesta época, conhece seu primeiro parceiro sentimental um homem 11 anos mais velho que Viviana e quem a ampara economicamente por vários anos. Fica grávida do primeiro filho e aos 3 meses de gravidez ela vivência o primeiro abuso físico por parte do parceiro. Após dois anos ela fica grávida novamente, sendo uma gravidez não planejada o parceiro enfurece e é forçada a abortar.

Como forma de terminar com este relacionamento abusivo, ela decide se mudar para outra cidade à casa de uma prima. Chegando na nova cidade a prima aconselha a Viviana a

recorrer às autoridades para colocar a denúncia, especificamente à secretaria da mulher. Indo lá vivência uma experiência de violência psicológica por parte do delegado que a atende, este não acredita na história e a estimula a não apresentar boletim de ocorrência contra o marido, porque dessa ação nada mudaria.

A prima que oferecia amparo e um lugar onde ficar com o filho indica a Viviana para trabalhar como lavadora de cabelo no mesmo salão de beleza onde a ela trabalhava. Após seis meses trabalhando no salão, consegue ingressar numa escola onde termina o ensino médio.

Após alguns anos, uma amiga do salão de beleza chega ao local de trabalho com sinais de maltrato físico, Viviana oferece acolhimento para ela e conta sua história como forma de encoraja-la a sair do relacionamento abusivo. Esta experiência é marcante para Viviana, sentia que suas feridas estavam curando com a ajuda a outra mulher e se inspira a começar a primeira ação social da sua trajetória como empreendedora social, começa articular dentro da sua comunidade grupos de discussão sobre o que acontecia com as mulheres e a comunidade e todas, colaborativamente ajudavam.

Devido aos grupos ganha um reconhecimento como líder comunitária e a desta visibilidade é indicada para uma vaga na secretaria da mulher de Bogotá. Dentro desta organização trabalharia como assistente da diretora de desenvolvimento. Seu papel dentro da secretaria consistia no começo em organizar a agenda da diretora semanalmente, com o passo dos meses a relação com a diretora se consolida, convertendo-se em um forte referencial de vida para Viviana.

A diretora a envolve na criação de projetos e realização de eventos para amparo de mulheres em situação de violência doméstica, dando para Viviana autonomia na estruturação

de vários projetos que foram implementados. Foi uma época caracterizada pela aprendizagem das dinâmicas de trabalho e das leis das mulheres em situação de violência doméstica.

Após 2 anos de trabalho o vínculo de confiança com a chefe permite que Viviana crie um projeto que consistia na implementação de um modelo de acolhimento diferencial ao existente e com o apoio da diretora consegue ser aprovação pela secretaria da mulher. Porém, empo depois, acontece que na mudança de governo a diretora de desenvolvimento sai da secretaria e o projeto criado pela Viviana é engavetado pela nova administração. Foi uma época de frustração para ela, porque por um lado o trabalho passa de ser empolgante e desafiador a ser trabalho monótono que se baseava em cumprir as responsabilidades de uma assistente pessoal.

Neste momento recorre à antiga chefe, contando sobre as novas condições e pedindo conselho sobre como agir neste novo cenário. A diretora e neste ponto mentora profissional da Viviana a aconselha a sair da secretaria e fazer acontecer o projeto de forma independente, contando com sua ajuda e assessoria no processo. Viviana abraça a sugestão, se sente capacitada e decide abrir sua própria ONG, onde o projeto será implementado e seguindo o curso que ela visionava teria.

A Viviana começa a articular as mulheres nos bairros onde era reconhecida como líder social comunitária para dar continuidade aos grupos de apoio entre as mulheres, desta vez o grupo cuidaria dos casos de suspeita de violência doméstica, orientariam sobre os processos legais envolvidos e as próprias mulheres se capacitariam acionar as autoridades.

A Ong fundada pela Viviana organizava de forma voluntaria os encontros e seu papel mais importante neste momento era de buscar as pessoas que capacitavam as mulheres em temas como liderança, autonomia, leis e direitos de pessoas em situação de vulnerabilidade e especificamente vítimas de violência doméstica. Este trabalho voluntario trouxe a

possibilidade de implementar a metodologia criada e acolher mais de 1500 mulheres nas diferentes comunidades de Bogotá nos primeiros 2 anos de trabalho. Embora a metodologia e os grupos estivessem mostrando os resultados esperados, o fato de liderar o projeto coloca a Viviana num nível de exposição que a levou a ser vítima de ameaças por grupos armados e agressores de estas mulheres que eram acolhidas nos grupos. As ameaças principalmente de grupos armados, levam a Viviana a fugir de Bogotá por aproximadamente um ano, tempo no qual os grupos perdem sua força e a maioria param de acontecer.

Viviana aproveita o tempo fora para focar nos estudos e começa a estudar direito, neste mesmo ano conhece um novo parceiro sentimental e fica grávida de seu segundo filho. Grávida e consciente das ameaças decide mudar a dinâmica de operação da ONG, focando mais em realizar projetos associados a temas de equidade de gênero e inclusão da mulher no mercado de trabalho com empresas privadas e a busca aliados e patrocínio para realizar eventos de capacitação para mulheres em contextos corporativos.

Junto com um novo aliado criam um projeto focado nas comunidades e pelo qual buscavam capacitar líderes comunitárias em tecnologia e liderança. O projeto implementado em todo o território colombiano, impacta mais de 3000 mulheres em 4 anos de trabalho.

Os aprendizados vindos deste projeto nas comunidades e por meio de uma convocatória de cooperação internacional recebe recursos financeiros e assessoria especializada para estruturar uma inovação social de corte tecnológico, a criação de um aplicativo mobile chamado “botão de pânico” criado para mulheres em situação de vulnerabilidade que permite que estas informem às autoridades e familiares do momento exato quando se sente em perigo. O aplicativo até o dia da última entrevista em 2018, estava em período de teste e Viviana continuava liderando projetos com mulheres dentro das comunidades de Bogotá.

Análise da história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social da Viviana. O discurso dominante durante as entrevistas esteve relacionado com equidade de gênero e direitos para as mulheres vítima de violência doméstica.

Em todo o relato Viviana foi muito descritiva com o contexto da violência, como funciona o processo de amparo a vítimas e principalmente aprofundou nas limitações do sistema. “Hoje não se trata só da minha história de todo o sofrido por mim e meus filhos, se trata desses milhares de mulheres que não contam com o estado para protegê-las, esse é meu objetivo de vida, oferecer alternativas para isto.”

Segundo o ministério da saúde da Colômbia no ano de 2017 foram registrados 98.999 casos de violência contra a mulher sendo que 68,2% são crianças menores de 14 anos, onde o 72% dos casos o agressor é familiar, companheiro sentimental o ex - companheiro da vítima. Bogotá cidade onde mora Viviana se localiza no terceiro lugar dentre as cidades colombianas que mais apresentam casos de violência doméstica ao ano.

"O que está acontecendo na Colômbia com as mulheres é fundamental. Apesar do aumento das queixas, a apatia e a ineficácia do Estado em lidar com a situação de prevenção, sanções e garantias de não repetição ainda são alarmantes. Se, em uma cidade como Bogotá, esses direitos ainda não estiverem garantidos, imagine o que pode acontecer em municípios mais distantes", diz Viviana.

A nível nacional no mês que antecedeu a primeira entrevista (outubro de 2017) se identificaram 3.470 mulheres em risco grave ou crítico de serem vítimas de feminicídio, e apenas na capital, o número sobe para 450. O ministério da saúde mostra que muitos dos casos ocorrem em vias públicas e rodovias - quase 61 mil nos últimos cinco anos -, o que mostra Como Viviana diz "a naturalização da violência contra as mulheres e o fato de seu

corpo ser algo que pode ser possuído, violar e assassinar, sem que isso implique, pelo menos, sanções sociais ".

A forma narrativa como Viviana expressa estas frases sobre o estado atual da violência de gênero na Colômbia desvelam a continua preparação nestes temas e como a sua própria vida marcada por eventos de violência psicológica, física e sexual permeia o modo como se posiciona e compreende o mundo.

Um ponto central no seu projeto de vida foi a decisão de passar do papel e sentir de vítima para ser a justiceira de outras mulheres, associada ao ingresso na instituição, a secretaria da mulher que para ela tinha resultado negligente nos momentos de vulnerabilidade mas que conhecia era o órgão estatal onde se poderia engendrar a mudança que desejava na sociedade. Esta passagem pela secretaria foi estrutural na construção de seu papel social como empreendedora, porque foi neste contexto que teve um vínculo de confiança, no caso com a diretora de desenvolvimento que permitiu em primeiro lugar que Viviana restaurasse a percepção negativa que tinha sobre a secretaria da mulher e o papel social desta instituição e no segundo lugar que se posicionasse como agente ativo e parte desta mudança se envolvendo ativamente na criação de programas para amparo de vítimas que fugiam de suas funções como assistente social.

Nesta mesma linha de raciocínio, ante a frustração pelo projeto ser engavetado, decide seguir em frente com um projeto próprio, já que creditava que a metodologia proposta neste projeto era modelo válido de acolhimento diferencial, composto por aspectos biográficos e de aspectos relacionais do trabalho com outras mulheres vítimas de violência doméstica.

O surgimento do empreendimento social da Viviana lembra as palavras de Ribeiro e Uvaldo (2011), ao falar sobre alternativas atuais de construções identitárias, e como uma delas é a tentativa de criar referência num mundo por meio de organização espaço-temporal

mais pessoal e temporária, com o estabelecimento de espaços legíveis ao outro enquanto projetos legitimados socialmente por meio da construção gradativa de projetos de ação.

Falar desta “tentativa por criar referência no mundo” como o momento mais alegre durante a primeira entrevista, sua tonalidade de voz aumentou e suas palavras foram positivas “realização pessoal” “estava fazendo o que fosse querido que outros fizessem por mim” “eu ganho com os sorrisos de cada mulher” “A fundação é meu legado”.

As formas narrativas evidenciadas em Viviana são bastante emocionais, sua narração com grande número de detalhes sobre datas, momentos, sentimentos, permite uma profunda conexão com sua história, sendo necessário em várias oportunidades conscientizar o objetivo da entrevista pela alta carga emocional que inspiravam os eventos relatados por Viviana. Também houveram pausas durante o relato, alguns pelo choro da Viviana, outros pela natureza de alguns detalhes sobre os estupros e abortos, onde a empreendedora pausava sua fala em um exercício de colocar em palavras sentires do momento exato do evento.

Camilo

Análise da história de vida do Camilo. 31 anos s, nascido em Tunga capital do departamento de Boyacá- Colômbia, localizada na Cordilheira Oriental dos Andes possuindo uma população de 191.878 habitantes.

Camilo é o filho mais velho de mãe solteira, que se dedicou grande parte da sua vida a trabalhar como empregada doméstica. Na infância e adolescência teve muitas limitações para estudar em boas escolas pela falta de recursos econômicos.

Por isto quando chegou o momento de pensar na carreira universitária, pensa em estudar para ser médico. Graças a um empréstimo estudantil do governo consegue ingressar

na faculdade de medicina. Porém no começo da faculdade por dificuldades econômicas tem que abandonar a faculdade.

Com a responsabilidade de manter economicamente sua mãe e irmã, começa a trabalhar como prestador de serviço em uma empresa que oferecia serviços públicos em todo o território colombiano e seu cargo como auxiliar consistia em ajudar na implementação de infraestruturas de iluminação em comunidades afastadas do país.

A partir desta experiência de trabalho, conhece as realidades sociais de diferentes comunidades na Colômbia e especificamente as necessidades associadas à falta de serviços públicos, como água potável e iluminação pública. Neste momento o sonho de ser médico muda para ser engenheiro e continuar trabalhando para diminuir este tipo de necessidades. Começa a estudar engenharia civil e no sexto semestre, enfrenta novamente dificuldades econômicas, esta vez por uma condição de saúde da mãe e decide abandonar a carreira de engenheira.

Decide empreender com a venda de produtos associados a iluminação pública de parques e estradas. Esta empresa dura 2 anos e depois chega na falência pela falta de organização administrativa e furtos por parte de um dos sócios. Esta época de crise representa um momento de muita solidão na vida de Camilo, decide se afastar de amigos e familiares pela vergonha que significou para ele a situação com o negócio.

Como caminho para sair desta crise, decide voltar a estudar, porém esta vez em uma instituição governamental e gratuita se inscrevendo em um curso de curta duração de formulação de projetos. Estando em aula de classe deste curso, conhece um projeto nas Filipinas que ajudava comunidade carentes por meio de um sistema de artefatos que geravam luz de forma sustentável e econômica.

Motivado pelo impacto que esse sistema poderia ter em aquelas comunidades afastadas da Colômbia que ele mesmo tinha visitado anos atrás, busca o e-mail de criador deste projeto filipino na Internet, consegue contatá-lo e fazer um acordo para trazer o projeto para a Colômbia.

Com um empréstimo de \$ 100 mil pesos colombianos (aproximadamente 120 reais) e convidando outros colegas do curso de formulação de projetos, decide que este sistema filipino seria um empreendimento que funcionaria na Colômbia e que precisam de soluções associadas a iluminação pública.

O projeto nasce nesse momento no plano investigativo, virando prioridade no curso e o trabalho de conclusão do Camilo, onde considerava uma adaptação do modelo filipino a uma comunidade em Boyacá- Colômbia.

Após finalizar o curso e fazer a prova piloto em Tunja sua cidade natal, o objetivo do projeto se expande a um projeto empreendedor com a pretensão de levar esta infraestrutura para o desenvolvimento em comunidades de pobreza extrema em zonas conflito na Colômbia por médio de alumbrado sustentável, de baixo custo e de forma colaborativa com a comunidade que participariam da instalação. Tecnicamente a infraestrutura consistia em iluminar o interior das casas com garrafas plásticas que continham água e cloro e eram embutidas no teto. O que o recipiente fazia era canalizar a passagem da luz natural.

Durante o primeiro ano da operação do empreendimento social, Camilo se dedicou a realizar provas pilotos com famílias conhecidas dentro das comunidades onde tinha trabalhado e paralelamente apresentar o projeto para empresas com o objetivo de encontrar parceiros e patrocinadores para aumentar a escala de implementação. No final deste primeiro ano fecham uma parceria com uma multinacional de refrigerantes que patrocina a implementação do projeto por 2 anos em 40.700 casas em 14 municípios da Colômbia.

Com bons resultados desta primeira parceria, Camilo continua a busca por patrocínios privados por meio do envio do portfólio do projeto por e-mail para diversas empresas. Um destes empresários que recebe o portfólio, comenta sobre Camilo e o projeto com um representante da área de serviços comerciais de uma companhia de eletricidade no oriente colombiano, esta pessoa mostrou interesse no projeto e decide mandar um e-mail para Camilo onde pedia informações sobre o projeto com a promessa que poderia oferecer patrocínio para levá-lo às comunidades onde a companhia tinha a operação.

Na sua resposta Camilo envia uma proposta detalhada explicando quantas casas poderiam se beneficiar do projeto, qual seria o custo desse tipo de instalação, qual era o papel de cada parte envolvida e por quanto tempo seria a execução do projeto. Além disso, incluiu o vídeo oficial da organização.

Após este e-mail a comunicação entre Camilo e esta organização cessou. No entanto, tudo deu uma virada inesperada. Um dos amigos de Camilo ligou para parabenizá-lo pelo projeto que estava desenvolvendo no oriente colombiano. O problema é que nem ele nem seu empreendimento estavam envolvidos neste projeto.

Após uma pesquisa junto com um amigo advogado sobre citado projeto, Camilo identifica que a empresa tinha utilizado sua metodologia na íntegra e o nome do projeto criado pela empresa era extremamente similar ao nome do empreendimento fundado por ele. A partir desse momento começou uma batalha legal associada a plágio que demorou aproximadamente um ano, o objetivo era garantir os direitos legais de Camilo sobre a marca e a metodologia de iluminação pública sustentável.

Camilo ganhou o pleito legal graças a que todo estava legalmente registrado e contava com advogados que o assessoram de forma gratuita em todo o processo. Com esta conquista ganhou o direito de exclusão do projeto que a empresa se viesse obrigada a ressarcir

economicamente ao empreendimento de Camilo a desativação do uso de nomes semelhantes para outras empresas.

Este momento crítico trouxe várias oportunidades a primeira porque legitimava o projeto como atrativo e como opção de impacto real na vida das pessoas e outra oportunidade foi uma visibilidade importante em redes e na mídia colombiana o que indiretamente impulsionou o projeto que consegue avançar para além da iluminação pública, gerar internet em espaços públicos com recursos governamentais e da empresa privada.

A nova infraestrutura oferece um serviço garantido para a comunidade de 16 anos e 28 horas consecutivas de iluminação. Por esta inovação social é nomeado empreendedor social na rede Ashoka e reconhecido pela ONU. Além disto Camilo tem o reconhecimento TR-35 do MIT que o qualifica como um dos mais importantes inovadores com menos de 35 anos na Colômbia pelo invento de um sistema de iluminação pública autossustentável e outorga a bolsa para realizar seu mestrado nesta instituição.

O projeto foi em duas oportunidades apresentado no Fórum Econômico Mundial em Davos na Suíça mesma organização que patrocina a expansão do projeto no Quênia onde começaram operações por meio de uma prova piloto que busca entender como seria o processo de adaptação nas 7 comunidades da Quênia.

Nos próximos cinco anos, ele se vê expandindo a organização para mais 50 países no mundo, 14 no continente africano. Eles querem instalar 5.000 polos de iluminação e internet em áreas de extrema pobreza e conflito.

Análise da história de vida e as construções identitárias de trabalho como empreendedor social de Camilo. O discurso dominante de Camilo está relacionado com a democratização da iluminação em comunidades em extrema pobreza. A visão sobre sua prática social é de trabalhar por aqueles esquecidos, em assuntos que ninguém se ocupa como são o serviços de luz e internet num relato ele expõe que: “O progresso para mim está relacionado com democratização, quando os serviços que foram construídos para a elite, chegam à base da pirâmide então aqui podemos falar de progresso, quando se chega às pessoas que mais precisam e se quebra com esse gap. Focamos na diminuição da pobreza e desenvolvimento comunitário em zonas que ninguém quer visitar ou trabalhar.”

Esta conscientização por parte de Camilo está associada a que, na Colômbia, segundo o DANE⁴ uma de cada cinco pessoas vive sem luz elétrica em casa. Camilo disse que segundo estudos realizados por ele e sua organização, aproximadamente 5 milhões de colombianos não têm acesso a iluminação pública na atualidade o que condiciona indiretamente a taxas altas de deserção escolar, violência contra à mulher e furtos menores.

As condições familiares mencionadas por ele sempre foram associadas à insuficiência de recursos econômicos que o levaram em duas oportunidades a abandonar os estudos, menciona reflexivamente que para ele: "A formação acadêmica é um luxo na Colômbia. Eu não podia pagar por ela. Então decidi construir meus próprios negócios. Primeiro, uma empresa privada que quebrei más aprendi a ser mais cuidadoso com os negócios e depois a vida foi me ensinando a ser empreendedor social.”

⁴ O Departamento Administrativo Nacional de Estatística - DANE - é responsável pelo planejamento, levantamento, processamento, análise e disseminação das estatísticas oficiais da Colômbia.

As necessidades econômicas o levam a prestar serviços em comunidades afastadas onde tem o primeiro contato com iluminação pública e como a falta deste serviço condiciona a vida destas pessoas. Nos relatos ele coloca este ponto de inflexão como o momento no qual conhece uma realidade mexe com ele profundamente, mas que naquele não entendi o porquê. É por esta vivência que quando tem a oportunidade de conhecer o projeto filipino se empolga ao acreditar ter achado um caminho de como poderia ser feita esta solução social de forma fácil e a baixo custo.

Nesta linha, se se identifica outra mobilização importante em Camilo orientada à construção da identidade como empreendedor social, no momento que leva a ideia à ação começando um projeto piloto, emprestando dinheiro e convidando colegas do curso de formulação de projetos leva a ideia fora dos limites do contexto acadêmico,

Este conjunto de ações desvela um novo posicionamento, fazer o projeto acontecer e apoiando-se no coletivo de amigos era a prioridade, decisão comum nos projetos empreendedores sociais analisados na literatura e principalmente nos momentos de enfrentar as incertezas que traz o ato de empreender.

Um dos momentos mais emotivos e significativos do relato de Camilo foi quando narrava o plagio vivido pela companhia de eletricidade. Notou-se que seus gestos que a maior parte do tempo foram alegres, mudaram para um estado de preocupação, no momento que relatava que: “Estava extremadamente confuso, e pedi para meu amigo explicar melhor do que ele estava falando, e ele me respondeu com um link sobre a companhia que tempo atrás me tinha contatado e neste link informavam sobre o lançamento de um projeto chamado de forma quase igual ao meu e que iria operar nas comunidades onde operavam a companhia”.

No final deste relato os gestos do Camilo se mostraram mais suaves refletindo uma sensação de tranquilidade quando prossegue narrando que : “ realmente foi revoltante,

psicologicamente desgastante, sofri o maior estresse já sofrido na minha vida, foi mais doloroso inclusive que a quebra da minha primeira empresa, mas graças a amigos e parceiros não tivemos perdas financeiras e saímos rapidamente dessa situação”.

Este momento crítico experienciado como líder do empreendimento, apresenta hoje significação sobre si que Camilo relata leva nas palestras que oferece já que reconhece que trouxe novos posicionamentos sobre o que era empreendedor socialmente num país como Colômbia. Argumenta que estes aprendizados todos os empreendedores deveriam saber, a importância de todo o que se faz estar registrado legalmente e do empreendedor ser críticos sobre as empresas e pessoas que mostram interesse pelo projeto.

Por outro lado, mostra um posicionamento bastante humilde quando fala sobre os reconhecimentos nacionais e internacionais ele afirma ver estes prêmios como reconhecimento ao trabalho e às lutas ganhadas e perdidas. É valoriza o fato de contar com o amparo de organizações como Ashoka já que acredita estas organizações legitimam a trajetória dele e é o caminho que para ele funciona quando se tem a visão de replicar o projeto no mundo todo.

Em síntese, a forma narrativa é rica em detalhes biográficos que ele associa com a tomada de decisões importantes na sua vida que o levaram a ser empreendedor social hoje. O seu relato é bastante organizado, respeitando uma cronologia e narrando eventos que trouxeram os principais aprendizados utilizando algumas frases-chave como: Democratização de serviços e inclusão social.

Capítulo 7

Análise e discussão

A complexa relação entre o empreendedor social, outros e sociedade e como a partir desta relação ele se reconhece e é reconhecido, foi vivenciado no exercício científico realizado por mais de quatro anos. As construções identitárias como narrativas articuladas em contexto e tempos específicos da vida dos empreendedores sociais os colocaram em ação sobre os possíveis significados que tinham sobre si mesmos, os outros (família, amigos, colegas de escola e faculdade, personalidades importante do setor privado e público entre outros nomeados) e a sociedade, principalmente na relação com a problemática social que despertou o projeto de vida e pela qual trabalham nos dias atuais.

Análise dos pontos de inflexão das histórias de vida dos participantes

Após a análise das características associadas ao processo narrativo e dos pontos de inflexão na história de vida de cada empreendedor participante, se logrou realizar uma categorização que ressaltasse os principais resultados do grupo. As categorias criadas a partir da análise das histórias vida foram:

A primeira categoria, o discurso dominante entendido aqui como uma narrativa oficial e legitimada coletivamente (Ribeiro 2008) que descreve a significação de si, dos outros e com a problemática social que determinou o tipo de empreendimento social fundado por ele ou ela.

A segunda categoria foi o posicionamento do empreendedor em relação ao mundo em que vive e como compreende a relação deste mundo com a posição escolhida e legitimada. Análise feito à luz da definição do Castel (1997) quem propõe que as relações com ao mundo gerariam analisar quatro tipos de posições nas pessoas:

- a) Individualismo coletivo: Identificação da pessoa com pequenas sociedades que vivem para si e que assegura uma identidade social e uma proteção máxima, sendo comunidades que tendem ao fechamento;
- b) Coletivismo: busca de uma posição em que as referências socio - laborais sejam determinantes para a vida das pessoas, numa modelização das relações sociais;
- c) Individualismo moderno: posição que coloca a pessoa como ser moral, independente, autônomo e não social, perseguidor de seus interesses e utiliza as relações sociais para si não para ser limitado ou enquadrado;
- d) Individualismo negativo: Marcado pela dificuldade extrema da pessoa ser o que aspira ser pois vivencia um enfraquecimento dos referenciais socio laborais.

A terceira categoria criada a partir das análises foi das formas e dos estilos narrativos na história de vida. Sobre a forma empregada se foi épica, romanceada, metafórica ou poética. E sobre o estilo narrativo se foi um processo caracterizados por ser propriamente uma narração ou então uma descrição, um discurso argumentativo ou uma teorização Rosenthal (1993).

A quarta categoria surge da identificação e agrupação dos pontos de inflexão da história dos empreendedores onde este teve que acionar processos de construção da personalidade no discurso, construir singularidade e uma continuidade pessoal e como é exposto por McMahon (2007) ao definir construção identitária, expondo também que, não pode-se reduzir a uma grande narrativa singular, porque está se construí a partir de narrativas de muitas histórias de vida

E finalmente uma quinta categoria com as frases chaves nomeadas durante as entrevistas que foram repetidas em todos os encontros e foram identificadas nos vídeos e matérias jornalísticas analisadas de cada empreendedor social. No seguinte quadro se :

apresenta esta sistematização da análise das histórias de vida dos empreendedores sociais participantes

Tabela 3 – Sistematização das análises das histórias de vida de 8 empreendedores sociais latino-americanos

País	Empreendedor Social	Posicionamento	Discurso Dominante	Construções identitárias como empreendedor social identificadas	Formas e estilos narrativos	Palavras-chaves na narração
Argentina	Delfina	Coletivo	Desenvolvimento social e modelos de administração municipal	1. A Identificação da problemática, sobre a administração dos municípios ainda na faculdade 2. O processo de pesquisa e criação de uma metodologia alternativa para a administração de municípios 3. A Busca de uma organização para aprender a empreender e consegue ser incubada por uma organização e depois desiste 4. A decisão de alugar o escritório, busca patrocínio e conhece o atual presidente argentino 5. Recebe diversos prêmios internacionais e utiliza estes investimentos para contratar times qualificados	Argumentativa e teórica	"A inovação nasce a partir da partilha do conhecimento entre equipes governamentais"
	Jose	Coletivo	Inclusão social por meio da venda de alimentos ao granel e sustentável	1. Identificação da problemática das compras ao granel ou fragmentadas em comunidades 2. Analise como funciona o sistema de comercio e venda de produtos alimentarias 3. Junta-se com colegas da faculdade e nasce a ideia de revolucionar as compras ao granel 4. Inauguração do empreendimento com múltiplos erros acontecem pelo qual pensam em desistir projeto 5. Viaja a Alemanha a fazer uma implementação do modelo lá e a partir disto ganha visibilidade	Metafórica e argumentativo	"para mudar o mundo o primeiro que tem que passar por essa mudança é você"
Brasil	Ari	Individual	Intercâmbio cultural em jovens de escolas públicas, moradores das periferias do Brasil.	1. Experiência de viagem no exterior e processo de conscientização sobre a importância de intercambio 2. A volta ao país e o começo de seu papel como professora de inglês 3. A mobilização para o empreendimento social como forma de mostrar a outros jovens como fazer intercambio a baixo custo 4. O processo de administração da organização social e o posicionamento como líder	Poético e descritivo	"O intercambio é um divisor de águas"

País	Empreendedor Social	Posicionamento	Discurso Dominante	Construções identitárias como empreendedor social identificadas	Formas e estilos narrativos	Palavras-chaves na narração
Chile	Carlos	Individual	A autonomia a faculdade de decisão de mudança das pessoas	1. A influência da Mãe 2. O jornalista e escritor que percebe pontos positivos em polos extremos nas classes sociais e o surgimento da ideia empreendedora 3. A mobilização para construir o empreendimento integrando as estratégias identitárias que o protegeram quando adolescente, o esporte, a cultura e a qualificação profissional 4. O posicionamento como empreendedor social reconhecido 5. A consolidação do papel como palestrante reconhecido	Poético e argumentativo	" Não importa de onde você vai e sim para onde você vai"
	Hector	Coletivismo	Inclusão social e recuperação socioambiental	1. Reabilitação do pai e projeto social de Boxe 2. Momento de criação da rede ambientalista junto com amigos 3. Começa a ser professor universitário 4. Começa a trabalhar como consultor para empresas	poética e descritiva	"Eu não escolhi o empreendedorismo social, o empreendedorismo social me escolheu a mim"
	Kaira	Coletivismo	Democratização da educação científica e equidade de gênero	1. A identificação da problemática com os laboratórios de ciências 2. A participação em concurso para apresentar a possível solução " o laboratório mobile" 3. A perda do concurso, mas o ganho do socio e da rede de parceiros 4. A criação do empreendimento social e os fracassos com o produto 5. O reconhecimento internacional que levaram o empreendimento para o Silicon Valley	Descritiva e teórica	" Empreender é uma jornada de ensaio erro."
Colômbia	Camilo	Individual	Democratização da iluminação em comunidades em extrema pobreza.	1. A decisão de empreender quando conhece o projeto de iluminação sustentável nas Filipinas 2. A criação do projeto e chamada de colegas para agir numa prova-piloto 3. O gerenciamento da operação do projeto e da crise vinda da situação de plagio 4. A legitimação da sua identidade como empreendedor social pelos reconhecimentos e prêmios	Narrativa e descritiva	"Democratização de serviços de iluminação sustentável"

País	Empreendedor Social	Posicionamento	Discurso Dominante	Construções identitárias como empreendedor social identificadas	Formas e estilos narrativos	Palavras-chaves na narração
	Viviana	Coletivismo	Equidade de gênero e prevenção violência doméstica	1. A criação dos grupos de acolhimento nas comunidades 2. A liderança de programas sociais dentro da secretaria da mulher 3. A criação do projeto de modelo alternativo de acolhimento diferencial e se frustração quando o projeto é engavetado 4. A fundação da própria ONG para dar continuidade ao projeto 5. O abandono no projeto por ameaças 6. O reconhecimento nacional pela criação do Botão de Pânico e virada para palestrante	motiva e descritiva	“Estou fazendo o que fosse querido outros fizessem por mim, a fundação é meu legado”

A partir desta sistematização pode-se compreender que cada empreendedor social apresenta um discurso dominante baseado especificamente na visão do mundo configurada de como se reconhece como sujeito, em todos se posicionando como um agente ativo de mudança social e da percepção sobre como é reconhecido pelos outros, incorporando neste discurso por alguns dos participantes a valorização que representa para eles os contextos acadêmico, para outros o Governo, e para todos as empresas privadas e a comunidade atendida.

O conjunto de posicionamentos na narrativa sobre sua vida permitiu localizar os empreendedores entre as posições de relação com o mundo expostas por Castel (1997), em alguns pontos de inflexão se caracterizam pelo coletivismo e como a vida e as escolhas são orientada pelas referências socio laborais, que nas histórias de vida do Hector, Viviana e Kaira são mobilizadoras identificar a problemática social e fundar o empreendimento social.

Diferentemente, na história de vida de Carlos que se percebe um posicionamento individualista frequentemente validado nas narrativas por frases que o colocavam como o ator principal da sua trajetória como empreendedor social e como processo de motivação intrínseca são causa do sucesso percebido por ele até o momento. Este posicionamento também é conhecido por Carlos como parte fundamental da mensagem que leva para os jovens da sua organização, colocando que eles são donos de seu destino e tudo depende da motivação e vontade de sair de situações de crise. Na mesma linha Ari e Camilo se posicionam como fazedores do seu próprio destino, se colocando em situações de crise como os principais responsáveis do empreendimento fundado, em oportunidades subestimando a equipe conformada.

Observa-se nas narrativas dos oito empreendedores que se apresentam alguns pontos de inflexão similares onde eles produziram construções identitárias, que se caracterizaram

por acionar processos de construção da personalidade no discurso, construir singularidade e lutar por uma continuidade pessoal.

A primeira similitude vem das construções identitárias relacionadas com as dinâmicas familiares vivenciadas, os vínculos com os pais e aprendizagem sobre sensibilidade ou compromisso social pelo exemplo de familiares próximos durante a infância e adolescência do empreendedor. Sete dos Oito empreendedores sociais relataram processos de construção da personalidade nas dinâmicas familiares associadas como exemplo, a Kaira relatava como aprendeu o valor do trabalho forte, compromisso e valorização da educação pelos pais e a importância que estes valores tinham no lar, frequentemente cobrados dela e do irmão. Por outro lado, a Delfina reconheceu durante os relatos que a sensibilidade social esteve nela desde criança devido ao exemplo vindo do pai quem participava de projetos sociais quando ela e seus irmãos eram ainda crianças e que devido a este exemplo, hoje ela e os irmãos são empreendedores sociais.

Por outro lado, se tem um processo de abandono e restauração do vínculo paterno em dois empreendedores o Hector e o Carlos, eles narraram como sofreram o abandono do pai quando crianças, o pai do Carlos foi preso e o pai do Hector era dependente do álcool. Posteriormente os dois empreendedores conseguem restaurar o vínculo com o pai e reconhecendo admiração pela história de restauração. Foi identificado que no caso da Viviana também se sofreu abandono por parte dos pais mas nunca se recuperou o vínculo familiar. Dos empreendedores, só no Jose não foi possível identificar pontos de inflexão relacionados com a família.

A falta de recursos econômicos, vir de família pobre, foi identificado como um ponto de inflexão que mobilizou a três dos empreendedores sociais, segundo as narrativas: a Ari percebeu que o fato da família ser pobre limitava os acessos para fazer intercâmbio

internacional, o Carlos coloca que o contexto violento da comunidade fez com que ele perdesse amigos e familiares por culpa das drogas, e o Camilo que a falta de recursos econômicos para pagar a faculdade e o fato de ter que manter a mãe e irmã, o fizeram abandonar a faculdade em duas oportunidades. Diferente dos outros seis empreendedores sociais a Kaira e a Delfina provierem de famílias de classe média e durante as narrativas não ressaltaram fatores associados a falta de recursos econômicos no eixo familiar.

Outra construção identitária dos empreendedores sociais está associada às narrativas de si produzidas a partir da identificação da problemática social. Foi analisado que este processo de identificação da problemática social surge nos empreendedores sociais por médio de processos diferenciais, alguns participantes experienciaram, sofreram e enfrentaram a problemática eles mesmos ou algum familiar próximo como é o caso do José quando percebe que as compras ao granel ou fraccionadas geram um custo superior em comparação a quando se compra em grandes volumes. Ou na história da Ari, quando relata que sonhava com fazer intercâmbio internacional más nunca teve acesso a informações ao respeito. A Viviana por outro lado sofreu por anos a violência doméstica e a falta de acolhimento dos órgãos estatais responsáveis pela problemática no país dela. A Kaira conhece e vivencia a problemática de falta de equipamentos nos laboratórios da escola e da faculdade de Bioquímica, O Carlos vivencia a morte de amigos e familiares pelas drogas e o crime na comunidade e o Hector o vê na história do pai, associada com o abandono do filho e o alcoolismo. O Camilo por outro lado, conheceu comunidades afastadas sem serviço elétrico em casas e lugares públicos, e se bem ele não fazia parte desta comunidade, ele faz a identificação da necessidade.

Diferentemente, dos outros empreendedores sociais do grupo participante nesta pesquisa, a Delfina conhece a problemática por meio de um contexto acadêmico nas aulas da

faculdade e posteriormente realiza uma pós para compreender a problemática e buscar soluções alternativas.

Posteriormente foi identificado que a mobilização para exercer o projeto empreendedor teve sempre um chamado ao coletivo, os 8 empreendedores sociais após a identificação da problemática social recorrem a outros para validar, pedir acolhimento ou apoio financeiro para executar o empreendimento social desejado.

A construção de capacidades associadas à liderança, é desvelada nas histórias de vidas dos empreendedores sociais, como cobradas externamente pelo surgimento de crises e o crescimento acelerado do empreendimento. Estes eventos demandaram uma mudança no posicionamento, relatado por alguns deles como a saída do romanticismo que as vezes se vivencia quando se pensa em empreender e a passagem para um posicionamento mais crítico, que busca que a equipe liderada cresça, que exista um planejamento estratégico que foque na visão do empreendimento ou responder às crises associadas com os produtos ou serviços oferecidos à sociedade.

Esta maturidade como líderes possibilitou o desenvolver ofícios como palestrantes no caso do Carlos, do Jose, da Kaira e do Camilo, que em dias atuais cumprem com compromissos em diversos eventos ao redor do mundo, onde por meio de palestras apresentam a história de eles e do empreendimento social fundado e liderado. É como consultores e professores como no caso do Hector que se desenvolve além de empreendedor, como consultor para empresas privadas em temas associados à responsabilidade social corporativa, oferecendo a experiencia na criação de programas sociais, programas de voluntariado corporativo e mensuração do impacto social. E também já teve a oportunidade de trabalhar como professor universitário em cursos de curta duração e especializações associadas a temas de impacto e desenvolvimento social.

Diferentemente do grupo de participantes, a Ari e a Viviana estão de forma integral na liderança de seus empreendimentos, e cabe ressaltar que do grupo são as empreendedoras mais novas, em média os empreendimentos sociais fundados tem menos de 5 anos o que se considera pode ser um fator chave já que a fase de crescimento do empreendimento demanda delas dedicação integral na busca de pontos de equilíbrios econômicos e de gestão organizacional.

Finalmente dentro das construções identitárias e analisada uma mobilização importante relacionada com o reconhecimento nacional e internacional do trabalho e a rede de apoio conformada por organizações internacionais, grupos de empresários que tem uma alta valorização por parte dos empreendedores pela participação na expansão e consolidação de grandes patrocínios para os empreendimentos.

As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-americanos

A continuação se propõe uma análise das similaridades e diferenças respeito as construções identitárias identificadas nos empreendedores sociais na seção anterior. Esta análise é feita com base nos seguintes autores: Castel (1997), Touraine (1998), Castell (2001) e Demazière e Dubar (2006), os quais trabalham à luz da perspectiva do construcionismo social, perspectiva adotada na presente pesquisa e na qual a realidade é colocada como uma intersubjetividade construída.

A construção identitária de trabalho que restaura e reafirma. Esta categoria nasce da análise das construções identitárias associadas à dinâmica familiar, as condiciones econômicas precárias e a identificação da problemática social como vivenciado.

Castell (2000), expõe uma origem para construção da identidade que o autor chama de resistência, está se caracteriza por ser criada por atores que se encontram em

posições/condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. Estas construções identitárias expostas pelo autor permeiam as narrativas dos empreendedores sociais participantes quando se analisam a significação de si e do mundo, construídas a partir de condições familiares como o processo de abandono e restauração do vínculo paterno, como o fato de vir de família pobre foi um ponto de inflexão que mobilizou aos sujeitos a tomar decisões críticas.

De forma complementar esta construção identitária que restaura é possibilitada pelo que Touraine (1998), enfatiza sobre o mundo contemporâneo e o gradativo enfraquecimento dos controles sociopolíticos, que no caso do latino américa se vê nitidamente exemplificado pelos modelos neoliberais que lideram as econômicas e dinâmicas políticas. O autor identifica uma fragmentação sociocultural produto da dissociação entre o mundo instrumental- econômico e a cultura- mundo simbólico o que leva o indivíduo a se posicionar como forma de criar significados que o protejam e no caso dos empreendedores participantes que gerem significados de reparação do vínculo com os outros e o autoconceito.

Nesta ação é possibilitada uma leitura sobre o contexto, como este pode ser reparado ou resistir a ele, surgindo uma conscientização por parte do empreendedor social sobre as causas e características da problemática social e principalmente o desejo de confronta-la.

Da construção identitária de trabalho que restaura à construção identitária de projeto de vida. Esta categoria foi construída a partir da análise das construções identitárias associadas à mobilização para exercer o projeto empreendedor e as dinâmicas como líder e gestor do próprio empreendimento social.

O sujeito, como é explicado por Castel (1997), começa a construção do projeto pessoal com foco na combinação entre a economia e a cultura, e as leituras sobre estas. Possibilitam a conscientização como negociador das relações e posicionamentos no mundo. Nesta linha surge a identidade de projeto, exposta por Castells (2000), onde os sujeitos são os atores sociais que buscam atingir um significado holístico em sua experiência. A construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, com base numa identidade oprimida, expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade.

Por outro lado, a realização do projeto de vida demanda o desenvolvimento de estratégias identitárias no empreendedor social relacionadas com a necessidade de liderar um projeto em construção que trabalha sob a promessa de mudar realidades e vidas.

Essa construção da identidade, segundo Castells (2000), significa que as pessoas, precisam participar de movimentos pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e novos significados podem ser produzidos. Embora, seja perceptível nas narrativas dos participantes uma posição moral, independente que persegue interesses e as formas coletivas de enquadramento como é colocado por Castel (1997) falando de um individualismo moderno, ao chamar este tipo de posicionamento de “empreendedor” aproximamos esta construção de mobilização para um posicionamento coletivista donde a busca da posição social está atrelada a uma modelização das relações sociais e a busca de

acolhimento por amigos e mentores, principalmente nos momento de crise e expansão do projeto.

Da construção identitária de projeto de vida à construção identitária legitimadora. Esta categoria analisa as construções identitárias estruturadas a partir das redes de apoio e as construções identitárias vindas dos ofícios que se tem desdobrado do papel como empreendedor social.

Nas análises das diferentes narrativas dos empreendedores sociais especificamente na sua fase de maior crescimento e reconhecimento social, ganho de prêmios internacionais, bolsas e grandes patrocínios se percebe uma mobilização relacionada com os significados e discursos das redes de apoio a qual cada empreendedor pertence. Como por exemplo, Ashoka, fundação Obama, Forbes entre outras nomeadas. O reconhecimento por parte de estas organizações não só abriu portas de oportunidades para os empreendedores, permitiu que alguns expandir o empreendimento a outros países.

Embora o empreendedor social não conte ainda com instituições formais como universidades e escolas que o certifiquem como empreendedor social se existe uma relevância e influência de estas organizações internacionais para o empreendedor social. Ser reconhecido por elas além de um apoio financeiro significa fazer parte de uma rede de trabalho mundial de empreendedores sociais e sem dúvida foi analisado nos empreendedores é um ponto de inflexão que os mobiliza a aproveitar estas redes e oportunidades vindas delas, administrar a exposição que surge por jornais e redes sociais e manter um posicionamento coerente com a problemática social atendida.

Nesta linha a identidade legitimadora proposta por Castell (2000), trata-se do tipo mais importante de construção de identidade já que nasce da articulação do projeto pessoal

com interesses coletivos que no caso do empreendedorismo social possibilita a vigência e impacto social.

Capítulo 8

Conclusões

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como ocorrem as construções identitárias de trabalho em oito empreendedores sociais dos países Argentina, Brasil, Chile e Colômbia. E de forma específica, descrever a trajetória de carreira dos empreendedores sociais participantes do estudo; analisar os pontos de inflexão que possibilitaram o processo de construção de identidade de trabalho como empreendedores sociais e comparar as diferenças e semelhanças entre construções identitárias dos diferentes participantes.

A análise da história de vida de forma individual, desvelando os pontos de inflexão, discursos e narrativas em cada empreendedor social participante, ajudou a aprofundar e descrever como foi edificada a trajetória de carreira e principalmente como cada empreendedor identificou a problemática social, eixo do empreendedorismo fundado. Por outro lado, identificou-se como se avança nesta trajetória e as diferentes estratégias identitárias criadas para responder as demandas e condições socioculturais de cada país.

Nota-se que os empreendedores participantes possuem trajetórias que são reconhecidas pelos resultados de alto impacto social conseguidos em poucos anos, (média de 7 anos), por conseguir articular organizações com presença em vários estados do país onde atuam e alguns deles já atuam internacionalmente. São adultos jovens (28 aos 35 anos), com boa qualificação profissional (pós-graduação e MBA), classe média e média alta e desempenham outros papéis sociais além de empreendedores sociais como professores, consultores corporativos e palestrantes.

As principais similaridades identificadas estão relacionadas com a construção de identidade a partir de fatores familiares e de condições econômicas, estas similaridades inspiraram a criação de uma das categoria descritas na seção anterior, **construções**

identitárias de restauração que possibilitaram ao empreendedor social se mobilizar e criar novos significados dele e do mundo, e neste exercício reparando vínculos familiares e o seu autoconceito. Todavia, a partir desta ação, possibilitou-se uma leitura sobre como as problemáticas do seu contexto sociais poderiam ser reparadas, surgindo uma conscientização por parte do empreendedor social sobre as causas e características da problemática social e principalmente o desejo de confronta-la.

Em seguida, se identificaram similaridades nas construções identitárias associadas aos pontos de inflexão relacionados com a tomada de decisão sobre empreender e a mobilização para um de projeto de vida, o qual lhes possibilitou se posicionar como agentes sociais que buscam uma transformação de si mesmos e da sociedade. Estes pontos de inflexão similares entre os empreendedores sociais inspirou a categoria **construções identitária de projeto de vida**. Neste ponto, o motor que impulsiona à tomada da decisão de empreender é a inquietação sobre uma problemática social, que posteriormente e com o ganho de maturidade do empreendimento vai demandando a criação de estratégias de identidade que acompanhem o crescimento do projeto de vida e a capacidade de resposta ante flutuações do contexto.

Finalmente foi construída na mesma linha de trabalho, uma **construção identitária de trabalho legitimadora**. Nesta aparecem similaridades nos empreendedores sociais relacionadas com o crescimento, o reconhecimento da trajetória do empreendedor por parte de organizações nacionais e internacionais que o integram nas comunidades de mentores, investidores e acompanham o percurso de crescimento do empreendimento social. Isto pode gerar um posicionamento paradoxal no empreendedor social, por um lado conta com uma rede de acolhimento e que estimula o crescimento constante do impacto social objetivo, mas por outro lado se cobra do empreendedor coerência com discursos institucionalizados em

estas organizações, o que influencia a visão do empreendedor social sobre a problemática e sobre ele mesmo.

Já as diferenças entre os participantes correspondem ao posicionamento que incorporam no processo narrativo. Em primeiro lugar, ao posicionamento deles nos relatos. Alguns dos participantes se mostraram individualistas ao colocar o motivo e responsabilidade de empreender neles mesmos, tornando-os “fazedores do próprio destino”, enquanto outros participantes ressaltavam condições da relação com a família, amigos e a problemática social como principal motivo para empreender socialmente e manter sua atuação vigente.

Em segundo lugar, ao discurso dominante, o qual está fortemente ligado ao tipo de empreendedorismo social que eles desenvolvem e a percepção sobre a transformação social estar ligado com agentes vinculados nos projetos que lideram, como por exemplo, o estado, o mercado e as redes de desenvolvimento do empreendedorismo nacionais e internacionais.

Os resultados obtidos reafirmam a ideia de que a trajetória da identidade se articula entre um processo biográfico numa dimensão psicológica destinada a si, e um processo relacional que gera significados a partir das transações entre a identidade atribuída pelo outro e a identidade assumida pelo empreendedor social.

Referências

- Association, G. E. (2018). *GERA Global Entrepreneurship Monitor: Global Report*. GEM.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições.
- Bendassolli, P. F., & Borges-Andrade, J. E. (2012). Representações e estratégias identitárias na experiência do artista. *Revista Psicologia & Sociedade*, 607-618.
- Bose, M. (2004). *Gestão de pessoas no terceiro setor (Dissertação de mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Corrêa, R. O., & Teixeira, R. M. (2012). Empreendedorismo social e redes de relacionamento: estudo de casos múltiplos em organizações com fins sociais. *anais do encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em administração*. Rio de Janeiro.
- Coutinho, M. C., Krawulski, E., & Penna Soares, D. H. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19, 29-37.
- de Melo Neto, F. P. (2002). *Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável*. Brasília: Qualitymark Editora Ltda.
- de Queiroz, M. I. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: TA Queiroz.
- de Vasconcelos, A. M., & Lezana, Á. G. (2012). Modelo de ciclo de vida de empreendimentos sociais. *Revista de Administração Pública*, 1037-1058.
- Dees, J. G. (2003). *Social entrepreneurship is about innovation and impact, not income*. . new York: Social edge.
- Dubar, C. (1997). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto.

- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.
- Gergen, K. J. (1998). Constructionist dialogues and the vicissitudes of the political. *The politics of constructionism*, 33-48.
- Godói-de-Sousa, E., Mendonça, J. M., de Sousa, M. G., & dos Santos, L. T. (2014). O Perfil do Empreendedor Social e Suas Dimensões de Atuação: Seis Casos no Município de Uberlândia-MG. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 3-31.
- Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar*. São Paulo: Record.
- Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pósmodernidade*. Rio de Janeiro: DP & A.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: TupyKurumin.
- Johnson, S. (2000). Literature review on social entrepreneurship. *Canadian Centre for Social Entrepreneurship*, 16, 23.
- Kantis, H., & Federico, J. (2014). *Dinámica empresarial y emprendimientos dinámicos: ¿Contribuyen al empleo y la productividad?: El caso argentino*. Banco Interamericano de Desarrollo.
- Kantis, H., Federico, J., & Magendzo, A. (2016). *Condiciones sistémicas e institucionalidad para el emprendimiento y la innovación: Hacia una agenda de integración de los ecosistemas en los países de la Alianza del Pacífico*. España: Banco Interamericano de Desarrollo.
- Luque Ramos, P. J., Tomás, G. D., & Cruces Montes, S. J. (2000). El trabajo: fenómeno psicosocial. Em C. Guillén Gestoso, *Psicología del trabajo para relaciones laborales* (pp. 147-164). Madrid: McGraw-Hill.
- Machado, H. (2003). A identidade e o contexto organizacional. *RAC*, 51-73.
- Malvezzi, S. (1997). O trabalho do empreendedor. *Revista de Marketing Industrial*, 46-50.

- Mead, G. (1934). *Espíritu, persona y sociedad*. Buenos Aires: Paidós.
- Medrano, V. C. (2015). Aprendizagem organizacional e empreendedorismo social na atual configuração do mundo do trabalho. *Revista Guillermo de Ockham*, 67-78.
- Muñoz, P., Kimmitt, J., Tomás, S., & Velázquez, L. (2016). *Estructura y dinámica del emprendimiento social en Chile: Reporte 2016*.
- Navarro, A. M., Climent, V. C., & Palacio, J. R. (2011). Emprendimiento social y empresas de inserción en España. Aplicación del método Delphi para la determinación del perfil del emprendedor y las empresas sociales creadas por emprendedores. *REVESCO: revista de estudios cooperativos*, 106-150.
- Navarro, A. M., Climent, V. C., & Palacio, J. R. (2011). Emprendimiento Social y Empresas. Aplicación del Método Delphi para la Determinación del perfil del emprendedor y las empresas sociales creadas por emprendedores. *REVESCO*, 259-282.
- Nicholls, A. (2008). *Social entrepreneurship: New models of sustainable social change*. Oxford: OUP.
- Oliveira, E. M. (2004). *Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias. Tese (Doutorado em Serviço Social)*. Franca: Universidade Estadual Paulista.
- Oliveira, E. M. (2016). Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios—notas introdutórias. *Revista da FAE*.
- Pamphilon, B. (1999). The Zoom Model: A Dynamic Framework for the Analysis of Life Histories. *Qualitative Inquiry*, 5(3), 393-410.
- Paulilo, M. (1999). A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço social em revista*, 135-148.

- Quintão, C. (2004). Empreendedorismo social e oportunidades de construção do próprio emprego. *Seminário Trabalho social e Mercado de Emprego, Painel Políticas Sociais e Mercado de Emprego Universidade Fernando Pessoa*, 15-39.
- Ribeiro, M. A. (2009). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 203-216.
- Ribeiro, M. A. (2012). Las Construcciones Identitarias en el Trabajo en la Contemporaneidad: Retrato de un Grupo de Trabajadores de São Paulo. *Psykhé*, 61-75.
- Ribeiro, M. A. (2014). *carreiras, novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. São Paulo: Juruá Editores.
- Ribeiro, M., & Uvaldo, M. (2011). Possibilidades identitárias contemporaneas em um mundo de trabalho flexibilizado. *Polis e psique*, 55-79.
- Rivas, G. (2014). *El fomento al emprendimiento dinámico en países del Cono Sur de América Latina: Análisis de experiencias y lecciones de política*. Banco Interamericano de Desarrollo.
- Rosero, O. (2006). Emprendimiento y aprendizaje organizacional: tendencias y perspectivas desde la psicología organizacional y del trabajo. (*Trabajo de Maestría*) Universidad del Valle. .
- Rouere, M. d., & Machado Pádua, S. (2001). *Empreendedores sociais em ação*. São Paulo: Cultura Associados.
- Santos, C. (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interações*, 123-144.

- Singer, J. A. (2004). Narrative identity and meaning making across the adult lifespan: An introduction. *Journal of personality*, 437-460.
- Sisto, V., & Fardella, C. (2008). Narrándose en la flexibilidad. Un análisis narrativo discursivo de la identidad en tiempos de flexibilidad laboral. *Revista de Psicología*, 17, 59-80.
- Soto, Á. (2011). Narrativas de profesionales chilenos sobre sus trayectorias laborales: la construcción de identidades en el trabajo. . *Psykhé (Santiago)*, 15-27.
- Souza-Silva, J. C., & Schommer, P. C. (2008). A pesquisa em comunidades de prática: panorama atual e perspectivas futura. *Organizações & Sociedade*, 105-127.
- Uvaldo, M. C. (2011). Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo do trabalho flexibilizado. *Revista Polis e Psique*, 57-79.
- Vicens, L., & Grullón, S. (2014). *Innovación y emprendimiento: Un modelo basado en el desarrollo del emprendedor*. Banco Interamerica de Desarrollo.